



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

GUILHERME NICHOLS

ALÉM DA LITERATURA SURDA:

A sinalização menor como potência criativa no uso da
Língua Brasileira de Sinais

Campinas
2025

GUILHERME NICHOLS

ALÉM DA LITERATURA SURDA:
A sinalização menor como potência criativa no uso da
Língua Brasileira de Sinais

*Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas como parte
dos requisitos exigidos para a obtenção do título de
Doutorado em Educação, na Área de Educação.*

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Cristine Ribeiro Nascimento
Coorientadora: Profa. Dra. Vanessa Regina Oliveira Martins

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO
GUILHERME NICHOLS, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. LILIAN CRISTINE RIBEIRO
NASCIMENTO

Campinas
2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

N515a Nichols, Guilherme, 1987-
Além da literatura surda : a sinalização menor como potência criativa no uso da língua brasileira de sinais / Guilherme Nichols. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Lilian Cristine Ribeiro Nascimento.
Coorientador: Vanessa Regina de Oliveira Martins.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Literatura Surda. 2. Língua Brasileira de Sinais. I. Nascimento, Lilian Cristine Ribeiro, 1966-. II. Martins, Vanessa Regina de Oliveira. III. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Beyond deaf literature : minor signing as a creative force in the use of Brazilian Sign Language

Palavras-chave em inglês:

Deaf Literature

Brazilian Sign Language

Área de concentração: Educação

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora:

Lilian Cristina Ribeiro Nascimento [Orientador]

Christian Guimarães Vinci

Lodenir Becker Karnopp

Marcio Hollosi

Alexandre Filordi de Carvalho

Vanessa Regina de Oliveira Martins

Data de defesa: 31-01-2025

Programa de Pós-Graduação: Educação

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

ODS: 4. Educação de qualidade

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-2477-0865>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/2368933774638597>

Profa. Dra. Lilian Cristina Ribeiro Nascimento
Prof. Dr. Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci
Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp
Prof. Dr. Marcio Hollosi
Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

“Um idiota é um idiota.
Dois idiotas, são dois idiotas.
Dez mil idiotas são um
partido político”

Franz Kafka

AGRADECIMENTOS

Esses vários anos de pesquisa foram desafiadores de construção e amadurecimento. Nada foi fácil. Agradeço, universo, por tudo. Eu entrego, confio, aceito e permito. Cada dia é uma nova oportunidade de encontrar significado e gratidão por tudo o que conquistamos.

Por ser meu melhor amigo e o grande amor da minha vida, eu te agradeço a você, Jason John Nichols, por ser o pai do nosso pequeno príncipe Zyan Athos Nichols, meu eterno amado.

Aos meus avós, Marian Juraci Bento da Silva (*in memoriam*), a saudade e as lembranças que deixaram comigo serão eternas, e o Guilherme Silva, obrigado por ter amor por mim. Aos meus pais, Eliane Bento da Silva Oliveira e Itamar Oliveira, quero agradecer a vocês por tudo, e aos meus amados irmãos, Augusto Silva de Oliveira e Beatriz Silva de Oliveira.

À Professora Doutora Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e à Professora Doutora Vanessa Regina de Oliveira Martins, minha orientadora e coorientadora, agradeço o apoio incondicional, disponibilidade, compreensão, e pelos valiosos conselhos em relação aos meus estudos neste tema tão relevante para a comunidade surda.

Meus respeitosos agradecimentos aos professores Dr. Christian Guimarães Vinci, Dra. Lodenir Becker Karnopp e Dr. Márcio Hollosi pela valiosa contribuição durante a banca do exame de qualificação, e ao novo membro, Dr. Alexandre Filordi de Carvalho, pela participação como integrante da banca examinadora da defesa.

Não posso deixar de agradecer aos meus Tradutores e Intérpretes em Libras, principalmente Lilian Ferreira e Juliana Fernandes de Moraes, que fizeram parte desses momentos, sempre me auxiliando e incentivando, além de acompanhar em todas as aulas. Mesmo assim, quero expressar minha gratidão a Lucas de Almeida Castelhana, que recentemente foi aprovado no concurso para intérprete de Libras.

Minha gratidão aos intérpretes de Libras Adriano Romin e Luccas Araujo, que me acompanham durante o curso Técnico de Teatro. Por meio da arte, tenho a oportunidade de explorar minha criatividade e descobrir novas formas de expressão.

Gratidão que floresce em amizade e companheirismo, entrelaçados na verdade. Ademar Alves Jr. e Luccas Araujo se destacam entre arte, culturas e sonhos em constante movimento. Unidos pela comunidade surda, brilham juntos, compartilhando interesses que se cruzam e histórias que se entrelaçam. Cada gesto é um poema vivo, cada troca uma nova trilha a seguir. A amizade que os une inspira como uma luz que cintila, e em cada encontro, a arte renasce, criando um elo que celebra o crescimento, a criação e a vivência plena.

Dedico à Comunidade Surda Brasileira, que trouxe cores à minha vida e fez de mim ser surdo mais forte... Sem a língua de sinais, eu não existiria...

Gratidão aos participantes da pesquisa, são fundamentais para a minha tese. Sem eles, a tese de doutorado não teria acontecido. Meu eterno agradecimento com profundo respeito.

Manifesto aqui a minha gratidão ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, seus docentes e funcionários, que desde 2017, quando ingressei como docente no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa – TILSP, têm me acompanhado neste percurso e acadêmico para minha formação como professor de TILSP, posição que ocupo atualmente. Em particular, agradeço às professoras Daniele Silva Rocha, Raissa Siqueira Tostes, Mariana de Lima Isaac Leandro Campos e Tatiane Cristina Bonfim.

Minha gratidão pela permanência dos estudantes surdos no espaço da universidade pública, aos funcionários e ao corpo docente da UNICAMP, bem como aos colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
– UNICAMP

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo, fundamentado nos conceitos da Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, realizar uma análise cartográfica das ações da "língua menor" na Literatura Surda enquanto ato de criação. Defendeu-se a noção de "minoração" da linguagem como uma potência criativa essencial para a construção de uma literatura menor. A pesquisa, situada no contexto da educação de surdos, buscou compreender como as produções da Literatura Surda, com foco na Sinalização Menor, potencializam processos criativos por meio de novos afectos que multiplicam os sentidos dos sujeitos e suas conexões. Os procedimentos metodológicos incluíram a análise de três registros de gravação de Literatura Surda, os quais abordaram poéticas em língua de sinais. O estudo também apresentou os participantes e incluiu entrevistas para coleta de dados sobre os afectos relacionados a essas obras literárias, articulando três dimensões de uma cartografia rizomática dos dados. Os registros de gravação apresentam mobilizações de sentidos a partir de uma "língua menor", trazendo variações lexicais padronizados ao promover criações linguísticas e múltiplos sentidos nas línguas de sinais. Os resultados desta tese indicaram que a Literatura Surda quando atravessada pela sinalização menor expressa uma forma potente de linguagem pela multiplicidade, rompendo com certas normas linguísticas tradicionais. A Literatura Surda não foi investigada diretamente no contexto escolar, mas os resultados sugerem que, ao permitir a desterritorialização, professores bilíngues e de Libras podem potencializar o uso de produções surdas, ampliando processos criativos em práticas educativas. A tese defende que a "minoração" da linguagem na Literatura Surda, por meio da Sinalização Menor, é uma potência criativa que rompe normas linguísticas e multiplica sentidos. Espera-se que este trabalho possa servir como base para futuras discussões e, sobretudo, para o fortalecimento do campo das Literaturas Surdas nos mais variados espaços institucionais.

Palavra-chave: Literatura Surda, Literatura Menor, Língua Brasileira de Sinais – Libras, Sinalização Menor

QR Code do resumo em Libras



¹https://drive.google.com/file/d/1sQmKqe1nxAm-zPVNrCVw0H5NDaaS5q4q/view?usp=drive_link

ABSTRACT

This study aimed, based on the concepts of the Philosophy of Difference by Gilles Deleuze and Félix Guattari, to conduct a cartographic analysis of "minor language" actions within Deaf Literature as an act of creation. It advocated the notion of language "minoration" as an essential creative force in building a minor literature. Situated within the context of deaf education, the research sought to understand how Deaf Literature productions, with a focus on Minor Signing, enhance creative processes through new affects that multiply the meanings and connections of subjects. Methodological procedures included the analysis of three videographic records of Deaf Literature, which explored sign language poetics. The study also introduced participants and included interviews to gather data on the effects related to these literary works, articulating three dimensions of a rhizomatic cartography of the data. The videographic records reveal mobilizations of meaning through a "minor language," presenting standardized lexical variations while promoting linguistic creations and multiple meanings in sign languages. The thesis results suggest that Deaf Literature, when permeated by minor signing, expresses a potent form of language through multiplicity, breaking with certain traditional linguistic norms. Within the school context, the research highlights the importance of using productions created by deaf individuals instead of canonical literatures translated into Libras, as commonly used in educational practices, since these productions foster creative processes. It is hoped that this work will serve as a basis for future discussions and, above all, for strengthening the field of Deaf Literatures across various institutional spaces.

Keywords: Deaf Literature, Minor Literature, Brazilian Sign Language – Libras, Minor Signing

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Poesia da Renata Freitas – “A dor do silêncio”	43
Figura 2- Configuração de mãos em Libras	107
Figura 3 - Poesia "Raízes Surdas" (2015)	126
Figura 4 - Poesia "Deafhood" (2015)	126
Figura 5 - "Poesia surda para sempre" (2020).....	127
Figura 6 - Recorte a "Poesia surda para sempre" de Rodrigo Custódio	129
Figura 7 - Recorte da poesia do Mourão	135
Figura 8 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento da laranja.....	139
Figura 9 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento.	140
Figura 10 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento.	141
Figura 11 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento.	141
Figura 12 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento	142
Figura 13 - Poesia "Deafhood" do Mourão	148
Figura 14 - Recorte da poesia "Raízes Surda" do Mourão	152
Figura 15 - Transição de imagens do participante de entrevista	154
Figura 16 - Recorte da poesia "Raízes Surda" do Mourão	154
Figura 17 - Recorte poesia "Raízes Surda" do Mourão.....	158
Figura 18 - Recorte da poesia "Deafhood" do Mourão	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - História 12 – “Sou capaz!	32
Quadro 2 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”	33
Quadro 3 - História 4 – Do Recife para o mundo”	33
Quadro 4 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”	34
Quadro 5- História 4 – “Do Recife para o mundo”	34
Quadro 6 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”	34
Quadro 7 - História 4 – “Do Recife para o mundo”	35
Quadro 8 - Literatura como forma de representação dos movimentos sociais.....	42
Quadro 9 - Elaboração de mapa mental	122
Quadro 10 - Entrevista os participantes	131
Quadro 11 - Organização de cartografia de rizoma	134
Quadro 12 - Minha versão da poesia "Raízes Surda" do Mourão	140
Quadro 13 Versão da minha poesia "Raízes Surdas" do artista/poeta Mourão.....	142
Quadro 14 - Minha versão da poesia "Raízes Surdas" do Mourão	143
Quadro 15 - Entrevista o participante II.....	143
Quadro 16 - Entrevista o participante III	144
Quadro 17 - Entrevista o participante IV	146
Quadro 18 - Entrevista o participante IV	146
Quadro 19 - Entrevista os participantes assistiram pela segunda vez a poesia "Deafhood"	148
Quadro 20 - Entrevista o participante 1	153
Quadro 21 - Recorte da minha versão da poesia "Raízes Surda" do Mourão	153
Quadro 22 - Entrevista os participantes	156
Quadro 23 - Versão da poesia "Raízes Surda do Mourão	159
Quadro 24 - Afecto do participante II	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trechos que marcam a representatividade social	42
Tabela 2 - Trabalho encontrado no banco da BDTD de acordo com o critério da pesquisa na base de dados	47
Tabela 3 - Trabalhos encontrados no banco de tese e dissertações da BDTD, divididos por região que abordam a temática da Literatura Surda e Literatura em Libras, e por isso foram validados.	49
Tabela 4 - A tabela do perfil de participante da pesquisa	97
Tabela 5- Leitura e análise linguística da poesia "Raízes Surda"	103
Tabela 6 - Leitura e análise linguística da poesia "Deafhood"	108
Tabela 7 - Leitura e análise linguística da "Poesia Surda para Sempre"	111
Tabela 8– Questionário para participação da pesquisa sobre as poesias	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Programa Pós-Graduação e orientador(a).....	52
--	----

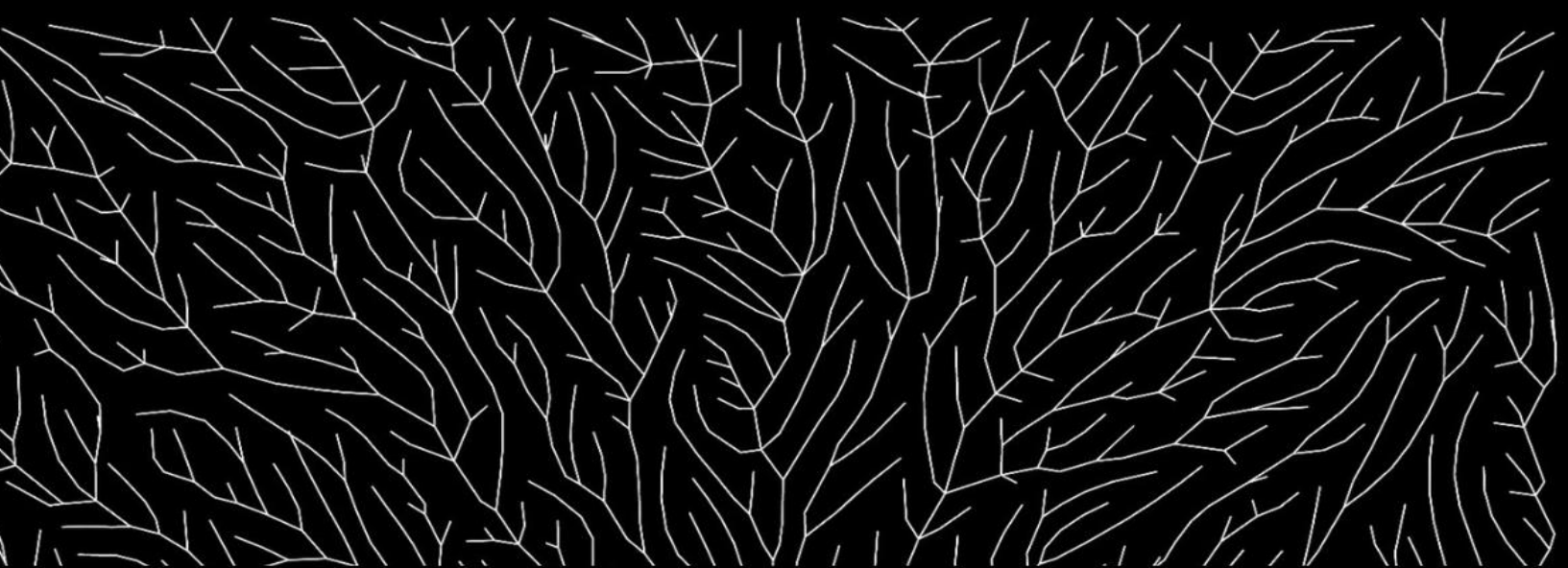
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
DM	Dissertações de Mestrado
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdo
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LL	Literatura em Libras
LM	Literatura Menor
LS	Literatura Surda
PUC	Pontifícia Universidade Católica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TD	Tese de Doutorado
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

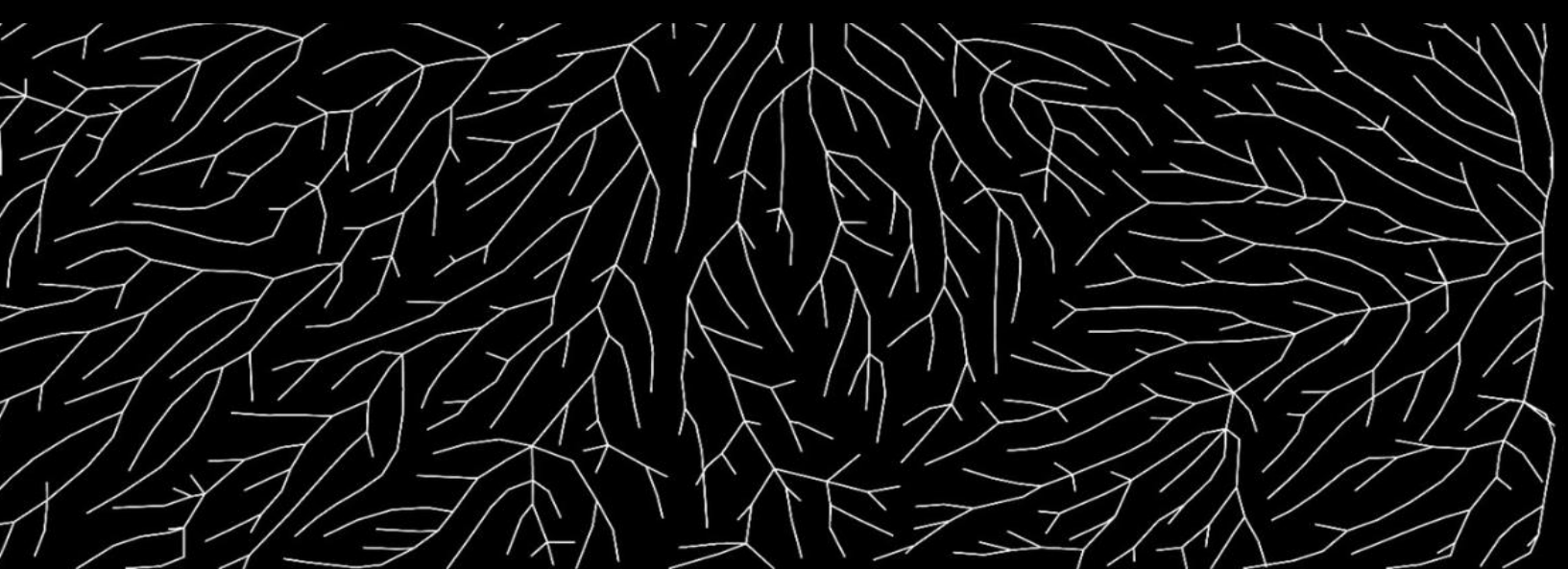
CAPA INTRODUTÓRIA	17
MAPA MENTAL	18
1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA PARA A PRESENTE PESQUISA	19
1.1 Obra de kafka como disparador teórico.....	28
1.2. Literatura menor e os eixos analítico-teóricos da pesquisa	29
1.3. Problema de pesquisa	35
1.4. Objetivo geral	36
2. REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA SURDA: Uma área singular no campo literário..	39
2.1. A literatura contemporânea	40
2.2. O campo de estudo das literaturas surdas e sua expressão em libras	44
2.3. Exposição das pesquisas sobre o campo da literaturas surdas.....	47
2.4. Temas das pesquisas:	53
2.4.1. Educação	53
2.4.2. Material didático	53
2.4.3. Tradução.....	54
2.4.4. Definição conceitual.....	54
2.5. Apresentando o campo de emergência das literaturas surdas	55
3. A MINORAÇÃO NA LITERATURA SURDA	64
3.1. Literatura menor.....	69
3.2. Língua menor: processo de minoração da linguagem	74
3.3. Territorialização (literatura brasileira) como exemplo: Literatura para/da/em libras como forma de tradução cultural.....	77
3.4. Desterritorialização/reterritorialização	78
3.5. Deslocamento i: Relações entre a literatura surda e a literatura menor.....	81
3.6. Deslocamento ii: Literatura surda menor: minoração promovido pelas minorias.....	86
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	91
4.1. Cartografia.....	94
4.2. O instrumento da pesquisa	96

4.3. Caracterização dos sujeitos de pesquisa	96
4.3.1. Critérios de seleção	97
4.3.2. Perfil dos participantes	97
4.4. Aspectos específicos da língua e literatura surda	98
4.5. Procedimentos éticos	99
4.6. Contribuição dos participantes	100
4.7. Caracterização das produções literárias de surdos sinalizantes	100
4.8. Exercício de leitura, análise das afecções e versão minha	102
4.8.1. <i>Raízes surdas</i>	103
4.8.2. <i>Deafhood</i>	107
4.8.3. <i>Poesia surda para sempre</i>	110
4.9. Aplicação da pesquisa	117
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	121
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
7. SINALÁRIO	169
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	172



ALÉM DA LITERATURA SURDA

A sinalização menor como potência criativa no
uso da Língua Brasileira de Sinais



Guilherme Nichols

Capítulo I Introdução

Base teórica

Citação

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas a que a minoria faz em uma língua maior.

(Deleuze; Guattari, 2017, p.35)

Em Kafka: Por uma literatura menor, Deleuze e Guattari arrancam a arte e a escrita do regime da interpretação e advogam uma concepção complementar nova da literatura.

Título

Além da Literatura Surda

Novas potências linguísticas de criação internas ao uso da Libras

Objetivo

O presente estudo teve como objetivo, fundamentado nos conceitos da Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, realizar uma análise cartográfica das ações da "língua menor" na Literatura Surda enquanto ato de criação.

Defendeu-se a noção de "minoração" da linguagem como uma potência criativa essencial para a construção de uma literatura menor.

Literatura Menor (3 características)

Conceito

1. Linguagem

- + Territorialização
- + Desterritorialização
- + Reterritorialização

- Língua Menor

- + Linha Molar
- + Linha Moleculares
- + Linha de Fuga

2. Ramificação Política

3. Valor Coletivo



Metodologia Pesquisa qualitativa

Os vídeos serão selecionados de acordo com os seguintes critérios

1 Etapa

1. Estudo sobre a territorialização da Literatura
2. Aproximá-lo as produções literárias menor criada por surdo
3. O estudo/análise de 3 vídeos

2 Etapa

Os vídeos serão apresentados participante de pesquisa individual.

1. Participante de pesquisa: Pessoa surda com fluência em Libras
2. Cartografia narrativa em Libras

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

PARA A PRESENTE PESQUISA

Era uma cidade do interior de São Paulo, onde o professor ministrava a disciplina de Literatura em Libras pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Um homem surdo de 35 anos, fluente em Língua Brasileira de Sinais – Libras, encontrava-se em um ambiente com um ventilador ligado, pois era o verão e quase o fim do ano, marcado pela temperatura mais elevada do dia, que superou o recorde anterior. Seu pequeno príncipe estava na escola naquele momento. Ele estava digitando diante da tela do programa Word, cujo fundo era branco, utilizando a fonte “Times New Roman” com tamanho 12 e espaçamento de linha de 1,5, e o texto estava justificado para distribuir uniformemente entre as margens, conforme as normas do formato de tese de doutorado do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

O tic-tac do teclado do computador ecoava como uma vibração em minhas mãos: tic-tac, tiC-taC, tIC-tAC, TIC-TAC². Uma breve pausa para reflexão, ele se debruçava sobre as sugestões dos professores participantes de sua banca de qualificação, acompanhada do ritmo do processo criativo, lêlÊLÊ³, delete, tic-tac, lêlÊLÊ. Cada letra, cada sílaba, cada palavra, cada frase, cada parágrafo, cada capítulo, constituindo assim uma tese. Este trabalho revela a trajetória da vida de um pesquisador surdo apaixonado por literatura no campo surdo contexto das minorias das pessoas surdas, utilizando a Libras. O intuito é demonstrar a potência do criativo para dar origem a uma nova dimensão das produções literárias, com uma estrutura rizomática, que apresenta diversos caminhos de compreensão baseados na criatividade dos autores surdos na produção literária do povo surdo.

² Este é um texto descritivo que utiliza onomatopeias para fazer o leitor perceber o som das teclas sendo pressionadas ou para simbolizar o avanço do tempo e a pressão para cumprir um prazo.

³ É uma forma estética para indicar repetição, permitindo que o leitor perceba que o escritor está se aprofundando no estudo.

Esse pesquisador passa agora sua narrativa para primeira pessoa. Esse pesquisador sou eu. Procurando o impresso da dissertação de mestrado “LITERATURA SURDA: Além da Língua de Sinais” (2016), e li a introdução, mergulhando na minha trajetória como pesquisador surdo, explorando e mostrando a evolução da minha carreira profissional.

Nasci no dia 25 de dezembro de 1987, na cidade que nunca dorme, no Estado de São Paulo, na Maternidade do Hospital Alvorada. Logo após meu nascimento, foi descoberta minha surdez, quando eu tinha apenas um ano de idade. Foi um momento difícil; meus pais não entendiam, ficaram confusos e angustiados, levando um tempo para aceitar e entender como eu como pessoa igual aos outros. Sempre tive apoio e passei por reabilitação em fonoaudiologia, utilizando o método Suvag. Fui oralizado durante toda a infância e sempre me esforcei ao máximo para aproximar da família e da sociedade.

Em certo momento, percebi que eu era diferente. Frequentei várias escolas até que, em família, essa sensação de não me aceitar e também cansado, eu tentava compreender o que se passava dentro de mim. Mudamos para o interior do estado de São Paulo. A cidade onde morava não tinha escola especial e minha mãe tomou decisão de me matricular em uma escola chamada Anne Sullivan, que era uma escola especial e me mostrou que eu era apenas “Surdo”. Foi nesse lugar que tive meu primeiro contato com a Libras. Conheci a fonoaudióloga Lilian C. R. Nascimento (hoje ela é minha orientadora de mestrado e doutorado). Meu primeiro amigo surdo se chamava Felipe e ele me ensinou muitas coisas. Meus olhos não se desviavam das mãos que se movimentavam. Aprendi Libras aos 11 anos e comecei a compreender que “Eu não estou sozinho neste no mundo”. Fiquei um ano e meio na escola. Devido aos 45 minutos de viagem até a escola, que ficava vizinha à cidade, minha mãe decidiu me matricular em uma escola regular mais próxima na minha casa. Eu também participava de reforço na escola.

Na sexta série do Ensino Fundamental, consegui um intérprete de Libras, mas no primeiro dia de aula, a intérprete de Libras não conseguia interpretar corretamente. Desapontado, tentei trocar de intérprete, mas sem sucesso, e permaneci assim até terminar o Ensino Fundamental. No Ensino Médio, decidi que não queria mais intérprete de Libras, optando por me virar sozinho, contando com o apoio de minha mãe para concluir meus estudos.

Após a conclusão do Ensino Médio, fui trabalhar em uma fábrica. Um colega de trabalho me passou a inscrição para fazer o vestibular de Letras Libras na UNICAMP. Acreditando que não passaria, surpreendi-me ao encontrar meu nome na lista de aprovados para o curso da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC no polo Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Sentindo-me importante, participei das aulas com professores surdos e ouvintes com fluência em Libras e com Tradutor e Intérprete em Libras, mantendo contato com a universidade. Convidado pela tutora Vanessa Martins, tornei-me monitor em disciplinas como Literatura Surda e Metodologia da Literatura Surda e me identifiquei profundamente. Essa experiência provocou reflexões e marcou o início da minha pesquisa atual sobre o tema.

Vários meses depois, a tutora Vanessa Martins me recomendou ao responsável pelo projeto de educação bilíngue na escola polo em Campinas, onde fui contratado para ministrar aulas de Libras. A professora bilíngue solicitou que eu adaptasse material de contação de histórias. Minha primeira adaptação foi do livro 'Quatro Estações e um Trem Doido' por Ziraldo Alves Pinto. Ao traduzir a história para Libras em um vídeo de contação, percebi o brilho nos olhos e os sorrisos emocionados das crianças surdas do primeiro ano do Ensino Fundamental. Elas se divertiram com a interpretação cultural do conto. Minha tutora também foi professora bilíngue no polo municipal de Campinas, atualmente professora no Departamento de Psicologia e que ministra o curso Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa – TILSP. No nosso trabalho com histórias durante as aulas, ela me inspirou a iniciar minha pesquisa de mestrado com o tema 'Literatura Surda: Além da Língua de Sinais' no contexto da Educação Bilíngue.

Uma jornada inspiradora que me inspirou a tentar ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, para aprofundar-me na Literatura Surda na Educação. Encontrei uma professora com experiência na área da educação de surdos, a Profa. Dra. Lilian Cristine Ribeiro Nascimento (ela foi minha fonoaudióloga na Escola de Educação Especial Anne Sullivan em Campinas/SP). Foi um grande desafio participar do processo seletivo, mas a prova foi adaptada às necessidades linguísticas. Depois de sair a lista de aprovação no Mestrado em Educação da UNICAMP, durante todas as disciplinas, pude contar com a participação do Intérprete de Libras, participação no grupo de estudo Diferenças e Subjetividade em Educação tem objetivo explorando campos como Filosofia da Diferença, Psicologia Social, Psicanálise, Linguística e Ciências Sociais, com ênfase em estudo sobre surdez,

racismo, africanidade, gênero/sexualidade e infâncias. A partir disso, posso afirmar que a inclusão na universidade está sendo realizada. É importante sempre lembrar a constante luta para garantir e os enfrentamentos e negociações visando assegurar o acesso e a permanência dos alunos surdos no espaço acadêmico.

Quando comecei a escrever minha dissertação, senti uma grande frustração devido à dificuldade na leitura e escrita em língua portuguesa. Senti-me fracassado por ter conseguido produzir apenas duas páginas. Senti-me culpado e, ao mesmo tempo, desejei poder utilizar apenas Libras, ignorando o português. No entanto, essa não é a realidade, já que o mundo acadêmico exige produção na língua portuguesa. Até o momento, minha orientadora confiou em minha competência. Ela foi um grande exemplo em minha vida, apoiando-me e mostrando o caminho na carreira acadêmica. Com seu apoio, estou conseguindo enfrentar a vida universitária. Antes da defesa da banca, a professora pediu uma especial atenção para aprofundar o conceito de Literatura Surda, que ficou gravado em minha memória, me levando a considerar uma Tese de Doutorado mais aprofundada nesse tema, e assim, finalizei a Dissertação de Mestrado.

Um ano depois, abriu o concurso para Professor de Libras no curso de Bacharelado Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa – TILSP no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos – DPsi/UFSCar. Fiz minha inscrição para a prova, sentindo muita emoção, estresse e preocupação. No final, passei como docente do curso TILSP e assumi as disciplinas de Literatura em Libras, Gêneros Textuais em Libras, Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem em Libras, Libras I e V.

Vários meses depois, entrei novamente no Programa de Pós-Graduação em Educação na UNICAMP, voltei a estudar mais e aprofundar o campo da literatura produzido pela comunidade surda, também participei do grupo de estudo chama DiS – Diferenças e Subjetividade em Educação com a minha orientadora para desenvolvendo a tese.

Chegou à pandemia com seu impacto mundial, trazendo muita tristeza e afetou a vida da população, atingindo bilhões de pessoas no mundo todo. A COVID-19 tornou-se a quinta mais mortal da história, sendo transmitida pelo ar, no contato entre as pessoas. A Pandemia chegou ao Brasil e vivemos um período muito difícil, passamos por *lockdown* e isolamento social. Foi uma grande adaptação da vida, usando máscara e álcool em gel. Até impacto na educação foi grande

desafio enfrentando o combate contra a covid-19, e o ensino foi um novo desafio experiência no ensino remoto emergencial no período pandemia até universidade, o ministro de saúde ofereceu vacina da população brasileira, tinha etapas de produção de vacina.

Fui convidado como docente participante do projeto de extensão #CasaLibras sob coordenação da prof. Dra. Vanessa R. de Oliveira Martins. O projeto nasceu de uma conjuntura desafiadora frente à crise sanitária global provocada pela Covid-19. Uma pesquisa preexistente sobre políticas educacionais bilíngues para crianças surdas ressaltar lacunas fundamentais, como a ausência de intervenção precoce, falta de materiais e profissionais capacitados (Martins, Torres, Nichols, 2022). A pandemia acentuou essas dificuldades, levando à iniciativa de criar vídeos informativos sobre a Covid-19 em Libras e narrativas de histórias infantis, iniciativa que ganhou amplitude e reconhecimento como #CasaLibras. Com um grupo de 13 membros de UFSCar, o programa visava proporcionar entretenimento durante o isolamento social, ancorado nos estudos da Filosofia da Diferença Deleuze.

O projeto #CasaLibras foi desenvolvido por uma grande equipe em diversas etapas. Na primeira parte, fui responsável por receber os vídeos crus e avaliá-los quanto à qualidade de vídeo, bem como à clareza dos sinais, garantindo uma sequência lógica dos acontecimentos. Na etapa inicial da edição, mergulhei no mundo audiovisual, incorporando elementos da língua de sinais, tais como a qualidade da língua visual, que se baseava nos princípios de intensidade, suavidade e velocidade do movimento corporal.

Nesse período, percebi ansiedade e estresse devido à pandemia, o que me deixou com sensação de tristeza e perda de interesse. Houve também uma grande mudança em minha casa quando meu filho chegou. A adaptação não foi fácil, especialmente porque, durante esse mesmo período, eu estava escrevendo a minha tese e cuidando do meu filho, uma experiência intensa.

O pequeno príncipe trouxe a maior felicidade e me acalmou, mas enfrentei algumas dificuldades em manter o foco na tese. Percebi que algo estava faltando e concluí que era necessário buscar uma formação específica na área de mídia visual, no contexto de educação, arte e cultura visual. Decidi então realizar o curso técnico em teatro no Senac em São Carlos/SP, com o objetivo de atuar no teatro, cinema, televisão, publicidade, plataformas digitais e ações culturais voltadas para a comunidade surda.

Nesse período do curso, participei da apresentação do espetáculo chamado "Senhora dos Afogados", uma obra de Nelson Rodrigues totalmente acessível em Libras. Foi um grande desafio, envolvendo um processo de ensaio, leitura e incorporação dos personagens. A direção/dramaturgia, em parceria com a Tradução e Interpretação em Libras/Portuguesa, aceitou o desafio da inclusão das pessoas surdas, proporcionando um acesso espetacular.

O espetáculo foi apresentado em diversas cidades, Itirapina e São Carlos, no estado de São Paulo. Recebi vários feedbacks positivos da plateia, que apreciou a experiência do teatro bilíngue. A partir dessa experiência, criamos um novo espetáculo chamado "Fragmencacos: Um Mosaico Cênico". Essa peça teatral destaca o projeto de montagem dos alunos do curso técnico em teatro, composta por cinco histórias envolventes.

O espetáculo apresenta fragmentos de cenas que se unem para formar um mosaico de emoções e reflexões, explorando a arte de contar histórias de forma fragmentada, mas interconectada. Além disso, o novo espetáculo mantém a acessibilidade em Libras durante toda a apresentação, reforçando nosso compromisso com a inclusão. Em parceria entre o SENAC e a UFSCar, sob minha coordenação do projeto de extensão "Acessibilidade em Libras na esfera artística e cultural", os alunos do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Portuguesa trabalharam para proporcionar acesso a pessoas surdas para assistir a espetáculos.

Essa decisão visa aprimorar minha formação na arte, literatura e cultura para facilitar e aprimorar o projeto #CasaLibras. Além disso, pretendo explorar a produção na área de Literatura Surda, proporcionando expressão emocional, corporal e sinalizante, com diversas interpretações de cenas para diferentes áreas de atuação, mídias e espaços. Busco assim adquirir um novo conhecimento para contribuir e inspirar o desenvolvimento do meu trabalho de tese.

Trago como problemática desta tese as seguintes questões: quais são os aspectos específicos dessa língua minoritária, suas implicações políticas e o valor coletivo dessas produções? Além disso, como esses aspectos contribuem para legitimar e destacar a importância da Literatura Surda como potência de criação e uma forma significativa de expressão cultural e artística, especialmente no contexto educacional?

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar as produções literárias surdas (produzidas em âmbito da criação), defendendo-a como Literatura Menor, diante do conceito posto nas Filosofias da Diferença. Nesse sentido, a tese que se empalma é a de que, em primeiro lugar, há afirmativamente uma Literatura Surda e que as produções criativas literárias de alguns surdos se enquadram como Literatura Menor, na perspectiva deleuze-guattariano. Isso ocorre porque a perversão linguística ou o uso incomum que tais literaturas trazem provocam uma sensação de desestabilização no sujeito que as encontra.

Essa desestabilização se dá ainda pela multiplicidade de linhas de fugas e de sentidos que o produto literário opera atrelados à produção tem o sentido de particular que o autor cria com o uso divertido, inspirador e criativo da linguagem.

A pesquisa se desenvolveu a partir da compreensão de alguns autores sobre o conceito de "Literatura Surda" e da afirmação da existência de um campo literário denominado Literatura Surda. Para tanto, a tese deve, antes de afirmar a produção criativa surda como uma língua menor, descrever o processo de constituição do campo da Literatura Surda e identificar os elementos específicos presentes nas produções literárias que a legitimam.

Como podemos compreender o processo de constituição do campo da produção da literatura criativa surda, especialmente quando consideramos sua manifestação na forma da Literatura Menor e, mais especificamente, na língua menor? Quais características das produções de novas formas na Literatura Surda legitimam esse campo como uma expressão rizomática de criatividade e identidade cultural? Como essa investigação nos permite entender o desenvolvimento ao longo do tempo do campo da produção criativa surda, particularmente na língua menor que constitui a Literatura Menor?

É fundamental compreender a historicização da construção do campo de estudo da Literatura Surda. Este estudo gera tensão entre os pesquisadores, influenciado basicamente por teorias específicas. Podemos compreender, de forma geral, que o estudo da Literatura Surda é uma área nova no Brasil, iniciada com o primeiro curso de Licenciatura em Letras-Libras em 2016. Este campo dedica-se à análise, interpretação e valorização das obras literárias criadas pela comunidade surda, frequentemente em sua Língua de Sinais, incluindo experiências visuais e movimentos na comunidade surda.

Este campo de estudo observa as manifestações culturais, artísticas e literárias da comunidade surda. A Literatura Surda se caracteriza por diversos gêneros, como poesia, contos, narrativas, teatro e performances, sendo predominantemente em Língua de Sinais. Os temas principais incluem a representatividade e a identidade surda. Rosa (2006), Mourão (2011) e Silveira (2015), entre outros afirmam que a Literatura Surda pode se apresentar de três formas: Tradução Cultural (i), Adaptação Cultural (ii) e Criação (iii). A tradução cultural é composta por obras traduzidas para Língua de Sinais, escritas originalmente em línguas da comunidade ouvinte, ou seja, no Brasil, seriam as traduções para Libras de obras escritas em Língua Portuguesa. A adaptação cultural também se baseia em obras das línguas da população ouvinte, porém são acrescidos a elas, elementos da cultura surda. Já a criação são obras produzidas diretamente em Língua de Sinais, por autores surdos (Mourão, 2016). A Criação e/ou produção cultural refere-se às obras literárias originais diretamente em língua de sinais como meio principal de expressão pela autores surdos também não-surdo com fluência língua de sinais com as experiências culturais surdas, refletir a perspectiva e a vivência o mundo do surdo.

Percebemos que a pesquisa aprofundou o estudo do campo da Literatura Surda, mas houve pouca discussão sobre a criação na Literatura Surda. Nesta tese de Doutorado, escolhi aprofundar o tema da criação e/ou produção cultural, analisando diretamente em Língua de Sinais para identificar se existe uma "língua menor" dentro da Língua de Sinais, conforme o conceito da “Literatura Menor”, relacionando a Literatura Surda com o conceito usado pelos filósofos franceses, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os autores criam o termo utilizando a obra de Franz Kafka, sendo que esse escritor de língua alemã publicou várias obras romances e contos no século XX.

Deleuze e Guattari (2003) mergulharam na literatura de Franz Kafka e de lá vieram com o reconhecimento do uso uma função menor, imanente à própria língua. Suas novelas e seus romances revelam os pesadelos de personagens submetidos à servidão, aos seus sentimentos mais íntimos e à dominação a convenções e a determinações burocráticas invioláveis. Kafka (2012) leva uma vida solitária e, muitas vezes, atormentada. Ele coloca esse devir-menor em palavras, deslocando o ‘trágico’ e a ‘culpabilidade’, para a ‘alegria’ – entendida aqui como potência – e para a ‘política’ – conquanto revele o agenciamento coletivo de todo um povo que o autor ‘põe a falar’ – uma verdadeira máquina-abstrata-desejante (Cruz; Neitzel, 2019, p. 5).

Sobre o uso do conceito de “Literatura Menor”, Gallo (2008) complementa e demonstra em sua discussão, baseado em Gilles Deleuze e Félix Guattari, e define a categoria “Literatura

Menor” tendo três características principais que são: 1) Desterritorialização da língua, 2) Ramificação Política e 3) Valor Coletivo. Trago tais conceitos para analisar a produção de pessoas surdas no campo literário surdo brasileiro, destacando as marcas das manifestações políticas e coletivas na Literatura Surda, a fim de evidenciar de que modo essas produções podem se ligar ao conceito de Literatura Menor. Além disso, defendendo que o ato de criação de um grupo minoritário apresenta uma expressividade própria da experiência da pessoa surda falante de uma língua de sinais.

As produções referentes à Literatura Surda estão ligadas ao movimento surdo, como as formas utilizadas pelas pessoas surdas para transmitir suas experiências culturais surdas e sua expressividade. Os vídeos de criação literária em Libras (vídeos sinalizantes⁴) são uma forma de as pessoas surdas registrarem suas artes, suas experiências cotidianas, suas lutas e as conquistas das comunidades surdas, sinalizadas em Libras.

Tem-se como expectativa demonstrar que esses vídeos selecionados de Literatura Surda podem ser identificados como uma Literatura Menor, porque demonstram, em vários momentos, marcas de desterritorialização da Língua Maior, ramificação política (luta surda pela aparição de uma nova verdade) e valor coletivo (agrupamento de sujeitos que coletivamente trazem um novo olhar). No discurso das pessoas surdas na Literatura Surda, pretende-se aproximar neste trabalho, com os conceitos de Deleuze e Guattari, especificamente, o modo como a filosofia pós-moderna olha a arte e a política no contexto da Literatura Menor.

Tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro representa um espaço de produção de políticas “maiores”, caracterizado por uma submissão à norma literária e, como autores desse campo de produção de discurso são, em sua maioria ouvintes, em sua língua oral. Sobre os discursos na área da educação de surdos, Lopes esclarece que “a maioria deles produziu saberes que orientaram grupos a olhar os sujeitos com surdez como sendo capazes de serem “tratados”, “corrigidos” e “normalizados” através de terapia (Lopes, 2007, P. 9, aspas da autora). Esses discursos são também disseminados no campo literário brasileiro através da Literatura Maior.

⁴ Transmitimos significados conectados em nossas mãos sinalizantes, representado no rico sistema linguístico de surdo de todas as idades e presentes nas moradas das gerações dos povos surdos (Mourão, 2016, p. 33).

O “menor” em Kafka, a partir de Deleuze e Guattari (2014), permanece sempre singular, sem se tornar modelo para outras produções. Literatura Surda é a criação de uma diferença, uma singularização de sujeitos menores (singulares), que se faz, se desfaz e se metamorfoseia no processo literário. Pretendo, portanto, refletir sobre a “Literatura Surda” criada pelo povo surdo, na perspectiva do que eles fizeram na obra Kafka: defendendo-a como uma Literatura Menor, como uma nova singularidade, na busca de outros olhares sobre o domínio das fontes dos povos surdos.

1.1 OBRA DE KAFKA COMO DISPARADOR TEÓRICO

Deleuze e Guattari a nomearam de “Literatura Menor” ao analisar o conteúdo e a expressão da obra de Kafka. Franz Kafka (1883 – 1924) nasceu no dia 3 de julho de 1883 em Praga, na época do Império Austro-Húngaro, atualmente República Tcheca, foi escritor tcheco, de língua alemã, considerado um dos principais escritores da literatura moderna. Filho de Hermann Kafka, rico comerciante, de família judia e cresceu sob a influência das culturas judia, tcheca e alemã. Estudou Direito em Praga, concluindo o curso em 1906. Em 1917, foi obrigado a se afastar do trabalho devido a uma tuberculose. Escreveu em alemão toda sua obra composta por romances e contos. Os principais escritos literários de Franz Kafka são: O Desaparecido (escrito em 1912 – publicado em 1927), O processo (escrito em 1914 – publicado em 1925), O Castelo (escrito em 1922 – publicado em 1926), Na Colônia Penal (escrito em 1914 – publicado em 1919), Um Médico Rural (escrito e publicado em 1919), Um Artista da Fome (1922), A Grande Muralha da China (escrito em 1918 – publicado em 1931) e A Metamorfose (escrito em 1912 – publicado em 1915).

Deleuze e Guattari (2014) identificam na obra de Kafka uma resistência ética-estética-política, considerada uma forma de linhas de fuga. Segundo os autores, as linhas de fuga são possibilidades de escape de normas totalizadoras. Elas fazem contato com outras raízes e seguem outras direções ou ramificações, proliferando multiplicidades de posição. Por esse motivo, a “Literatura Menor” é uma forma de resistência, os “escritos do judeu tcheco são apresentados como revolucionários, por operarem uma subversão da própria língua alemã” (Gallo, 2008, p.62). A partir da perspectiva deleuziana, no que se refere às linhas de fuga, podemos olhar essa potência de criação sobre a Literatura Surda, verificando a presença ética-estética-política para tomá-la como ato de resistência.

1.2. LITERATURA MENOR E OS EIXOS ANALÍTICO-TEÓRICOS DA PESQUISA: A LINGUAGEM, O FAZER POLÍTICO E A AÇÃO COLETIVA

A obra Kafka não se caracteriza por um problema da expressão. O autor tem uma outra forma de expressar, ela é abstrata e universal, por isso, a relação com a Literatura Menor. Por exemplo, Kafka falava e escrevia em tcheco, em vários países na Europa havia falantes nessa língua, porém considerou-se escritor de língua alemã.

Nesta tese, pretendo fazer um exercício de deslocamento desse conceito para operar a noção de Literatura Menor, a partir da concepção de língua menor, na Literatura Surda, ou seja, utilizei o conceito de Literatura Menor como um dispositivo para refletir sobre a Literatura Surda, aquela praticada na Comunidade Surda no Brasil. Segundo Gallo (2008, p. 62 – itálico do autor), sobre esse aspecto, menciona que: “assim Gilles Deleuze e Félix Guattari definem a categoria Literatura Menor, da qual se utilizam para estudar a obra de Kafka (um judeu tcheco que escreveu em alemão por causa da ocupação alemã na região)”. Deleuze e Guattari denominam a leitura de Kafka de Literatura Menor porque em alemão o autor produzia escritos literários que fraturavam a estrutura gramatical ortodoxa e lógica hegemônica de funcionamento da própria língua. Para os autores, ele criava potência de sensações numa afronta filosófico-política das opressões sociais e linguísticas.

A literatura menor, quando proveniente das minorias (muitas vezes imigrantes vivendo em uma língua maior), tem de se fazer nômade, variar, desterritorializar. E reterritorializar, construir novos territórios. Quem faz isso muito bem são as crianças, apontam Deleuze e Guattari (2007b), repetindo palavras cujo sentidos é somente intuído... “Como esta mania de grandeza: hei de monumentalizar as pobres coisas do chão mijadas de orvalho” (Barros, 2010, P 343). Ou os bichos, ‘quando falam’. Melhor, quando a literatura devém bicho. “Mosca dependurada na beira de um ralo – Acho mais importante do que uma joia pendente” (BARROS, 2010, p. 341). Essa é uma tônica na literatura menor. Devir-animal não é transformar-se animal, é extrair da linguagem tonalidade assignificantes que têm algo a dizer. “[...] trepam por sua própria conta, ladram, fervilham, por serem cães, insetos ou ratos propriamente linguísticos” (Deleuze; Guattari, 2003, p 48). Aqui é Kafka, com seu inseto em metamorfose (Kafka, 2012) (Cruz; Neitzel, 2019 p. 6).

O escritor Kafka é judeu com fluência na fala e escrita do tcheco, porém escreveu em alemão e publicou várias obras na literatura alemã. Segundo Gallo (2008, p. 62), a atividade da Literatura Menor está em “subverter uma língua, fazer com que ela seja o veículo de desagregação dela própria”.

Da mesma forma, é possível caracterizar alguns autores da língua portuguesa que “subvertem a língua”, sendo exatamente essa insubordinação à lógica ortodoxia, o estilo literário do autor. Refiro-me, por exemplo, ao poeta Manoel de Barros, cuja escrita causa estranhamento por ser repleta de ambiguidades, neologismos e construções sintáticas incomuns. “Manoel de Barros vê a poesia como espécie de “loucura da palavra”, não assumindo, contudo, o compromisso com as regras padronizadas da nossa língua” (Araújo, 2013, p.2). Vejamos o poema “A arte de infantilizar formigas”:

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.
 Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.
 A gente inventou um truque para fabricar brinquedos com palavras.
 O truque era só virar bocó.
 Como dizer: Eu pendurei um bem-te-vi no sol...
 O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa
 passava um rio inventado.
 O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.
 Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor
 diminuído só para ele voar parado?
 As distâncias somavam a gente para menos.
 O pai campeava, campeava.
 A mãe fazia velas.
 Meu irmão cangava sapos.
 Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele
 virava uma pedra.
 Fazia de conta?
 Ela era acrescentada de garças concluídas

(Barros, 2016)

Um rico exemplo de subversão à língua, uma linguagem que poderia ser considerada “esquizofrênica”, se não fosse poética. “A linguagem volta ao seu estado primitivo, às suas origens nos fazendo lembrar palavras pronunciadas por crianças” (Silva, 2008, p. 55). Uma sabedoria nas palavras que permitiu ao autor receber vários prêmios literários, inclusive, duas vezes o Prêmio Jabuti de Literatura, em 1989 e 2002.

Tal efeito também ocorre em algumas produções literárias da Libras, língua usada como meio de comunicação na Comunidade Surda. Todavia, quando o sujeito surdo escreve em português, como segunda língua no Brasil, ele subverte a lógica da língua portuguesa e produz outra coisa com essa língua maior e faz desagregar a própria essência do português – talvez, por isso, muitos estudiosos não sabem como nomear os escritos surdos na língua portuguesa, como português ou português de surdos. Trazemos o filósofo Gallo para esclarecer o conceito de desterritorialização da língua, característica da Literatura Menor:

A primeira dessas características é a *desterritorialização da língua*. Toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura. Toda língua é imanente a uma realidade. A Literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando dessa territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas (Gallo, 2008, p. 63).

A língua portuguesa é a oficial do Brasil e também tem em vários países⁵, cada país tem a sua língua, tem sua territorialidade incluindo o território físico, a tradição e a cultura. A língua oficial de um país tem o objetivo de promover uma normalização ou uma padronização por meio da relação de poder estabelecida entre os sujeitos. Desse modo, a língua portuguesa é afetada pela comunidade surda, principalmente pelo sujeito surdo sinalizante, pois sua língua natural é de outra modalidade, ela é visual.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe (1960). Este autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana revolucionando a linguística na época, pois até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Pela primeira vez, um linguista estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato. Stokoe apresenta uma análise no nível fonológico e morfológico (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, p. 16-17).

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe. Esse autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana como língua natural como todas as outras línguas orais. Porém, a Literatura Surda também escapa dessa territorialidade, pois embora o sujeito surdo viva no mesmo país, no mesmo território físico da pessoa não-surda, não tem a mesma tradição nem a mesma cultura – o surdo produz outra lógica, outra coletividade expressiva em sua produção literária. Por isso, a Literatura Surda faz parte da discussão sobre os direitos das pessoas surdas, pois ela aflora as experiências singulares dessa comunidade pelo mundo literário, escapando da territorialidade ouvinte e buscando um novo encontro em que proliferam desejos de outros surdos. Relembremos a discussão da Literatura Menor, a segunda característica seria:

A ramificação política. Não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo agenciamento que é, só pode ser político. Sua existência é política: seu ato de ser e antes de tudo um ato político em essência (Gallo, 2008, p. 63).

⁵ De acordo com a comunidade de países de língua portuguesa, como idioma oficial são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe.

Trazemos o recorte do livro “Mão fazendo a história” porque nele aparecem várias narrativas de sujeitos surdos, e entendemos que elas trazem certo paralelo com a experiência proposta por Kafka. Nesse sentido, tivemos a impressão de que a Literatura Surda se coloca como uma forma política, como disse Gallo (2008).

Quadro 1 - História 12 – “Sou capaz!”

Quando era pequeno foi trabalho oralmente, não podia usar as mãos, o seu vocabulário era pobre, as palavras eram soltas.

Quando começou a usar a Língua de Sinais sua comunicação também era pobre, teve muita dificuldade na escola, nos passeios e no trabalho.

A Libras faz as informações chegarem ao seu cérebro, as ideias unem-se e interrelacionam-se na mente.

As mensagens passam a fazer sentido:

- Quando eu converso em Libras, ela me dá a possibilidade de pensar, de conhecer tudo a minha volta: (o mundo, o social, a cultura), tudo vai relacionando-se e eu aprendendo muito. A Libras é muito importante.

Fonte: Livro "Mão fazendo história (Vergamini, 2003, p. 135)

Esse recorte mostra uma forma de posicionamento político dentro da Literatura Surda representante da comunidade surda. Gallo (2008) mostra claramente que o ato de ser é, antes de tudo, um ato político, ele constitui a natureza de um ser. O exemplo descrito mostra o que aconteceu com esse surdo. Dentro da comunidade surda, ele teve experiências culturais surdas, comuns a esse grupo social. Por isso, a Literatura Surda é, em si, um ato político e uma forma de representar a comunidade surda. Sua experiência é um desafio por ocupar a territorialidade ouvinte, quebrando a normalização da língua portuguesa.

Por esse motivo, o Quadro 1 contém elementos muito específicos das experiências culturais surdas ligadas à comunicação visual e à língua de sinais. Ao narrar essas experiências, ela promove a identidade coletiva e fortalece a comunidade surda, pois oferece um espaço onde os surdos podem ver suas próprias vidas refletidas e valorizadas.

Desse modo, a Literatura Surda dá voz a um grupo de pessoas socialmente desvalorizadas. Ela é uma ferramenta poderosa que vai além da simples narrativa, funcionando como uma forma de resistência e representação política ao compartilhar as experiências surdas.

A última característica da Literatura Menor é o valor coletivo. Gallo (2008, p. 63) discorre sobre isso e aponta que: “os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade”, por isso a Literatura Surda não é uma representação individual, mas representa milhares de pessoas surdas, que se identificam como parte da comunidade surda. Para evidenciar esses aspectos, trago vários recortes e narrativas de pessoas surdas que reivindicam coisas comuns, com experiências diferentes.

Analizamos o livro “*Mão fazendo história*”, pois contém várias narrativas de sujeitos surdos, que têm experiências culturais muito próximas. No contexto social do surdo, há sempre a experiência de conflitos comunicativos. Isso mostra que há lutas comuns, que retomam o que se caracteriza por um valor coletivo. Mergulhamos na Literatura Surda e descobrimos as marcas de valor coletivo dentro das narrativas das pessoas surdas. Escolhemos duas narrativas de surdos que são de Fabiane e Bernardo Luiz.

Quadro 2 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”

A mãe contava para todos os filhos dormirem. Pegava Fabiane no colo e contava, cantava e cantava... Nenhuma canção fazia com que ela dormisse.

Fonte: Livro “Mão fazendo história (Vergamini, 2003, p. 34)

Quadro 3 - História 4 – Do Recife para o mundo”

Os pais de Bernardo Luiz sempre buscaram a melhor forma de ajudá-lo: quando foi comprovada a surdez, levaram-no para o **SUVAG – Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina**, onde se busca uma reabilitação trabalhando o desenvolvimento de fala e o aproveitamento do resto auditivo.

Fonte: Livro “Mão fazendo história (Vergamini, 2003, p. 62)

Encontramos as marcas de valor coletivo na educação do surdo dentro do contexto social, principalmente, na família. Segundo Lopes (2007, p.8), “na família, a busca por especialista, a dedicação integral aos filhos com surdez e a inconformidade pela falta de audição, por muitos anos, mobilizaram e mobilizam pais e mães”. Essa marca fundamental do movimento surdo mostra a surdez como diferença e não a experiência de um “coitadinho”. Por isso, nosso povo surdo dá o valor aos outros surdos, que se vêem como diferentes e não como deficientes.

A marca fundamental do movimento surdo destaca a surdez como uma diferença, não uma deficiência, enfatizando a diversidade e a riqueza cultural trazida pelos surdos através da língua de sinais e experiências culturais surdas. Essa perspectiva desafia narrativas capacitista, promovendo uma identidade positiva e empoderada que rejeita a necessidade de “conserto”, “defeito” ou normalização. Ao criado espaço de expressão e pertencimento, também se cria oportunidade para luta por política pública. Isso transforma a narrativa sobre a surdez, promovendo direitos e reconhecimento na sociedade brasileira.

Lopes (2007) expressa que dentro do movimento, cada surdo expressa sua resistência que se fortalece intensamente na relação com o outro surdo, que vive, sente e compartilha das mesmas lutas. Ou seja, a Literatura Surda mostra o valor coletivo das pessoas surdas visto que. “(...reflete

a necessidade de o surdo definir a sua própria identidade e construir uma consciência do que é ser surdo” (Nichols, 2016 p. 52). Nas próximas narrativas, verificamos outras marcas de representações culturais surdas.

Quadro 4 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”

Estranhava os sinais, não entendia as crianças e professoras. Estava acostumada a fazer leitura labial. Como o passar dos dias, das semanas, foi relaxando e se transformando... Percebeu o quanto é importante o uso da Língua de Sinais na educação dos surdos. Encontrou sua verdadeira identidade. Se transformou em Fabiane, cidadã surda, professora de educação artística.

Fonte: Livro “Mão fazendo história (Vergamini, 2003, 45)

Quadro 5- História 4 – “Do Recife para o mundo”

Em 1993, Bernardo Luís ingressou na ASSP⁶, conheceu muito surdos, recebeu mais informação sobre a vida dos surdos, principalmente em relação à cultura, trabalho, educação e esportes... Segundo ele, sua vida mudou. Até a compreensão do português melhorou na medida em que ele aprendia Libras.

Fonte: Livro “Mão fazendo história (Vergamini, 2003, p.63)

Narrativas como essas mostram que a aproximação de um surdo com outros surdos cria um acontecimento: o de tornar-se surdo. “Um movimento de suspeita permanente sobre si e sobre relações que os surdos vivenciam, um movimento de abertura feito dentro da própria invenção “ser surdo” que rompe com fronteiras discursivas, espaciais e temporais” (Lopes, 2007, p. 10). Esse recorte mostra a importante aproximação com outro surdo, porém muitos surdos ainda vivem a discursividade ouvinte que tenta imprimir um olhar negativo sobre a surdez. Por isso, a necessidade da aproximação com outro surdo na escola e nas associações de surdos, para tornar-se surdo, refratando outra discursividade, como olhar positivo e valorizando outras narrativas que representam o coletivo surdo sob custódia dos próprios surdos e não nas amarras do discurso e idealização do ser ouvinte.

Quadro 6 - História 2 - ... “A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda”

Ele começou a perceber e achar estranho que Fabiane chamava sua mãe de mãe. Achava sua voz esquisita. Ficava olhando Fabiane com censura. Fabiane percebeu que quando ele a observava, ele chorava. Um dia o chamou e perguntou:
- Por que você está triste e chorando?
- Não queria ver você surda... Respondeu Marinho.
A mocinha Fabiane sorriu e disse:

⁶ ASSP – Associação dos Surdos de São Paulo.

- Não fique triste por mim. Sei escrever, ler, pintar e conversar. Sou normal, graças a Deus. Minha voz é um pouco diferente e só.

Fonte: Livro "Mão fazendo história (Vergamini, 2003, 40)

Quadro 7 - História 4 – “Do Recife para o mundo”

Quando ele era pequeno, a família tinha apenas conhecimento do Oralismo, conversava usando leitura labial e gestos. Até na escola, quando brincava com os colegas ouvintes se comunicava oralmente, mas a compreensão não era boa. Bernardo Luiz queria aprender a falar igual aos ouvintes. Ele não conseguiu e assim, percebeu que era diferente dele. Até os 14 anos, ele conviveu só com ouvintes, então, reencontrou amigo surdos que frequentaram na mesma época que ele o SUVAG e que conviviam na ASSP (Associação de Surdo de Pernambuco).

Fonte: Livro "Mão fazendo história (Vergamini, 2003, 63)

Em suma, para esse ensaio, afirma-se a Comunidade Surda como uma ação coletiva que traça o empoderamento com os outros surdos e compartilham a língua de sinais e um valor coletivo. Nesse sentido, com uma leitura atenciosa, conseguimos perceber que os narradores citados mostram o valor do olhar positivo para o uso da língua de sinais para poder compartilhar os valores no contexto social como olhar a diferença das pessoas surdas.

1.3. PROBLEMA DE PESQUISA

Como a Literatura Surda, ao se alinhar como processo de minoração da linguagem nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, contribui para o desenvolvimento conceitual dessa área e para a potencialização de atos literários criativos, considerando as características de desterritorialização da língua, ramificação política e valor coletivo? De que modo o processo de minoração, como ação criativa na linguagem, pode favorecer práticas educativas de resistência surda? Essas são as questões-problema que balizaram a presente tese e por elas trouxemos as reflexões teóricas apresentadas.

Diante da apresentação da tensão de composição da área de saber específica da Literatura Surda e com a hipótese de que além da existência literária surda, há disparadores que a língua menor, compõem-se o problema da pesquisa do trabalho que consiste no desenvolvimento conceitual da Literatura Surda. Há um trabalho intenso de investigação literária nos estudos surdos e que carece de registro histórico apontando tanto o percurso como a constituição científica do conceito da Literatura Surda. Além desse fazer, a pesquisa percorre a associação entre os Estudos Surdos e as Filosofia da Diferença na medida que pretende falar do ato literário criativo e da

produção literária menor feita por surdos, apontando as irrupções políticas que tais produtos fazem na arte literária, na língua de sinais e nos sujeitos que por elas são atravessados pela perspectiva de três características fundamentais: desterritorialização da língua, ramificação política e valor coletivo.

1.4. OBJETIVO GERAL

A partir dos conceitos das Filosofia da Diferença, a tese busca analisar as ações da língua menor como ato de criação na Literatura Surda, defendendo-a como potência criativa para uma Literatura Menor produzida na/pela língua de sinais.

Nesse sentido, a tese que se empalma é a de que, em primeiro lugar, há afirmativamente uma Literatura Surda e que as produções criativas literárias de alguns surdos se enquadram como Literatura Menor, na perspectiva deleuze-guattariano. Para o desenvolvimento desta tese, defino os seguintes objetivos específicos:

1. Desenvolver um estudo sobre a territorialização da Literatura Surda, sua composição como campo de estudo e pesquisa e os deslocamentos que ela provoca na literatura cânone, produzida por línguas orais;
2. Descrever o conceito da Literatura Menor, pela Filosofia da Diferença, para aproximar às produções língua menor criada por surdos;
3. Apontar efeitos da cartografia rizomática como possibilidade de usos da Literatura Surda na educação de surdos.

Apresentadas as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa, descrevemos agora sua organização. Essa tese é composta por cinco capítulos:

O capítulo I revisa criticamente a Literatura Surda: Uma área singular no campo literário.

O capítulo II estuda os conceitos de Literatura Menor para identificar o que seria a criação na língua de sinais, definindo-a como Literatura Menor a partir dos pressupostos de Gilles Deleuze e Félix Guattari na Filosofia da Diferença.

O capítulo III explora os processos percorridos neste estudo, nos quais se baseou a investigação, ou seja, descrever a metodologia que selecionamos para a realização da pesquisa de abordagem qualitativa com base no estudo das Filosofia da Diferença, olhando a Literatura Surda

com sinalização menor que tem potência da língua menor. Além disso, há a leitura e análise dos afectos e versão minha de produções criativas de surdos que podem, nesta tese, ser consideradas Sinalização Menor.

O capítulo IV propõe-se analisar a partir das falas dos participantes a cartografia dos afetos que as poesias selecionadas produzem para olhar a potência delas como Literatura Menor.

O último capítulo contém as Considerações Finais.

Mapa Mental

Capítulo II

Objetivo

O objetivo deste capítulo é analisar a territorialização da Literatura Surda e seu impacto sobre a literatura canônica produzida em línguas orais.

Título

Literatura

Surda

Base teórica

Karnopp (2010) afirma que o papel da Literatura Surda é a “difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual”

Base teórica

Para Lajolo (2001), “para que a Literatura exista, é preciso que alguém escreva e que outro alguém leia”. Segundo Zilberman (2012), “A literatura é uma manifestação artística que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo seu gosto e suas emoções”

em Libras

Base teórica

Para Mourão (2016), a Literatura Surda abarca a Literatura em Língua de Sinais, identificando elementos visuais estéticos que transmitem prazer e conforto linguístico. Nesse sentido, a língua de sinais provoca emoção pela beleza estética das frases e pela maneira como se manifestam as artes sinalizantes.



Metodologia

Levantamento bibliográfico

Coleta
BPTPBiblioteca Digital Brasileira
de Tese e Dissertação

Etapa

1. Levantamento inicial utilizadas as palavras-chave “Literatura Surda” e “Literatura em Libras”.
2. Refinamento temporal de acordo com o período de 2006 a 2022.
3. Refinar por idioma Língua Portuguesa (Brasileira)
4. Selecionar o trabalhos que traziam um relevância
5. Leitura detalhe e adequação do tema

2. REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA SURDA:

Uma área singular no campo literário

Sejam bem-vindos! Neste capítulo, este estudo tem como objetivo foi desenvolver um estudo sobre a territorialização do campo da Literatura Surda (LS), sua composição como campo de estudo e os deslocamento que ela provoca na literatura canônica, produzida por língua orais, com foco na compreensão dos temas, estilos literários e autores influentes. Como um participante ativo na comunidade surda e interessado nas produções literárias surdas, busco identificar tendências emergentes na pesquisa existentes sobre o tema. Além disso, a Filosofia da Diferença propõe novos modelos teóricos e apresenta a literatura como um campo de potência criativa pela possibilidade de múltiplos sentidos que ela desperta no sujeito.

Este capítulo contribui para a compreensão do conceito de Literatura Surda e sua relação com o conhecimento surdo, fundamentando-se especialmente na concepção da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari. A teoria da territorialização é explorada em diferentes campos, como patológico, antropológico, sociológico e estudos culturais. Além disso, busca-se promover o espaço da pessoa surda, transformando-o em um espaço com significado cultural, social e político para a perseverante comunidade surda e suas experiências culturais, principalmente com a sua língua de sinais.

O estudo do campo das Literaturas Surdas pode demonstrar a evolução da pesquisa científica no Brasil, sendo todos campos importantes, principalmente com base na teoria. No entanto, busco investigar como os autores abordam o conhecimento surdo em suas pesquisas a partir de uma extensa revisão bibliográfica.

Com base nos resultados do levantamento realizado e na análise sobre o tema, proponho uma releitura e discussão da relação entre territorialização e os campos das Literaturas Surdas, abordando algumas das principais questões relacionadas à pesquisa sobre Literatura Surda também Literatura em Libras, a fim de contribuir para a discussão e reflexão. Segundo Mourão (2016, p.193), "quando há sujeitos, há uma língua. Se não há língua, não existe cultura e vice-versa. Por

isso, a língua é fundamental para a expressividade da pessoa surda e das experiências culturais surdas".

No item a seguir, trago o conceito de literatura contemporânea, a fim de introduzir e contextualizar a discussão sobre Literatura Surda, que virá mais adiante.

2.1. A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

A literatura é uma expressão abstrata e complexa. Para definir o conceito, Nichols (2016, p. 26) descreve que “a cada novo período histórico, novos escritores criticam a literatura pregressa a seu tempo e a modificam para ficar mais próximos da realidade. Nesse sentido, a literatura é o movimento da história social”. Observamos que Candido (2011) defende que a literatura é, ou deveria ser, um direito básico do ser humano, associado à formação dos sujeitos, assim como outros direitos humanos fundamentais, tais como alimentação, moradia, instrução, saúde e liberdade individual. Todos esses direitos visam garantir a sobrevivência física e espiritual. Candido argumenta que “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, ao focalizar situações de restrições ou negações dos direitos, como a miséria, a servidão e a mutilação espiritual” (Candido, 2011, p. 122). Por essa razão, a literatura pode estar intrinsecamente relacionada à luta pelos direitos humanos.

Podemos ampliar nossa compreensão da literatura ao considerarmos os trabalhos dos autores Lajolo (1982; 2001) e Zilberman (2012), que são referências importantes na área de estudos literários. Para elucidar o significado desse conceito, apresento, inicialmente, uma reflexão introdutória.

Literatura é uma forma de representatividade que se reconhece como o movimento da comunidade, podendo ser um coletivo, uma aldeia, uma cidade, uma nação, entre outros. Segundo Lajolo (2001), para que a literatura exista, é preciso que alguém escreva e que outro alguém leia. É natural criar um laço social, um espaço de relação entre o escritor e os leitores. Lajolo (2001, p.18) “chama de interação estética este encontro leitor/ator”. Da mesma forma que na literatura escrita há um escritor/autor que interage com o leitor, é possível fazer uma similaridade com a Literatura Surda, na qual há um sinalizante/autor e outro que interage pela visualidade/leitor com a produção em Libras.

Interação estética é o efeito que a literatura desperta nos leitores, é um reconhecimento de si mesmo, promovendo uma nova inscrição em si. A partir da concepção de que tanto a leitura como a escrita se configuram como um dispositivo de subjetivação. Apontamos aqui essa perspectiva *estética do sujeito* ao acessar conteúdos literários. Essa compreensão se alinha aos estudos de Moraes (2023), baseados nos conceitos da Filosofia da Diferença, sendo tais processos concebidos como relações interacionais que constroem novas produções *estético-existenciais*, um novo *ethos* naquele que se abre à materialidade textual (em português ou em Libras, por exemplo).

Entretanto, ainda que seja um desafio para a escola, há casos de surdos que utilizam a materialidade da língua portuguesa e/ou da língua de sinais de um modo muito significativo a ponto de se expressar através de registro (escrito em português ou em vídeos em Libras) sobre suas memórias, opiniões, organização de pensamentos, posicionamentos políticos, entre outras formas de expressividades, a fim de conduzir ao que se defende por uma escrita de si, na concepção filosófico-foucaultiana. A investigação sobre os fatores que mobilizam os surdos a utilizarem uma escrita de si como ferramenta para o processo de subjetivação ainda é um campo pouco explorado (Moraes, 2023, p. 9)

Na produção literária, há sempre a presença da manifestação e do contexto da sociedade em que vivemos. Segundo Zilberman (2012), a literatura tem o objetivo de corporificar diferentes expressões naturais e verbais.

Por esse motivo, é difícil explicar o que é literatura. É complicado responder de uma única forma, pois há várias definições, como disse Lajolo (2001, p. 25): “Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição”. Por isso, a literatura não foi sempre igual, ela se modifica ao longo do tempo, evolução da sociedade, portanto, não é fácil dar uma resposta pronta com exatidão.

Há vários modos de se pensar sobre literatura com definições diversificadas. Lajolo (2001) mostra que hoje nós temos os grupos sociais e os representantes de movimentos sociais têm interesses em comum, que se agregam para alcançar seus objetivos. Tudo tem seu tempo, lugares e pessoas diferentes, até mesmo autores/escritores e leitores são diferentes. Por isso, “A literatura é uma manifestação artística que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo seu gosto e suas emoções” (Zilberman, 2012, p. 14).

A literatura, além de ser uma forma de enriquecimento cultural e de lazer, pode ser também uma forma de manifestação dos movimentos sociais. Como exemplo, trago um trecho de textos diversos de cada um dos grupos minorizados que são Gays, Negros e Surdos. Ao mergulhar

na escrita/vídeo, os autores mostram a sua experiência relacionada ao acontecimento neste tempo e local, produzindo reflexões sobre a diversidade. Embora eles tenham temas distintos, os interesses são comuns: a luta por reconhecimento, por valorização e por direitos. O objetivo é produzir um movimento político e social que defenda a diversidade e gere uma representatividade sobre os direitos das comunidades gay, negra e surda. Vejamos abaixo os três trechos:

Quadro 8 - Literatura como forma de representação dos movimentos sociais

Descanse em paz?⁷ Aymmar Rodríguez Mandaram que ele matasse vários homens - e lhe deram várias medalhas quando resolveu amar outro homem - lhe deram várias facadas	Fênix⁸ Carlos de Assumpção Riram dos nossos valores. Apagaram os nossos sonhos. Pisaram a nossa dignidade. Sufocaram a nossa voz. Nos transformaram em uma ilha. Cercada de mentiras por todos os lados. Nos dividiram. Nos puseram à margem de tudo.	A dor do silêncio⁹ Renata Freitas  PUBLICAÇÃO COMPARTILHADA EM 26 DE SETEMBRO DE 2019 DE RENATA_FREITAS_LIBRAS
---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos trechos apresentados no quadro 5, os autores expressam a sua própria estética, relacionada à experiência singular do autor. Para os leitores, há um efeito de impacto, que se identifica com o seu gosto, suas emoções. Essa forma de literatura é representativa dos movimentos sociais, pois tem um aspecto político e um valor ético.

A literatura transfere a experiência de sobrevivência na sociedade também com a arte, com a presença política, com a história, é claro, com a estética. A Literatura Gay, a Literatura Negra e a Literatura Surda nunca serão neutras, sempre terão um caráter político, a partir de uma posição impregnada por fatores culturais, políticos e sociais. Analisemos os trechos que têm a marca de representatividade no quadro a seguir:

Tabela 1 - Trechos que marcam a representatividade social

Autores	Representante	Trecho	Interpretação
---------	---------------	--------	---------------

⁷ RODRIGUÉZ, Aymmar. Descanse em paz? In: MOURA, Amanda Machado; Marina *et al* (org.). **Poesia Gay Brasileira**: antologia. Belo Horizonte: Amarelo Grão Editorial, 2017.

⁸ ASSUMPÇÃO, Carlos de. FÊNIX in **Não pararei de gritar: poemas reunidos**, Carlos de Assumpção (org.) Alberto Pucheu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

⁹ FREITAS, Renata. **A dor do silêncio**. Fortaleza, 26 set. 2019. Instagram: @renata_freitas_libras Disponível em: https://www.instagram.com/p/B2449TtF_EO/ Acesso em: 07 jan. 2022.

Aymmar Rodríguez	Comunidade LGBTQIAPN+	quando resolveu amar outro homem - lhe deram várias facadas	diversidade de orientação sexual
Carlos de Assumpção	Comunidade Negra	Riram dos nossos valores. Apagaram os nossos sonhos. Pisaram a nossa dignidade.	Respeito à igualdade racial
Renata Freitas	Comunidade Surda	 Trecho de vídeo: 0:55 a 0:55 ¹⁰	Respeito à língua de sinais e à comunidade surda

Fonte: Elaborado pelo autor

Percebemos que cada grupo, dentro de suas diferenças sociais, alcança o objetivo da luta pelos direitos através da literatura. Por outro lado, praticamos essa ciência a cada vez que buscamos conceituar o que entendemos por literatura. Literatura é uma manifestação representativa das pessoas e dos grupos sociais. Nesse sentido, a produção literária é um fenômeno de natureza social e as expressões dos autores constituem uma interpretação do mundo, refletindo o modo do autor perceber a realidade, e as palavras servem como dispositivos artísticos dentro do texto literário.

Por essa razão, a partir da poesia de Freitas, analisamos o trecho destacado como uma resistência em compartilhar experiências na comunidade surda durante o processo de descoberta da pessoa surda.

Figura 1 - Poesia da Renata Freitas – “A dor do silêncio”



Fonte: FREITAS, Renata. @renata_freitas_libras no Instagram. Data de publicação: 26 de setembro de 2019.

¹⁰ Os olhos brilhantes primeiro contato da língua de sinais, porém os pais a proibiu usar a sua própria língua (tradução em português pelo autor).

A Figura 1, apresenta a poesia de Renata Freitas, que retrata diversas cenas e angústias vivenciadas por pessoas surdas, muitas vezes, marcadas por experiências dentro das relações familiares quando consideram o surdo um estranho por não possuir capacidade auditiva. Frequentemente, essas pessoas buscam assistência na área da saúde devido à associação da surdez com uma condição patológica. Isso evidencia que a maioria da comunidade surda já enfrentou essa situação, sendo um fenômeno social que afeta a todos. Portanto, os autores surdos interpretam essa experiência na arte de sinalizar, expressando sua realidade e seu modo de sobrevivência no mundo.

Em razão disso, Zilberman (2012, p. 13) afirma que é preciso “estudar a literatura para verificar o que a particulariza enquanto manifestação da linguagem e representação do mundo” para poder “criar arte a partir do novo, daquilo que nunca tinha sido feito, independentemente de o público apreciar ou não” (Zilberman, 2012, p. 14).

Nas palavras de Regina Zilberman, a literatura é uma particular manifestação dos autores através da linguagem e representação na sociedade. Espero que as definições de Zilberman (2012) e Lajolo (2001) possam ajudar a esclarecer os conceitos de literatura de modo geral, atrelando à perspectiva sobre a Literatura Surda e a Literatura em Libras realizada a partir do levantamento e análise dos conceitos. Busco discutir a definição de cada uma, trazendo as convergências e as discrepâncias entre elas.

2.2. O CAMPO DE ESTUDO DAS LITERATURAS SURDAS E SUA EXPRESSÃO EM LIBRAS

Finalmente, chegamos a este ponto da conversa, pois a paciência do leitor está se esgotando. Neste subitem, discutimos com a mesma complexidade anterior "O que é literatura?", a partir da qual compreendemos o movimento do campo de estudo das Literaturas Surdas na construção do espaço territorializado através da lente de Deleuze e Guattari (2017).

Territorializar é um processo pelo qual as estruturas sociais e culturais se estabelecem em determinados espaços de estudo, criando fronteiras e limites. Podemos analisar como os pesquisadores produzem intelectualmente sobre os temas presentes na Literatura Surda e Literatura em Libras, refletindo e construindo as experiências do estudo científico. Para isso, destacamos os

estudos surdos, os estudos culturais e outros que vêm desenvolvendo estudos e pesquisas relacionadas a essa temática.

O campo de estudo da Literatura Surda já desenvolveu diversos estudos sobre surdo, linguística e outros temas relacionados. Pode-se dizer que a Literatura Surda abarca a Literatura em Língua de Sinais, como mostram os dados apresentados por Mourão (2016). Em sua pesquisa, os entrevistados expressaram que as características principais daqueles que produzem Literatura Surda “estão vinculadas à identidade, cultura e comunidade. Essas características se revelam em suas narrativas, que trazem suas histórias através do tempo por meio das mãos literárias” (2016, p. 196). A Literatura Surda refere-se a uma língua visual, nesse sentido a experiência da arte sinalizante é uma forma estética relacionada à textualidade diferida ¹¹(Peluso, 2024)

Acredita-se que um levantamento bibliográfico pode contribuir para o avanço do conhecimento científico no campo da Literatura Surda, visando compreender a evolução nessa área de pesquisa em Literatura Surda. É importante ressaltar que cada pesquisa possui seus próprios objetivos e interesses específicos. No entanto, essa análise bibliográfica oferece uma oportunidade de aprofundar os conceitos da criação e/ou produção cultural e as teorias no campo de estudo da Literatura Surda

A partir de uma busca realizada em pesquisas e publicações relacionada ao tema em base de dados eletrônicos nacionais (apresentado mais a frente), foi feito um levantamento que possibilitou o acesso a informações relevantes para a reflexão sobre o campo de estudo da Literatura Surda. Percebemos que há autores que contribuíram para o crescimento do campo de estudo da Literatura Surda. A escrita deste capítulo, portanto, constitui um movimento em direção à diversificação de estudo, fundamentados em uma abordagem científica acadêmica.

Coleta de Material Bibliográfico:

¹¹ Textualidade diferida é um conceito que, “o vídeo-registros como textualidade diferida em língua de sinais uruguay – LSU possibilita a ideia de que textos escritos em língua orais podem ser traduzidos em textos gravados em vídeo em língua de sinais e vice-versa” (Peluso, 2024, p.218).

A coleta de material bibliográfico ocorreu na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD¹². Nesse banco de dados de teses e dissertações e utilizou-se o campo específico sobre o assunto para buscar o material necessário.

Palavras-chave (I):

- Foram utilizadas as **palavras-chave** “Literatura Surda” e “Literatura em Libras”, para poder encontrar várias campo de estudo Literatura Surda.

Critério Temporal (II):

- Selecionaram-se pesquisas realizadas entre 2006 e 2022
- Foram selecionadas pesquisas a partir do ano de 2006 até 2022. O motivo da escolha dessa data foi o início da disciplina de Literatura Surda no curso Letras-Libras oferecido pela UFSC, embora seja sabido que a Literatura Surda já circulava antes do curso, como se pode observar nas palavras de Carolina Hessel Silveira:

Nas décadas de 1980-90, a literatura surda circulava de modo mais presencial e nos encontros entre os surdos. Espaços como associações de surdos, escola de surdo e eventos da área contavam com apresentações teatrais e/ou com surdos contadores de histórias, e havia pouco ouvintes que participavam (Karnopp; Silveira, 2014 p. 97-98).

Por esse motivo, foi escolhido o ano de 2006, quando teve início no curso de licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância, a disciplina Literatura Surda ministrada pela Professora Dra. Lodenir Karnopp¹³. Para essa disciplina, foi desenvolvido um material didático de ensino a distância. Nesse período, a pesquisa sobre Literatura Surda se desenvolveu e começou a ter um maior número de produções na área científica e acadêmica.

Seleção de Assunto (III):

¹² Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações, a seguir o link: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>.

¹³ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na faculdade de Educação, a seguir o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/67763353949199>

- Identificação de autores que abordavam, em suas pesquisas, os temas “Literatura Surda” e “Literatura em Libras”.
- Revisão dos resumos das pesquisas selecionadas para uma compreensão inicial dos objetivos, métodos e principais conclusões de cada estudo. Essa análise serviu para avaliar a pertinência de cada trabalho em relação ao tema e identificar contribuições específicas para o entendimento da Literatura Surda e Literatura em Libras

Análise de Resumo e Conclusão (IV):

- Por fim, realizou-se uma análise dos resumos das pesquisas para compreender o enfoque de cada uma, dando suporte à construção de uma discussão baseada nas principais contribuições.

2.3. EXPOSIÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE O CAMPO DA LITERATURAS SURDAS

Apresentamos o atual estado da arte das pesquisas, sobre o que os pesquisadores consideram como a Literatura Surda e também Literatura em Libras, na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>), a partir do ano 2006. Foram selecionados trabalhos apenas em língua portuguesa brasileira e que continham o assunto específico sobre os conceitos de Literatura Surda e Literatura em Libras (ou Língua de Sinais). A seguir, apresentamos a tabela de levantamento na BDTD:

Tabela 2 - Trabalho encontrado no banco da BDTD de acordo com o critério da pesquisa na base de dados

Palavra-chave	Total	Ano (2006- 2022)	Idioma (Português- Brasileiro)	Assunto	Tipo documento		Validar	
					DM	TD	DM	TD
Literatura Surda	291	281	273	21	15	6	11	6
Literatura em Libras	617	609	589	19	13	6	1	0

Fonte: Elaborada pelo autor (DM – Dissertação de Mestrado; TD – Tese de Doutorado)

Nosso **levantamento inicial** foi conduzido na base de dados utilizando as palavras-chave “Literatura Surda – LS” e “Literatura em Libras – LL”. Encontramos 291 trabalhos com o termo

“Literatura Surda – LS” e 671 com o termo “Literatura em Libras – LL”. Posteriormente, realizamos um **refinamento temporal** de acordo com o período pré-definido, abrangendo de 2006 a 2022, e identificamos 281 trabalhos em LS e 609 em LL.

Para **refinar por idioma**, optamos por selecionar apenas os trabalhos em Língua Portuguesa (Brasileira), resultando em 273 trabalhos em LS e 589 em LL. Notavelmente, 46 trabalhos foram removidos devido à questão da língua estrangeira, sublinhando a valorização dos pesquisadores brasileiros, principalmente no que tange à língua de sinais brasileira. Essa abordagem enfatiza a importância do contexto das experiências culturais surdas brasileiras, bem como dos valores e das políticas que influenciam a comunidade surda brasileira, destacando a possibilidade de interferência por parte dos pesquisadores do campo da Literatura Surda.

Em seguida, realizamos uma nova filtragem para **selecionar** os trabalhos que traziam uma **relevância** específica ao conceito de Literatura Surda ou Literatura em Libras, resultando em 21 em LS e 19 em LL. Uma análise mais detalhada revelou que, dentre os trabalhos em Literatura Surda, havia 15 dissertações de mestrado (DM) e 6 teses de doutorado (TD).

Durante essa etapa, realizamos a leitura dos resumos e sumários dos trabalhos, observando uma discussão mais objetiva sobre o campo da Literatura Surda, bem como detalhes sobre o tipo de pesquisa. No entanto, alguns pesquisadores utilizaram a Literatura Surda como base para analisar o processo de aquisição da linguagem em crianças surdas, ainda que não tenham aprofundado o conceito dentro do escopo deste capítulo.

Após uma **leitura detalhada e uma adequação do tema**, constatamos que alguns trabalhos não atendiam plenamente aos critérios definidos inicialmente. Especificamente, identificamos que 6 trabalhos categorizados como Literatura em Libras estavam mais adequados para Literatura Surda e 12 trabalhos foram excluídos por não se encaixarem nos critérios estabelecidos. Essas dificuldades principais da pesquisa incluíram casos em que alguns pesquisadores usaram a Literatura Surda como análise dentro da Literatura em Libras, às vezes, acreditando haver o mesmo significado entre as duas, e também situações em que o título incluía “Literatura Surda”, mas as palavras-chave indicavam “Literatura em Libras”, resultando em uma leitura duplicada por parte do banco de dados BDTD.

Após essa validação final, consideramos válidos apenas os trabalhos que atendiam aos critérios específicos, resultando em 11 Dissertações de Mestrado (DM) e 6 Teses de Doutorado (TD) para Literatura Surda, e 1 Dissertação de Mestrado (DM) para Literatura em Libras e somente foram considerados válidos os trabalhos que estavam de acordo com um único critério, conforme apresentado na tabela 03:

Tabela 3 - Trabalhos encontrados no banco de tese e dissertações da BDTD, divididos por região que abordam a temática da Literatura Surda e Literatura em Libras, e por isso foram validados.

Nº	AUTOR(A)/ANO	UNI	PROGRAMA	NÍVEL	ORIENTADOR(A) / COORDENADOR(A)
REGIÃO NORTE					
NÃO FOI ENCONTRADA NENHUMA PRODUÇÃO					
REGIÃO NORDESTE					
01	ALENCAR, Joyce Gomes de (2019)	UFAL	<i>Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística</i>	MS	STELLA, Paulo Rogério
TÍTULO: SUBTÍTULO		CONSTRUINDO PROCESSOS DE LITERATURA SURDA NA ESCOLA: reflexões, ações e propostas			
BASE TEÓRICA		Heinzelmann (2015); Karnopp (2008; 2010); Mourão (2016); Rosa (2012)			
02	JESUS, João Ricardo Bispo (2019)	UFBA	<i>Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultural</i>	MS	COSTA, Suzane Lima
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS: a performance do escritor surdo Maurício Barreto			
BASE TEÓRICA		Morgado (2011), Karnopp (2010), Mourão (2016) e Klamt (2014)			
03	NOBREGA, Carolina Silva Resende da (2017)	UFPB	<i>Programa de Pós-graduação em Letras</i>	DR	LÚCIO, Ana Cristina Marinho
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA SURDA: As produções digitais de textos religioso em Libras			
BASE TEÓRICA		Peter (2000), Sutton-Spence (2005, 2016), Mourão (2011), Possebom; Peixoto (2013), Karnopp (2008), Quadros; Schmiedt (2006), Strobel (2008)			
04	PAIXOTO, Janaina Aguiar (2016)	UFPB	<i>Programa de Pós-graduação em Letras</i>	DR	POSSEBON, Fabricio
TÍTULO: SUBTÍTULO		O REGISTRO DA BELEZA NAS MÃOS: A tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil			
BASE TEÓRICA		Cândido (1976), Hegel (2004), Sutton-Spence (2005), Edgar-Hunt (2013)			
05	PORTO, Shirley Barbosa das Neves (2007)	UFCG	<i>Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino</i>	MS	NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva.
TÍTULO: SUBTÍTULO		DE POESIA, MUITAS VOZES, ALGUNS SINAIS: Vivências e descobertas na apreciação e leitura de poemas por surdos			
BASE TEÓRICA		Karnopp (2006), Rosa (2006), Soares (2006), CHAUÍ, 1999			

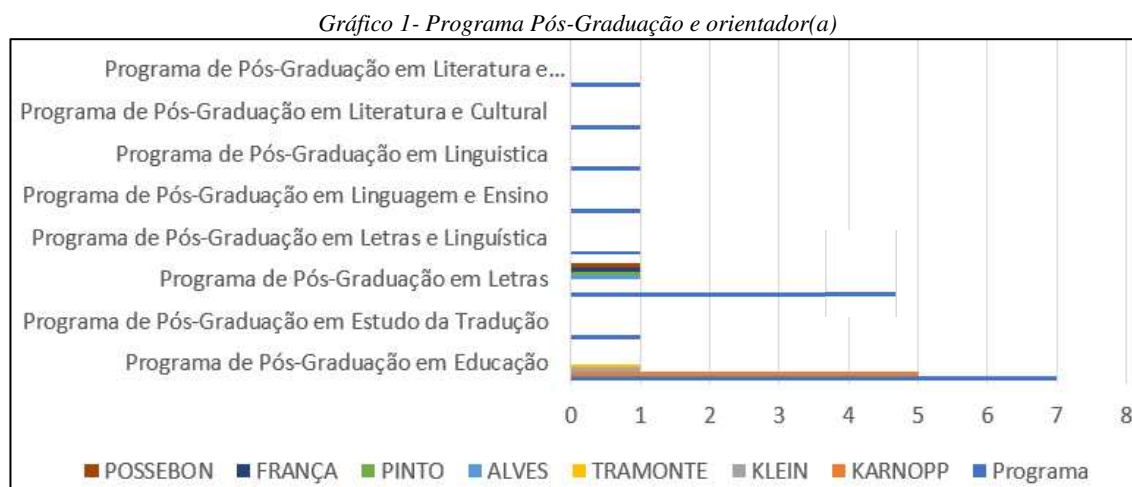
06	SANTOS, Almir Barbosa dos (2016)	UFS	Programa de Pós-Graduação em Letras	MS	FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro
TÍTULO: SUBTÍTULO		O SUPORTE DIGITAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A COMUNIDADE SURDA: O caso da obra “As aventuras de Pinóquio em língua de sinais/português.			
BASE TEÓRICA		Quadros (1997, 2006), Skliar (1998), Karnopp (2006, 2008, 2010), Peixoto <i>et al</i> (2013), Strobel (2009), Perlin (1998),			
REGIÃO CENTRO-OESTE					
07	GARCIA, Mirian Thayla Ribeiro (2019)	UNB	Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais	DR	TINOCO, Robson Coelho
TÍTULO: SUBTÍTULO		SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O letramento literário de alunos surdos em turmas inclusiva no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos			
BASE TEÓRICA		Souza; Menezes (2016); Muller; Karnopp (2017), Karnopp (2010b), Mourão (2011, 2012), Ribeiro; Pereira (2015), Dall’Alba; Strumpf (2017), Medeiro; Cabral (2014), Karnopp e Hessel (2009)			
08	OLIVEIRA, Ana Cristina Di (2019)	PUC	Programa de Pós-Graduação em Mestrado em letras	MS	PINTO, Divino José
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA E IMAGEM: Apreensão do signo estético para surdo			
BASE TEÓRICA		Karnopp (2006, 2008), Silveira (2000), Skliar (1998), Muller (2012), Lebedeff (2005),			
REGIÃO SUDESTE					
NÃO FOI ENCONTRADA NENHUMA PRODUÇÃO					
REGIÃO SUL					
09	BOLDO, Jaqueline (2015)	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Educação	MS	TRAMONTE, Cristiana; PERLIN, Gladis
TÍTULO: SUBTÍTULO		Intercorrências na cultura e na identidade surda como o uso da literatura infantil			
BASE TEÓRICA		Rosa; Klein (2012); Strobel (2008); Karnopp; Machado (2006), Nascimento e Scareli (2012); Mourão (2011) Silveira, Rosa e Karnopp (2003); Karnopp (2006; 2010); Rosa (2006); Alves, Karnopp (2003)			
10	BOSSE, Renata Ohlson Heinzelmann (2019)	UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Educação	DR	KARNOPP, Lodenir Becker
TÍTULO: SUBTÍTULO		Literatura surda no currículo das escolas de surdos			
BASE TEÓRICA		Rosa (2011), Mourão (2011, 2016), Castro (2012), Machado (2013), Silveira (2015)			
11	CAMPOS, Klícia de Araújo (2017)	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução	MS	SPENCE, Rachel Louise Sutton
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA DE CORDEL EM LIBRA: Os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo			
BASE TEÓRICA		Karnopp (2008); Mourão (2011) Sutton-Spence (2016); Rosa, Klein (2011)			
12	COSTA, Gésica Suellen Sobrinho (2018)	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Linguística	MS	STUMPF, Marianne Rossi; MORAIS, Carla Damasceno de

TÍTULO: SUBTÍTULO		CINDERELA SURDA: Um estudo sobre a coesão textual em escrita de sinais – SignWriting			
BASE TEÓRICA		D'ONOFRIO (1995), GOMES (2018), BETTELHEIM (2017), MOURÃO (2012), PEIXOTO (2016)			
13	MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes (2011)	UFRGS	<i>Programa de Pós-Graduação em Educação</i>	MS	KARNOPP, Lodenir Becker
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA SURDA: Produções culturais de surdo em língua de sinais			
BASE TEÓRICA		Strobel (2008); Karnopp; Machado (2006); Apolinário (2005)			
14	MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes (2016)	UFRGS	<i>Programa de Pós-Graduação em Educação</i>	DR	KARNOPP, Lodenir Becker
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA SURDA: Experiência das mãos literárias			
BASE TEÓRICA		Wrigley (1996), Hall (2007, 2011) Karnopp; Klein; Lunardi-Lazzarin (2011), Ladd (2013), Silva (2014), Larrosa (2015)			
15	OLIVEIRA, Carmen Elisabete de (2019)	UNIOESTE	<i>Programa de Pós-Graduação em Letras</i>	MS	ALVES, Lourdes Kaminski; DAL MOLIN, Beatriz Helena
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA SURDA INFANTIL: uma via para além do silêncio			
BASE TEÓRICA		Strobel (2009); Karnopp (2011); Morgado (2011); Rosa (2011); Mourão (2016)			
16	POKORSKI, Juliana de Oliveira (2014)	UFRGS	<i>Programa de Pós-Graduação em Educação</i>	MS	KARNOPP, Lodenir Becker
TÍTULO: SUBTÍTULO		REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA: Produção da diferença surda no curso Letras-Libras.			
BASE TEÓRICA		Mourão (2011), Bortolleti (2013), Silveira (2000) Karnopp (2010; 2006), Sutton-Spence (2006), Muller (2012)			
17	ROSA, Fabiano Souto (2011)	UFPeI	<i>Programa Pós-Graduação em Educação</i>	MS	KLEIN, Madalena
TÍTULO: SUBTÍTULO		O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livro digitais			
BASE TEÓRICA		Karnopp (2010), Silveira (2000), Karnopp e Machado (2006) Wrigley (1996)			
18	SILVEIRA, Carolina Hessel (2015)	UFRGS	<i>Programa de Pós-Graduação em Educação</i>	DR	KARNOPP, Lodenir Becker
TÍTULO: SUBTÍTULO		LITERATURA SURDA: Análise da circulação de piadas clássicas			
BASE TEÓRICA		Lajolo (2001), Karnopp (2010), Strobel (2009), Cascudo (2006), Rutherford (1983)			

Fonte: Elaborada pelo autor

Retomando a análise da Tabela 03, observa-se que algumas informações ainda não foram atualizadas. No entanto, na região Sudeste, há pesquisadores atuantes na área, embora nenhuma produção tenha sido encontrada na BDTD. Por esse motivo, optou-se por seguir as informações da BDTD para identificar quais são os programas de Pós-Graduação, quais orientadores(as) desenvolvem pesquisas sobre Literatura Surda e quais bases teóricas sustentam a discussão conceitual de Literatura Surda e Literatura em Libras. Observamos pela Tabela 03 que as regiões

Norte e Sudeste do Brasil não produziram nenhuma pesquisa no período analisado. Vejamos a seguir o Gráfico 01:



Um dado curioso conseguido com esse levantamento foi que a maioria da pesquisa está vinculada a um programa de Pós-Graduação em Educação no sul do Brasil. Nessa região, está a maioria dos trabalhos, totalizando pesquisas, nas seguintes universidades: UFPel, UFRGS e UFSC. A UFRGS tem 5 trabalhos de pesquisa sobre a Literatura Surda sob orientação de Karnopp, 2 dissertações e 3 teses. A outra é uma dissertação orientada pela Dra. Madalena Klein na PPGE/UFPel e também uma dissertação orientada pela Profa. Dra. Cristiana Tramonte e coorientadora Profa. Dra. Gladis Perlin no PPGE/UFSC, totalizando 7 dissertações e 3 teses. Na região nordeste, encontramos 4 dissertações e 2 teses e região Centro-Oeste, uma dissertação e uma tese.

O Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB tem duas dissertações com diferentes orientadores no mesmo programa que são a Profa. Dra. Ana Cristina M. Lúcio e o Prof. Dr. Fabricio Possebon. Os outros trabalhos são: uma dissertação sob orientação da Profa. Dra. Lilian Cristina M. França – PPGL/UFS, uma dissertação sob orientação do Prof. Dr. Divino J. Pinto – PUC/MG e, por último, a UNIOESTE tem uma dissertação sob orientação da Profa. Dra. Lourdes K. Alves.

Supomos que a maior incidência de trabalhos na região no sul do país se deva ao fato de que nessa região foi onde teve início a pesquisa na área de estudo sobre surdez e também teve a primeira graduação em Letras-Libras. Verificamos que muitas pesquisas usam como referência

teórica a autora Karnopp (2006; 2008; 2010; 2011; 2017). Supomos que isso se deve ao fato de que quando a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC iniciou o primeiro curso de licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância, Karnopp (2008) foi convidada a desenvolver um material didático sobre Literatura Surda e, por isso, muitos pesquisadores usam a autora como referência e base teórica. Inclusive Karnopp desenvolveu e orientou várias pesquisas na área de Literatura Surda com base na teoria dos Estudos Culturais e Educação.

2.4. TEMAS DAS PESQUISAS:

Ao realizar uma leitura simplificada dessa Tabela 1, foi possível apresentar, pelos trabalhos levantados, os objetivos das pesquisas relacionando-os à Literatura Surda e à Literatura em Libras. Apresentamos quatro categorias analíticas a fim de auxiliar no aporte teórico desta pesquisa. As categorias foram: Educação, Material, Tradução e Conceitual.

2.4.1. EDUCAÇÃO

Sobre a primeira categoria, “educação”, temos 4 trabalhos:

O trabalho de Bosse (2019) trata a Literatura como conteúdo curricular na educação de surdos de forma a promover a circulação da Literatura Surda. Já o estudo de Alencar (2019), investiga como os professores, por meio de planos de aulas e diários, trabalham a Literatura Surda como ferramenta pedagógica. Boldo (2015) analisa narrativas de sujeito surdo e relata o contato com o livro *A cigarra Surda e as formigas* em classe bilíngue. Ressalta-se ainda um estudo que traz elementos que visam estimular a construção do *ser leitor* nos alunos surdos na escola inclusiva do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos – EJA (Garcia, 2019).

2.4.2. MATERIAL DIDÁTICO

Na segunda categoria, “material didático”, temos 7 trabalhos:

Em um dos trabalhos, as análises se voltaram para a produção de materiais didáticos para compreender e compartilhar o mundo por meio de experiências visuais na comunidade surda, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da arte sinalizante na Libras, além de investigar a estética da recepção da escrita em língua portuguesa e em língua de sinais por surdos (Porto,

2007). Um segundo trabalho buscou analisar elementos extratextuais em escrita de sinais da obra *Cinderela Surda* (Costa, 2018).

Além desses escritos, uma pesquisa trata da visão que os professores surdos têm dos livros digitais em Libras (Rosa, 2011). Analisar o livro digital para o ensino e a aprendizagem da comunidade surda foi o objetivo da pesquisa de Santos (2016). Outro trabalho que desenvolveu uma análise de produções literárias foi o de Mourão (2011). A pesquisa de Jesus (2019) analisou a produção literária de alunos surdos do curso de Letras-Libras, observando as produções estéticas em língua de sinais de Maurício Barreto no meio rede social (Jesus, 2019). Peixoto (2016) fez uma análise do contexto de produção de setenta poesias em Libras.

Pokorski (2014) investiga as representações nas narrativas dos alunos do curso de Letras-Libras e considerou a narrativa como representante de um lugar de fala. Enquanto isso, Silveira (2015) explorou o humor nas representações de surdos registrados em DVD, em sites e no YouTube.

2.4.3. TRADUÇÃO

Por fim, na última categoria, “tradução”, temos 3 trabalhos. O trabalho de Nóbrega (2017) analisou produções digitais em Libras e léxicos no campo religioso, comparando diferentes tipos de textos literários e informativos em Libras. Observar o processo de tradução em Libras de fábulas e as estratégias no uso da estética na modalidade visual para surdos, incluindo gramática, classificadores e ritmo foi o objetivo da pesquisa de Oliveira (2019). A pesquisa de Campos (2017) investigou o processo de tradução da literatura nordestina por um tradutor surdo (Campos, 2017).

2.4.4. DEFINIÇÃO CONCEITUAL

A última categoria é dos trabalhos que apresentam formulações conceituais e de aprofundamento de estudo sobre Literatura Surda. Uma pesquisa analisou o desenvolvimento das habilidades de leitura, de escrita e da compreensão de sinais das crianças surdas (Oliveira, 2019). Outra pesquisa descreveu as diferenças entre Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais a partir das narrativas presentes nas entrevistas com a experiência na arte sinalizante (Mourão, 2016).

Mourão (2016) trouxe a discussão com os entrevistados que destaca que a Literatura Surda é criada por indivíduos surdos, enraizados em sua identidade e cultura surda, e enriquecida por uma perspectiva visual única. Personagens surdos são frequentemente incorporados às histórias, refletindo as experiências e valores da comunidade surda. A visualidade desempenha um papel fundamental na interpretação da língua de sinais, servindo como base essencial para essa forma de literatura. As narrativas abordam as vivências e lutas dos surdos ao longo do tempo, transmitindo suas identidades e valores culturais através de testemunhos e documentos. Além disso, enfatizam a importância da comunidade surda e suas batalhas por reconhecimento e direitos. Os personagens surdos são protagonistas nessas histórias, representando as complexidades e diversidades da identidade surda. A Literatura Surda se expressa tanto na língua de sinais quanto na escrita, fortalece a identidade surda e perpetua as tradições culturais ao longo das gerações. Em suma, a Literatura Surda é uma forma única de expressão artística e cultural que reflete as experiências e os valores da comunidade surda, e promove o desenvolvimento linguístico e identitário dos surdos.

Acreditamos que a Literatura Surda abarca a Literatura em Língua de Sinais. Como Mourão (2016, p. 202) mostrou: “questões linguísticas, as análises nos estudos da língua de sinais nos mostram os aspectos linguísticos, tal como a importância dos classificadores e da incorporação da forma dos animais, humanos e objetos”. Por isso, tal característica é própria da modalidade da língua visual. Podemos associar a incorporação de animais, não-humanos, humanos, objetos, o ritmo, velocidade, os classificadores, até neologismos, como elementos presentes na produção de Literatura Surda.

2.5. Apresentando o campo de emergência das Literaturas Surdas

Terminando o subtítulo anterior, recupero o objetivo deste capítulo. Já não paro de pensar, sinalizando. Espero que o leitor aguarde mais um pouco. Após o levantamento bibliográfico, os dados foram analisados por meio da realização de fichamentos textuais, que buscaram abranger todas as informações consideráveis. O estudo da Literatura Surda é um campo de saber que engloba produções literárias que inserem a língua de sinais na comunidade surda. Há produções em Libras e produções que não estão em Libras (performance, fotos, pintura etc.), mas que trazem a perspectiva social surda e, desse modo, estão dentro dos territórios surdos que fazem aparecer as variadas produções que compõem a Literatura Surda.

É importante ter isso em mente não só para o estudo e compreensão da evolução da Literatura Surda em Libras na área científica acadêmica, bem como para a análise das principais ideias de cada dissertação e tese. Em síntese, o resultado apresentado neste estudo possibilitou uma perspectiva sobre a definição dos conceitos que apresento a seguir.

Para tal, fizemos uma leitura condensando os temas mais relevantes de cada pesquisa como um processo de extração. No primeiro momento, buscamos uma síntese, exprimindo do texto aquilo que mais importava: o conceito, ou seja, uma interpretação possível para compreensão dos conceitos de Literatura Surda e Literatura em Libras. Buscamos verificar quais as definições e explicações do significado entre os autores intelectuais para posteriormente poder dialogar com esses interlocutores e tratar, nesta pesquisa, sobre as diferentes abordagens do conceito.

Em um segundo momento, procuramos mergulhar profundamente no que, exatamente, é a palavra ‘Literatura’, tendo como suporte teórico Lajolo (2001) e Zilberman (2012). Segundo os autores, algumas definições podem ajudar a compreender o que é literatura:

- ✓ É uma forma de representatividade dentro dos movimentos sociais fundada em interesses em comum;
- ✓ Escrita que tem como intenção que outros leiam (escritor/leitores) e corporificação de diferentes formas de expressões: natural, verbal;
- ✓ Manifestação artística que proporciona uma experiência sensível por parte dos leitores, envolvendo seu gosto e suas emoções.

Através de uma busca de dissertações e teses da BDTD, foram validados alguns trabalhos, de acordo o critério desta pesquisa. O levantamento do banco de dados nos conduziu a uma reflexão sobre a nomenclatura utilizada para as produções literárias na comunidade surda: Literatura Surda e Literatura em Libras. Apresentamos, então, as definições de alguns pesquisadores. Segundo a pesquisadora Heinzelmann (2015, p. 75-76), a definição de Literatura Surda:

É um meio pelo qual as pessoas surdas falantes da Língua Brasileira de Sinais podem acessar diferentes conhecimentos e valores que estão imbricados na história, bem com regras de convívio social em diferentes contextos, além de estimular a imaginação e a criatividade dos surdos utilizando a língua natural. [...] “Literatura Surda” para aquelas histórias que são narradas em Língua de Sinais e contam com a identidade e a cultura surda, bem como a produção de textos literários em Língua de Sinais escritos.

Por isso, a comunidade surda usa a sua própria língua, sendo que o autor sinalizante produz a experiência de ser surdo, apontando suas dificuldades, barreiras, lutas do dia a dia. A Literatura Surda produz nos leitores um encontro, uma vez que permite a compreensão da vida do surdo, ou seja, através da literatura se apresenta o que é ‘ser surdo’.

Para Campos (2017), a Literatura Surda se caracteriza por apresentar “diversos aspectos da experiência visual da comunidade surda, que sempre é vinculada à língua de sinais” (Campos, 2017 p. 61). Como diz Lajolo (1982), a literatura tem uma interação estética. É importante, antes de tudo, entender que a obra literária tem um objetivo social, sendo que no caso da comunidade surda, o autor sinalizante produz a obra na modalidade visual, que permite ao leitor compreendê-la pela percepção visual. É esse intercâmbio social que permite a interação estética com a sua própria língua entre um autor sinalizante e um leitor que interage com a obra pela percepção visual, fazendo cumprir a natureza política da comunidade surda. Assim, a literatura cumpre um papel de integração social.

A história do povo surdo se constituiu pela Língua de Sinais, e a Literatura Surda tem a função de compartilhar a experiência singular de cada sinalizante como membro dessa história. Cada autor sinalizante imprime em sua obra sua própria identidade e também é “capaz de provocar sensações e expressões a quem assiste, pois é algo que lhes é familiar ou em muito se aproxima da sua realidade, fazendo parte da sua própria cultura” (Rosa, 2011 p. 100).

Por esse motivo, Karnopp (2010) afirma que o papel da Literatura Surda é a “difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual”. Santos (2016) afirma que a Literatura Surda sempre tem a presença de temas que retratam narrativas de experiência da vida, trazendo o cotidiano da pessoa surda, seus desafios, tensões, dificuldades e exemplos de superação dos problemas em relação à sociedade. São esses elementos que Lajolo (2001) chama de “interação estética”.

Para poder entender esse conceito de “interação estética” no encontro leitor/autor, podemos dizer que, no momento do contato com a Literatura Surda, a pessoa em contato com a obra literária em vídeo ou presencialmente, consegue se identificar com as experiências

compartilhadas pelo autor sinalizante. Isso ocorre quando a produção literária traz uma autorrepresentação.

O conceito de autorrepresentação se fundamenta sobre a ideia de representação proposta por Hall (1997), quando dispõe que os sujeitos compartilham significados e atribuem sentidos às coisas por meio da linguagem, que é um produto social. A linguagem, portanto, é um sistema de representação mediada pela cultura, pela forma de compartilhamento de significados e pelas nossas interpretações, ou seja, os significados são transpassados e adquiridos dentro de uma cultura. “A Literatura Surda, portanto, faz parte da cultura surda, que foi sendo construída nos processos sociais dos sujeitos surdos, com suas experiências visuais, sua língua própria, compartilhada entre os surdos” (Mourão, 2016 p.35). Complementando com a definição de Jesus (2019), esse tipo de produção de textos literários em sinais traduz a experiência visual para mergulhar na vida da pessoa surda e cria possibilidades de outras representações de surdos como um grupo linguístico com uma cultura diferente.

É complexo tentar reunir ideias e unificar o conceito de Literatura; igualmente, os pesquisadores da área de Estudo Culturais encontram dificuldade para definir a Literatura Surda, entretanto, os diálogos sobre o tema têm o consenso de que as produções surdas estão relacionadas à autorrepresentação do “Ser Surdo” (Oliveira, 2019 p. 91).

Segundo a autora, a autorrepresentação na Literatura Surda traz consigo a identidade, a ética e uma luta política de resistência à cultura dominante (Oliveira, 2019, p. 92). Para Nóbrega (2017), a Literatura Surda representa tanto a comunidade surda como sua presença no território brasileiro. O fato mais interessante é uso da língua de sinais no contato entre duas pessoas surdas sinalizantes, que podem compartilhar a experiência de ‘ser surdo’ bem como as vivências do dia a dia, as dificuldades, e as estratégias de superação e sobrevivência na sociedade.

“A Literatura Surda aborda temas que retratam também narrativas de experiência de vida, trazendo para o texto literário o universo cotidiano da pessoa surda, seus desafios, tensões, dificuldades e exemplos de superação” (Santos, 2016 p. 29). Na Literatura Surda, os leitores/receptores visuais podem ser surdos ou ouvintes, pois como afirma Lajolo (1982) “é importante que ocorra entre escritor e leitor um intercâmbio social que promova a interação estética entre quem escreve e quem lê, fazendo cumprir a natureza social da literatura”.

Na comunidade surda, principalmente, a arte sinalizada é de modalidade visual e tem a função de ser um canal de comunicação com seus semelhantes. O receptor visual compreende o significado das produções literárias porque estas utilizam o corpo, a expressão facial e gestos para transmitir os modos e as estratégias de sobrevivência no mundo ouvinte. Leitores/receptores visuais despertam a sua própria singularidade a partir da experiência com a Literatura Surda.

Podemos ressaltar que a Literatura Surda tem possibilitado a visibilidade das lutas das pessoas surdas, como afirma Jesus (2019):

essa inespecificidade da Literatura em Língua de Sinais ganha novo espaço quando a comunidade pouco representada, mas de grande potência estética, se dilata na sociedade. Pensar na expansão da comunidade surda na sociedade e reconhecer que após três décadas de estudo sobre o surdo, sua cultura e língua, aqui Brasil, tem-se conseguido, gradativamente, ocupar espaços antes negados a essa população (Jesus, 2019 p. 53).

Para Peixoto (2016), há diferença entre Literatura Surda e Literatura em Libras. A autora esclarece que a Literatura Surda consiste nas produções literárias criadas pelos sujeitos surdos, e a Literatura em Libras são as obras adaptadas por surdos com elementos identitários e culturais, e releitura de obras clássicas criadas por ouvintes, da mesma forma que as obras de autores surdos que são criadas em Língua Portuguesa ou em Língua de Sinais na modalidade escrita. É considerada Literatura Surda apenas as criações em Língua de Sinais, ou seja, na modalidade sinalizada.

Sutton-Spence publicou o livro chamado *Literatura em Libras*, no ano de 2021, pela Editora Arara Azul. O livro traz um trecho no qual a autora explica a diferença entre a Literatura Surda e Literatura em Libras. A Literatura Surda é original em Libras e mostra que algumas experiências das vidas dos surdos são iguais às das pessoas ouvintes, mas outras são particulares das pessoas surdas como a resistência à opressão pelas sociedades dos ouvintes. Diferentemente, a “Literatura em Libras pode se referir a poemas, contos, piadas, jogos e outras formas de arte criativas feitas em libras que são culturalmente valorizadas” (Sutton-Spence, 2021, p. 26).

A distinção que Sutton-Spence faz entre Literatura Surda e Literatura em Libras é essencial para compreender as diferentes dimensões culturais e artísticas da comunidade surda. A Literatura Surda aborda temas de identidade, resistência e experiências específicas dos surdos, servindo como uma plataforma para expressar a luta contra a opressão e a busca por reconhecimento. Em contraste, a Literatura em Libras foca na exploração criativa e estética da

língua de sinais, celebrando suas possibilidades expressivas. Essa compreensão enriquece a apreciação da cultura surda, mostrando a versatilidade da língua de sinais em narrativas de resistência e criação artística, refletindo a diversidade e riqueza da comunidade surda.

A possibilidade de brincar com a Libras, que é uma língua perfeita, deve ser divertida usando todas as formas de linguagem, inclusive a lúdica, mais relacionada à sinalização estética em velocidade, espaço e simetria, mesma configuração de mão, morfismo, incorporação humana e não humana, classificador, entre outros aspectos.

A Literatura em Língua de Sinais utiliza-se de neologismos, uso de configurações de mão espelhadas, exploração do espaço, perspectivas múltiplas, incorporação, antropomorfismo, classificadores, metáforas, repetições, rimas, velocidade, jogos e histórias com alfabeto manual e números. Enfim, alguns recursos são exclusivos da modalidade espaço-visual, enquanto outros se assemelham aos que ocorrem na literatura oral/escrita. (Klamt et al., 2014, p. 212 in Jesus, 2019 p. 79)

A Literatura em Libras está mais relacionada à tradução para a Libras. Seu objetivo é a tradução da Língua Portuguesa para Libras, sem alterações nos enredos pois são fiéis ao texto original da obra (Peixoto, 2016).

Portanto, considera-se nesta tese a definição dos pesquisadores sobre os conceitos de Literatura Surda e de Literatura em Libras. Opta-se pelo conceito de Literatura Surda, visto que se trata de uma literatura produzida por surdos diretamente em Língua de Sinais.

Portanto, considera-se nesta tese a definição dos pesquisadores sobre os conceitos de Literatura Surda e de Literatura em Libras. Opta-se pelo conceito de Literatura Surda, visto que se trata de uma literatura produzida por surdos diretamente em língua de sinais rizomáticas¹⁴ que emergem nessa forma de literatura.

Aprofundaremos, assim, nos conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, explorando de forma detalhada como esses elementos da língua menor – incluindo a desterritorialização da linguagem, a dimensão política e o valor coletivo – operam

¹⁴ Um conceito construído por Deleuze e Guattari para pensar um modelo epistemológico, um sistema de pensamento, linguagem e ação que descreve possibilidades de ver o mundo, além de uma estrutura vertical, linear, cronológica ou teleológica. Rizoma propõe sistemas com estruturas, crescimento ou expansão que lembram o comportamento vital dos caules e das raízes subterrâneas no seu crescimento horizontal, com múltiplas ramificações, brotamentos, bifurcações, expansão, entradas e saídas múltiplas. Essa possibilidade de pensar tudo e o todo em forma de linhas e não como estruturas com formas e regras rígidas permite uma atitude estética, ética e política aberta, com múltiplas entradas e infinitas saídas, capaz de potencializar a expressão das potências criativas (CRUZ; NEITZEL, 2019 p.6).

dentro do movimento da Literatura Surda. Essa abordagem permitirá compreender como a criação literária surda, enquanto sinalização menor, constitui uma fuga do território dominante, ao mesmo tempo em que desloca e ressignifica linguagens, rompendo com estruturas estabelecidas e revelando seu potencial como prática coletiva e política no contexto das produções culturais surdas.

Capítulo III

Título

A minoração na Literatura Surda:

A potência da linguagem política e valor coletivo

Literatura Surda

Como um Reino



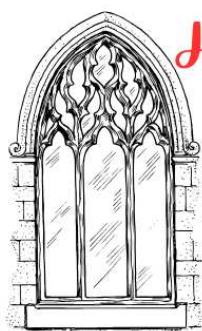
Tem estrutura de governo de Estado que ocupante de um rei usa essa forma poderes monárquicos sobre um território.

A desterritorialização é uma ação de movimento

Menor

Base teórica
Deleuze & Guattari

- KAFKA: Por uma literatura menor
- Mil Platôs



Janela

Cada entrada possui janelas, e abrir essas janelas pode ser visto como um movimento no processo de minoração.

Como

Rizomas políticos

Ramificando posições de resistência e de luta contra práticas hegemônicas.

Valor Coletivo

Atuando a partir de valores comuns compartilhados por perspectivas éticas, distintas da forma padrão, voltadas à pluralidade de formas de vida, valorizando os processos de singularização.

Língua Menor

"[as línguas menores] não são simplesmente sublínguas, idioletos ou dialetos, mas potenciais para fazer entrar a língua maior em um devir minoritário de todas as suas dimensões, de todos os seus elementos" (Deleuze e Guattari, 2011 p. 56).

Objetivo

O objetivo deste capítulo é descrever os conceitos de desterritorialização da língua, da política e do valor coletivo, à luz da filosofia da diferença, para aproximar as produções em uma língua menor, a partir da Libras, criadas por surdos.

Portas no castelo

O Castelo possui muitas entradas (Gallo, 2002), e cada porta possui sua própria **territorialização**, abrangendo aspectos como cômodo, cidade, língua, pensamento, dimensão, entre outros.

- Tradução Cultural
- Adaptação
- Criação
- Literatura em Libras

A Linguagem e o Poder: O Castelo da Literatura Surda

Era uma vez, um reino chamado Literatura Surda, onde a estrutura de governo se erguia sobre os pilares de uma Língua de Sinais que usava formas monárquicas de poder. O castelo ali tinha muitas portas de entrada, e cada uma delas possuía sua própria territorialização: tradução, adaptação, criação em Libras, que eram aspectos como cômodos, cidades, línguas e pensamentos, entre outros.

Aquela linguagem, nunca estática, possuía janelas que se abriam para escapar das regras gramaticais, sendo um verdadeiro marcador de poder. Cada porta no castelo tinha suas janelas, que, ao serem abertas, permitiam um movimento de minoração em todas as suas dimensões, em todos os seus elementos.

Guilherme Nichols

3. A MINORAÇÃO NA LITERATURA SURDA

A Potência da Linguagem, Política e Valor Coletivo

Já discorremos sobre os diversos discursos teóricos a respeito do campo da Literatura Surda. Sutton-Spence (2021) assegurou que a Literatura Surda aborda temas de identidade, resistência e as experiências específicas dos surdos, expressas em sua língua através da luta contra a opressão e na busca pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de expressão artística. No entanto, para a autora, a Literatura em Libras foca na exploração criativa e estética da língua de sinais. Essa compreensão enriquece a apreciação das práticas culturais surdas, mostrando a versatilidade da língua de sinais em narrativas de resistência e criação artística.

Segundo Mourão (2016), acreditamos que a Literatura Surda abarca a Literatura em Libras. Estudos da língua de sinais apontam a importância dos descritores imagéticos como os classificadores linguísticos e a incorporação de formas, ritmo, velocidade e neologismos, elementos fundamentais na Literatura Surda.

Neste capítulo busca-se entender como a língua menor atua na Literatura Surda possibilitando-a emergir como uma Literatura Menor por meio do ato criativo. Queremos apresentar alguns conceitos que, para nós, são fundamentais nas teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fim de mobilizar reflexões nesta tese, principalmente no que concerne às produções de uma língua menor sinalizada no território literário surdo, efeito do processo de minoração na Literatura Surda.

Com esse movimento teórico, reconhecemos a Literatura Surda como campo de saber de produções literárias realizadas por sujeitos que integram as comunidades surdas e que, pela arte sinalizada, expressam suas experiências visuais, sobre a perspectiva de mundo e culturas por meio de dispositivos de materialidade sinalizada, portanto, em Libras.

Essa forma de Literatura Surda é frequentemente associada às comunidades surdas porque trazem experiências das culturas surdas e da sua língua de sinais como as experiências únicas vivenciadas no espaço surdo. O efeito criativo das línguas de sinais, na atuação como línguas

menores, em processo de minoração, podem trazer diversas linhas rizomáticas, pluralizando os sentidos para seu interlocutor, mobilizando estruturas textuais em diferentes gêneros como poesia, contos, romances, ensaios e até peças teatrais.

A Literatura Surda tem as suas manifestações em questões específicas relacionadas à (des)colonização¹⁵ - retirada do espectro de sujeição às representações ouvintes com seus *status* normativos e hegemônicos - do corpo surdo, da língua de sinais, das relações sociais familiares, entre outros temas relevantes para a comunidade surda. Esses mecanismos se colocam como forma de criação na LS e compreendemos que são marcados por variadas experiências culturais surdas através da sua própria língua.

O objetivo deste segundo capítulo, então, é o de compreender o conceito da Literatura Menor (LM) como um ato criativo e sua produtividade na proliferação de práticas de resistência em expressões literárias tradicionais. O elemento principal aqui adotado é a língua menor, conforme postulam Deleuze e Guattari (2017), que está na presença do uso de expressões enunciativas produzidas por linguagens, dotadas de certa ramificação política e que componham um valor coletivo.

Com esse objetivo investigativo, buscou-se nas Filosofias da Diferença, sobretudo no trabalho de Deleuze e Guattari (2017) a ação de reflexão sobre o conceito de “menor”. Os autores fazem esse movimento a partir do ensaio analítico da obra de Kafka, sendo por eles caracterizado como resistência à compreensão cultural e literária produzidos na língua alemã, pelo seu uso de uma linguagem inventiva e sua capacidade de subverter as normas estabelecidas.

No caso de Kafka, seu estilo literário único e seu foco na alienação e angústia existencial podem ser interpretados como exemplos de LM e, por essas considerações, interessa-nos aproximar ao campo dos estudos literários de produções em Libras, em sua grande maioria, criados por pessoas surdas, aquilo que caminha como produções coladas às movimentações de línguas hegemônicas/orais e as rotas de fugas que alguns literatos surdos, por vezes, no anonimato, ou sem

¹⁵ Esse contexto de produção literária em meio a um processo de colonização linguística e sua repercussão até os dias atuais, na forma de preconceito em relação ao surdo e a sua língua, nos permite aproximar a literatura surda da teoria dos estudos pós-coloniais e conceber a produção da comunidade surda – literatura surda – como uma produção descolonizadora de práticas ouvintistas e preconceituosas (Pissinatti; Mori, 2020 p. 2).

grande prestígio, promovem de novo e inventivo com base na visualidade e no ato criativo da/em Libras.

Essa análise possibilita contribuir com o olhar das artes sinalizadas, fugindo do fascismo promovido pela língua oral, língua majoritária, em detrimento das produções sinalizadas e marginalizadas, feitas em Libras. Analisamos que algumas produções, para além de compor acervo à LS, produzem diferentes *affectos* nos sujeitos, dada a potência criativa de uma língua menor em suas dimensões rizomática.

Nesse sentido, entendemos que seu estilo literário de desterritorialização e novas conexões não fecham o texto em um único sentido, trazendo oportunidade de ativar linhas novas de produção de sentido, como uma linha de fuga em relação às literaturas e práticas literárias comuns, (saída da territorialização do sentido comum, do uso dos sinais como correspondentes, significante-significado único), pelas criações produzidas na Libras que alinham a sentidos da dimensão política, de lutas das comunidades surdas.

Abrimos a escrita trazendo a compreensão ao leitor do conceito de territorialização para que possamos falar em desterritorialização e reterritorialização das produções literárias em Libras, na promoção de novos campos de saberes, agora inserindo a Literatura para Libras, para, então, exemplificar elementos que promovem determinadas produções a serem compreendidas como Literatura Menor, não '*para Libras*', mas '*em Libras*'.

A partir da leitura de Deleuze e Guattari (2017), Gallo (2002) convida os leitores a interagir com a Filosofia da Diferença deleuze-guattariana pela criação conceitual como um exercício no pensamento que produz deslocamentos, sendo possível produzir uma nova forma de pensar. Dessa maneira, como movimento conceitual produzido pelos próprios autores, de forma prioritária na obra *Kafka: por uma literatura menor* e nos empenhos do conceito na obra do filósofo brasileiro, Gallo (2002) sistematiza tais direcionamentos como uma pedagogia menor que pode potencializar novas formas de condução, da produção literária no campo educacional, por meio do ato de criação que ela evoca. Sendo assim, construímos como ponto de partida, as articulações com a obra deleuze-guattariana, sendo um movimento reflexivo que não pode se dar de forma isolada.

Deleuze e Guattari (2017) expressam que a obra de Kafka abre um universo de articulações e produções de sentido. Gallo (2002, p. 169) explica essas variadas conexões de

sentido a partir de um espaço em que se criam ‘quartos’ localizáveis e habitáveis, mas portas, janelas como aberturas para fugas e criações de novas localidades. O autor segue dizendo que “Deleuze e Guattari afirmaram que *O Castelo* possui muitas entradas [...]”. Com base na analogia com a obra de Deleuze e Guattari, esta tese aponta que, pela Literatura Surda, é possível criar afectos linguísticos através das sensações visuais, dada a potência da arte sinalizada. Dependendo da produção, podemos observar a ação de linhas de fuga, mobilizando novos sentidos, sendo necessária a presença da língua menor dentro da língua de sinais. Isso pode promover múltiplas dimensões, com sentidos menores e potências criativas, ampliando as conexões de sentido em Libras.

Portanto, entendemos que nem toda produção literária em Libras traz a potência criativa da língua menor. No entanto, as criações de uma língua menor em Libras atuam no âmbito da desterritorialização do sistema linguístico fechado, promovendo *afectos* que mobilizam ramificações políticas e valores coletivos. Por *afectos*, utilizamos a perspectiva deleuze-guattariana, que aponta serem mais que uma sensação afetiva, mas uma potência criadora que atua e mobiliza uma ação no sujeito.

Neste trabalho, escolhi como base Deleuze e Guattari (2017) porque identificam na obra de Kafka a presença da Literatura Menor. Gallo (2002 p. 169) reflete tal conceito no campo educacional: “por que não pensamos numa educação menor? Para quem e para além de uma educação maior, aquela das políticas, dos ministérios e secretarias, dos gabinetes, há também uma educação menor, da sala de aula, do cotidiano de professores e alunos”.

E seguindo a mesma linha provocativa, sigo: por que não refletimos sobre a Literatura Surda podendo se dar como uma Literatura Menor? É uma possibilidade para se pensar sobre e além de uma Literatura Surda, como território fechado, aquele do cânone literário, das políticas linguísticas de sinais, da área dos estudos da linguística de sinais, também dos estudos literários no curso superior, de Letras-Libras ou em outros.

Para isso, é necessário, então, compreender o conceito da Literatura Menor com a presença da uma língua menor para esse movimento. Deve-se pensar na possibilidade de se encontrar vídeos em Libras que, de certo modo, subvertem as normas linguísticas, culturais e sociais, sempre trazendo a presença representada das vozes surdas, por vezes, marginalizadas.

Em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, publicado em 1980, Deleuze e Guattari investigam diversas ideias relacionadas à filosofia, psicanálise, política e cultura. Chama-nos a atenção o trabalho que empreende na concepção sobre a língua menor pela promoção de novas estruturas estilísticas que podem ser bem acolhidas. De acordo com os filósofos franceses, o termo 'língua menor' descreve um movimento de minoração, uma expressão que está fora das principais estruturas literárias de culturas dominantes, também associados a grupos marginalizados, minorias étnicas, culturas subalternas que não se encaixam nas normas estabelecidas. Assim, Deleuze e Guattari trazem o conceito desenvolvido para nos aprofundar mais e entender melhor.

Interessa-nos desbravar tais conceitos como aporte teórico desta pesquisa. Portanto, a Filosofia da Diferença é um campo de estudo filosófico que toma a *diferença* como objeto central de suas problematizações. Assim, os estudos sugerem a ideia de que a diferença é um aspecto fundamental da realidade da existência humana. É uma forma de provocar abordagens tradicionais que tendem a categorizar e homogeneizar as coisas, porém encontra-se a diferença, a multiplicidade e várias formas de singularização que existem nesse mundo.

Nessas filosofias, várias áreas têm sido influentes e exploradas por intelectuais como: Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e outros. Tais autores sugerem que a Filosofia da Diferença aponta para uma realidade composta por uma variedade infinita de singularizações que ampliam os espectros diferenciais aos processos de subjetivação e que essas diferenças são constitutivas e enriquecedoras.

Na compreensão interesseira para esta tese, a diferença problematizador deste estudo se dá nos corpos surdos que, ao serem irrompidos biologicamente pela falta de audição, interagem no mundo de forma diferenciada aos corpos padrões ouvintes: os surdos se constituem pela visão. O uso da gestualidade como expressão comunicativa que cria um sistema de linguagem natural à sua condição orgânica, a língua de sinais, faz desse sistema linguístico, uma língua menor, por não ser hegemônica, mas de uso de uma minoria.

No Brasil, tais discussões acerca da diferença linguística e do uso da Libras em práticas educativas têm sido recorrente, sobretudo, por conta da perspectiva e política inclusiva. A educação de surdos já tem sido garantida a ser feita em língua de sinais. Conforme previsto no Decreto n.º 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras 10.436/2002, há a garantia da acessibilidade à

educação dos surdos por meio da Libras. Quadros e Stumpf (2014 p.10) apontam que “[...] a proposta do oferecimento na modalidade a distância apresentou um cunho multiplicador. O objetivo da formação desses profissionais em vários estados do Brasil garantiria a multiplicação de formadores em todos o território brasileiro”. Como Batalha (2013, p. 117) disse, “sustenta um projeto político e ideológico de coesão nacional, correndo paralelamente à história oficial”.

Assim, de acordo com Quadros e Stumpf (2014) e Batalha (2013), nesse caminho do individual para o coletivo foi o projeto que orientou as propostas de formação da maioria das literaturas nacionais, a brasileira, em particular. Hoje temos uma plataforma virtual em que foram agrupadas produções intelectuais do cânone literário produzido para/em Libras. Esse acervo tem textos e/ou vídeo-Libras pertencentes à história de uma nação do povo surdo, por meio de registros em vídeo.

Em sua maioria, são produções do cotidiano dos autores e leitores surdos. Como exemplo, temos o projeto *Documentação de Libras*¹⁶, de coordenação por Ronice Muller de Quadros. A documentação foi organizada para atender diferentes interesses e o portal foi desenvolvido pelo desafio de criarem interfaces digitais de acesso e leitura de textos que são produzidos por meio de vídeo em Libras.

Vários conceitos da Filosofia da Diferença poderiam ser aqui usados, mas um conceito importante e que trago neste capítulo é o de *multiplicidade*. A potência conceitual da multiplicidade está em reconhecer que o mundo é uma multiplicidade de elementos, ideias, culturas, perspectivas e experiências e que, essa diversidade é fundamental para uma compreensão completa da realidade e que desafia a tendência de reduzir a complexidade do mundo. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (Deleuze; Guattari, 1996, p.16). Portanto, no próximo subtítulo, discutimos um pouco mais o conceito da Literatura Menor e como ele é balizador em nossas reflexões a partir da ação de uma língua menor.

3.1. LITERATURA MENOR

¹⁶ Nesse projeto, a documentação da Libras é uns dos materiais disponibilizados por meio de um portal: <http://portal.libras.ufsc.br/>.

Sugerimos aqui a observação da Literatura Menor pela citação em Deleuze e Guattari (2017) no livro *Kafka: por uma literatura menor*, um ensaio escrito publicado em 1975. No livro, os autores referem-se ao conceito a partir da obra do autor Franz Kafka, identificando elementos da escrita dele como uma “Literatura Menor”, por se ter a presença da resistência aos textos tradicionais, provocando as estruturas dominantes da língua e da cultura padrão.

Franz Kafka (1883 – 1924) foi escritor de origem judaica, nascido em Praga/Tchéquia, porém nasceu numa família de língua alemã em Praga, a língua em que ele escreveu a maior parte de sua obra mais famosa *A Metamorfose* (1915), *O Processo* (1925), *O Castelo* (1926). A escrita de Kafka é marcada por um estilo singular, diversos para uma mesma mensagem e os seus simbolismos.

A Literatura Menor de acordo com Deleuze; Guattari (2017) é um movimento de expressão que ocorre fora das principais estruturas literárias e das práticas culturais dominantes. Isso porque é através dessas escritas marginalizadas e com escopo de resistência que se associam a grupos também marginalizados de minorias étnicas, culturais e de grupos subalternos, promovidas por experiências que não se encaixam nas normas dominantes. Embora os conceitos promovidos pelas políticas afirmativas e movimentos culturais sejam importantes para pensar a resistência, queremos adotar a Literatura Menor, não na promoção de grupos marginalizados, mas na ativação de processos de minoração que comunidades e coletivos não hegemônicos promovem no campo literário e na expressão artística.

Retornamos à citação de Deleuze e Guattari: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 35). Dessa forma, a Literatura Menor não pertence a uma língua menor, mas, sim, a uma língua maior. Esse conceito se refere a um movimento de desterritorialização, que é um processo de experimentação contínua, sem um produto ou efeito concluído. Deleuze e Guattari (2017) apontam que, nas Literaturas Menores, ‘tudo é político’ (p. 35).

Essa é uma das marcas apontadas como essenciais à identificação da “literatura menor”, pois ela implica marginalização, desvalorização, ausência, e, conseqüentemente, valorização de determinadas estéticas, corrente ou autores como seu contraponto (Batalha, 2013 p. 117 – aspas do autor).

Assim, por outro lado, a língua maior consiste na produção de regras estáticas, um léxico e uma gramática unificada e universalizante. A língua menor, em relação à língua maior, existe apenas em resposta a ela. Como aponta Batalha (2013), ao desviar do padrão, desrespeitar os critérios de medida estabelecida e interiorizar novas produções, a língua menor pratica a desterritorialização, um conceito central nas filosofias de Deleuze e Guattari. Essa ação é natural nas práticas menores, desafiando e subvertendo a língua maior.

Portanto, ao apontar a existência de uma Literatura Menor como literatura do âmbito da criação, estes autores nos apontam para a existência de uma língua(gem) outra que perfura e corta, por dentro, sentidos unificados, minorando pela língua as conexões literárias. Esse tipo de literatura, a menor, criativa e efeito do processo de minoração, permite identificar-se por meio de três características principais: a resistência, a criatividade e a exploração de formas alternativas de escrita literária através da língua menor, que realiza o processo de minoração.

Essas ampliações e segmentações novas se dão a partir da primeira característica da LM: atuar de dentro da linguagem. Segundo Deleuze e Guattari (2017), eles explicam que a LM não se dá apenas como um meio de comunicação, interessam tais movimentações por deslocamentos com as palavras, os símbolos e as estruturas linguísticas, construindo novos significados que afetam nossa identidade e desejo. Por isso, a linguagem não é neutra, mas está envolvida em “[...] uma regra de gramática” e “é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático” (Deleuze; Guattari, 1992 p.14 in Cruz; Neitzel, 2017 p.2).

Para Gallo (2008 p. 63), “Toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura”. Por isso, acontece que “A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e guarda” (Deleuze; Guattari, 2011 p.13), de que modo, “impossibilidade de não escrever, porque a consciência nacional, incerta ou oprimida, passa necessariamente pela literatura” (Deleuze; Guattari, 2017 p. 36).

Associa-se à problemática da Literatura “Menor” a provocativa prática de um deslocamento e uma ação de desterritorialização, que pode ser pela descaracterização cultural, espaço, língua por grupo ou subgrupo, sendo um processo de marginalização. Percebemos que a “literatura menor faz com que as raízes afluem e flutuem, escapando dessa territorialidade forçada.

Ela nos remete a buscar, a novos encontros e novas fugas” (Gallo, 2008 p.63). Como lembra Batalha (2013, p.117), na interpretação sobre a desterritorialização por Deleuze e Guattari:

A escolha da língua alemã por um judeu, vivendo em um gueto de Praga, portanto duplamente marginalizado, carente de referências culturais que o identifiquem por conta do processo de apagamento de sua cultura perpetrado pelo projeto nacionalista de identidade nacional dos povos europeus, implica desterritorializar essa língua dos dominantes para imprimi-lhe um estatuto de variante linguística.

Nesse sentido, eles exploram como a linguagem pode ser usada para desafiar as normas, criar sentidos e expressar a multiplicidade das experiências humanas. Tendemos a pensar que a língua menor em Libras pode, assim, provocar novas estruturas estilísticas literárias continuamente. Esse processo ocorre por meio de movimento, deslocamento e desterritorialização. Nesse sentido, a língua menor em Libras não só modifica os modos de produção literária das línguas orais para as línguas gestuais, mas também, de dentro das próprias línguas de sinais, promove novas estruturas literárias. Assim, essas estruturas não se limitam à produção literária em Libras; pelo contrário, elas incentivam constantemente a desterritorialização da própria Libras.

“O conceito de desterritorialização, independente do movimento que faça, sempre produz uma ação: a de se descolar ou desfazer de um território original para outro plano desconhecido”. (Andrade, 2022 p.67). Dessa forma, Gallo (2008) esclareceu que a linguagem pode promover um descolamento e criar outros encontros e novas fugas, por isso, a língua menor nos leva numa forma de ação a novos agenciamentos, sempre sendo produto de um coletivo, com conveniência que possibilita essa conexão.

A segunda característica da LM é a ramificação política. “Não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo agenciamento que é, só pode ser política” (Gallo, 2008 p. 63). Segundo Deleuze e Guattari (2017), eles têm seus pontos de vistas sobre as estruturas de poder centralizadas e hierárquicas propondo, em vez disso, uma abordagem descentralizada e de redes. Eles veem as instituições sociais e políticas como limitadoras da criatividade e da liberdade individual.

A ramificação política faz referência às forças políticas, econômicas e sociais que se espalham em diferentes direções, influenciando múltiplas áreas da sociedade e da subjetividade. “Para literatura menor, o próprio ato de existir é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído” (Gallo, 2008 p. 63). Eles trazem e discutem a importância de minorias e de

movimentos marginais como transformação social, concentrar a resistência contra as normas e busca por diferentes formas.

Como um exemplo de agenciamento coletivo, ao tornar-se de modo político as discussões literárias, a linguagem promove novas ações enunciativas que agenciam fraturas e tencionam as formas de poder. Isso refere-se à combinação de elementos heterogêneos (humanos, não-humanos, ideias, instituições etc.) para formar um novo conjunto funcional.

Desse contexto, é possível relacionar o conceito de “máquina de guerra” como possibilidade de um tipo de agenciamento para criar os seus próprios deslocamentos, a ponto de criar o novo como construído de um coletivo em que cada um traz a sua experiência para produzir novos conceitos, também gerando novos conhecimentos que promovam a discussão e ampliem os modos de pensar.

A autora Carolina Maria de Jesus e a sua obra *Quarto de despejo*, no relato de Fernandez (2006, p. 201), aponta que “É uma mulher que escreve com o intuito de se libertar do ambiente em que vive, ascendendo socialmente por meio da escrita, e para se distrair de sua solidão e conhecer a si mesma”. Referente às considerações acima, Fernandez (2006) esclareceu uma forma de agenciamento coletivo de enunciação e coloca em ativo diversos estilos de escrita, essa escrita é caracterizada como um contrapeso estilístico. Mostra que a desterritorialização linguística que Carolina Maria de Jesus mostra é revolucionária, ativa e “escreve no lugar dos marginalizados socialmente que viviam, revelando uma linguagem repleta de estilhaços discursivos unidos e reciclados num livro”.

A última característica que compartilhamos aqui é a do valor coletivo, um elemento essencial para a compreensão da Literatura Menor. Para Deleuze e Guattari, o valor coletivo na literatura é capacidade de conectar-se com as experiências e identidades coletivas dessas minorias. Ela se torna uma forma de resistência, um meio pelo qual esses grupos podem afirmar sua existência e expressar suas experiências de maneira autêntica. Gallo (2008, p. 63) explica que “os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de Literatura Menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade”. Encontra-se na capacidade de articular as vozes e as lutas de um grupo contribuindo para a formação de identidade coletiva e promovendo a solidariedade entre as pessoas

que compartilham as experiências de preconceito da sua própria língua de sinais, opressão de marginalização.

Entendemos que a língua de sinais promove, ou irrompe, práticas enunciativas diferenciadas, modificando as formas de expressões linguísticas majoritárias. Essa prática se dá ao serem transpostas literaturas produzidas em línguas orais, em línguas de sinais. Isso porque as línguas de sinais, por vezes, são tidas pelo *senso comum* e, até pela academia, como não-língua ou uma pseudolinguagem, dependente da língua oral. Vimos isso no primeiro capítulo ao apontar de que modo a LS vai se consolidando como território científico, ou seja, produzindo-se dentro de um campo literário específico. Fizemos o levantamento da construção desse saber que buscou traçar as práticas culturais literárias surdas ou em Libras como marcadores culturais.

Mas aqui, para além desse território, interessa-nos olhar as produções em Libras que, dentro das práticas acadêmicas, por não serem elementos advindos da tradução para a Libras, de cânones literários, deixam de ser consideradas como literaturas e, por isso, por vezes, não circulam muito, tampouco chegam às instituições educativas. Essas produções marginalizadas são emergentes da Libras, no Brasil, e catalisam elementos tais quais os apontados no processo de minoração que as Literaturas Menores podem promover. São essas produções singulares que, de dentro da Libras, agenciam novos sentidos e linhas rizomática enunciativas que chamaremos por Literaturas Menores Sinalizadas Em Libras.

Portanto, no próximo subtítulo, discutimos um pouco mais os conceitos sobre des/re/territorialização em que buscamos a defesa da Literatura Surda em Libras e a possibilidade de ação da *língua menor* como processo de minoração criativo-literário.

3.2. LÍNGUA MENOR: PROCESSO DE MINORAÇÃO DA LINGUAGEM

O processo de estudo nesta pesquisa despertou a compreensão de que é possível ver minoração criativa na Literatura Surda. Esse processo de uma Literatura Menor é sinalizado pela produção poética da própria Libras, quando dela emergem distintas linhas de significação produzidas pela "língua menor", atravessadas por três efeitos: pelo processo de "desterritorialização" das línguas, de sinais e orais; pela experiência de ramificações culturais e

políticas surdas; e pelos elementos voltados para a valoração coletiva na formação dos leitores surdos/ouvinte em Literaturas em Libras.

Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari descrevem a "Literatura Menor" como um ato criativo, principalmente um movimento intenso de desterritorialização e é fundamental a presença da língua menor, que promove movimentos de territorialização disparados pela Literatura Menor.

Retornamos a *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, publicado em 1980. Essa obra filosófica complexa e multifacetada revela a intenção de trabalhar com a ideia de língua menor como um deslocamento. Deleuze e Guattari discutem como Kafka, escrevendo em alemão enquanto fazia parte da minoria judaica em Praga, desloca a língua majoritária para refletir as tensões e experiências de sua posição minoritária.

No capítulo "Postulados da Linguística", Deleuze e Guattari criticam os pressupostos tradicionais da linguística estruturalista. Ferdinand de Saussure, importante na área linguística e considerado o pai da linguística moderna, desenvolveu teorias influentes na teoria da literatura e nos estudos culturais. No entanto, Deleuze e Guattari apresentam uma perspectiva diferente da linguagem, destacando sua natureza heterogênea e produtiva (Deleuze e Guattari, 2011).

Nessa mesma direção, em falas mais contemporâneas, sobre as concepções filosóficas de Deleuze e Guattari, durante o evento Colóquio Deleuze e Guattari e Estudos Discursivos, Dr. Alexandre Filordi Carvalho (UNIFESP) trouxe a temática "Língua menor é língua afiada", enfatizando a ideia de "língua menor" como uma forma de resistência e criatividade. A língua maior é vista como uma ferramenta de controle, enquanto a língua menor possibilita novas expressões e experiências, desafiando normas e estruturas estabelecidas. Carvalho ressalta: "A proposta de pensar a língua menor como uma ferramenta afiada que corta as normas estabelecidas. Essa ideia se conecta com a busca por experiências singulares na linguagem" (minha transcrição: Carvalho, 2022, 6:45m).

Deleuze e Guattari (2011, p. 12) afirmam que "a linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer". Eles destacam que "uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático" (p. 13). "A linguagem dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda" (p. 13). Carvalho (2022) explicou que a "língua menor é uma

ferramenta revolucionária que permite a criação de novos significados e a conexão com problemáticas não reconhecidas. Ela desafia a ordem estabelecida e promove a experimentação linguística” (minha transcrição Carvalho, 2022, 40:26m).

Neste sentido, Carvalho (2022) afirma que a desterritorialização é um desejo de liberdade que passa pela invenção de significados através da língua. A busca por novas formas de expressão é essencial para a transformação social. A ideia de territorialização envolve deslocamentos e mapeamentos que influenciam nossa localização geopolítica e nossos sentidos, sendo fundamental para entendermos as dinâmicas sociais contemporâneas.

Além disso, o pessimismo diante das políticas neoliberais é um tema recorrente na discussão sobre as sociedades multiculturais, e a necessidade de formas subjetivas que promovam mudanças positivas é um desafio atual. A reflexão sobre a Literatura Surda e sua relação com a Literatura Menor evidencia a importância de novas formas de expressão, indispensáveis para a construção de modos de vida diversos.

A língua menor refere-se a um movimento que cria múltiplas possibilidades de pensar/existir e que na Literatura Surda, a presença de Literaturas Menores entre as pessoas surdas e/ou não-surdas, pode ser um campo de potência e criação, fermentando a linguagem que se abre à transmutação da própria Libras. É um processo de minoração da linguagem dentro da Literatura Surda.

A proposta deste trabalho tem sido a de percorrer o estudo da Literatura Surda na articulação com a Filosofia da Diferença, por fluxos molares e moleculares, sem fixar-me em teorias, mas a partir delas repensar a Literatura Surda, tentando não homogeneizar o discurso acerca deste tipo de literatura, mas, a partir das diferenças, agenciamentos políticos, linguísticos e coletivos, problematizar tais diferenças que se opõem à normalidade, não como um reflexo da norma, mas como a própria diferença que habita em cada ser.

Ainda, discutimos como a cartografia através de mapa mental (p. 55), é um tipo de diagrama de representação visual que simplifica a organização de informações para poder ajudar a compreender conceitos relacionados à Literatura Surda e aprofundar mais e compreender melhor sobre o conceito da Literatura Menor como ação da Língua Menor que minora efeitos literários da ordem da criação.

3.3. TERRITORIALIZAÇÃO (LITERATURA BRASILEIRA) COMO EXEMPLO: LITERATURA PARA/DA/EM LIBRAS COMO FORMA DE TRADUÇÃO CULTURAL

Gilles Deleuze e Félix Guattari abordam o conceito de “territorialização” como parte de sua análise da relação entre poder, desejo, espaço e produção de subjetividade. É um processo pelo qual as formas de agir dos agenciamentos políticos do Estado materializam-se em instituições, nas estruturas de poder e no próprio sujeito. Suas manifestações moldam, controlam e organizam o desejo. Na afirmação do argumento de Sequet (2006) sobre território, temos uma complexidade de argumentação em que a autora aponta a organização social dada na medida em que a natureza da sociedade se vê produzida em território.

Não há separação: é economia, política e cultura; edificação e relações sociais; descontinuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental etc. Em outras palavras, o território significa heterogeneidade e *traços comuns*, apropriação e dominação historicamente condicionadas; é produto e condição histórica e transescalar; com múltiplas variáveis, determinações, relações e unidade. É espaço de moradia, de produção de serviços, de mobilidade, de desorganização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). O território é processual e relacional, (i)material, com diversidade e unidade, concomitantemente (Sequet, 2006. p. 83).

Para o autor, o processo de territorialização é a base de constituição subjetiva de cada um porque por ele se constitui em linhas de força que subjetivam o desejo pelas forças do poder institucional, construindo formas de relação com o outro e consigo mesmo, porque se referem a linhas que se ligam ao poder identitário, efeito de linhas duras.

Embora haja a ação no processo de territorialização subjetiva pela proliferação de linhas duras, há também as produções de lutas e movimentos que deleuzianamente são chamadas de “produções moleculares”, produzidas por linhas mais flexíveis que podem inclusive trazer uma fuga total de um território engessado, por meio de linha de fugas mais radicais. Essas linhas se alinham a ações de diferenças e resistências. Este termo se refere ao processo pelo qual um grupo de pessoas, uma cultura ou uma instituição estabelece e reivindica a saída de um território específico (que pode ser físico ou subjetivo, como interessam Deleuze e Guattari), organizando outro território como seu próprio.

Por isso o processo de produção do território é construído pelo movimento histórico e social, estabelecido por regras e normas para controlar esse território e o desenvolvimento de uma

identidade cultural vinculada a ele. A esse respeito, Gallo (2002 p. 172) diz que “toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura. Toda língua é imanente a uma realidade”. Na medida em que se estabelecem verdades e se promovem regras a serem obedecidas, estamos falando de um território que foi produzido e que estabeleceu linhas duras nos sujeitos, e que por tais linhas foram produzidas as formas de subjetivação.

3.4. DESTERRITORIALIZAÇÃO/RETERRRITORIZAÇÃO

No entanto, Deleuze e Guattari (2017) enfatizam que a desterritorialização e reterritorialização podem ao mesmo tempo criar dinâmicas complexas de transformação social nos processos de subjetivação. Desterritorializar é criar condições para a reterritorialização, pois quebram-se estruturas existentes, podendo levar à busca por novas formas de ordem, identidade e controle. Ao mesmo tempo, a reterritorialização pode ser uma resposta à desterritorialização, ao recuperar algum senso de estabilidade.

A “desterritorialização” ocorre dentro da “territorialização”, mas por meio de práticas moleculares, movimentos de oposições e contraposições internas ao território estabelecido e pela ação de “linhas de fuga” pode escapar ao território. Se capturada por “linhas molas” (duras), pode produzir um novo território. Como ocorre com a Literatura Surda que emerge de dentro da literatura convencional e tradicional, reivindica seu *status* de diferença em “linhas de fuga” linguísticas e se convencionam em um nome território, a Literatura Surda.

O movimento pelo qual se abandona o território como Deleuze e Guattari (1996, p.224) apontam “é a operação da *linha de fuga*”. Muitas vezes, está associado a um fluxo de pessoas, informações e influências culturais além das fronteiras tradicionais. Para explicar isso, trazemos novamente a citação de Gallo (2002), ao mencionar que “uma *literatura menor* faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando dessa *territorialidade* forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos *agenciamentos*” (Gallo, 2002 p. 172).

Nessa ação de *desterritorialização* provocada pela descaracterização cultural em função do espaço político do Estado e da língua, pode-se haver o escape do território oficial, criado pela máquina de guerra. Deleuze e Guattari (1997, p. 22) descrevem que “a *máquina de guerra* é sem

dúvida efetuada nos *agenciamentos* ‘bárbaros’ dos *nômades* guerreiros, muito mais do que nos *agenciamentos* ‘selvagens’ das sociedades primitivas”. Entendemos que as máquinas de guerra não estão ligadas ao aparelho de Estado que age em favor de uma *territorialização*. O *nômade* assume o espaço e faz fluir novos encontros pelo movimento de retirada e também se adapta aos acontecimentos e estratégias contra as capturas das estruturas dominantes do Estado.

Compreender o conceito de *desterritorialização* e a ação do *nômade* como forma de promoção da linha de fuga é muito relevante. Deleuze e Guattari (1997) dizem que:

(...) o *nômade* não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o *nômade* pode ser chamado de o *desterritorializado* por excelência, é justamente porque a *reterritorialização* não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o *nômade*, ao contrário, é a *desterritorialização* que constitui sua relação com a terra, por isso ele se *reterritorializa* na própria *desterritorialização*. É a terra que se *desterritorializa* ela mesma, de modo que o *nômade* aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se *desterritorializa* em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam (Deleuze; Guattari, 1997, p. 53).

O *nômade* modifica o território ao se deslocar no espaço e age por meio das *máquinas de guerra*, produzindo diversos caminhos rizomáticos. Não é possível ao *nômade* se manter em terreno único porque ao caminhar, abre novos espaços em *rizomas*, possibilitando vários caminhos por meio de *linhas de fuga*.

Na obra da Filosofia da Diferença, em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guattari representam uma trajetória de escape ou uma ruptura em relação às estruturas convencionais, hierarquias e *territorializações* do Estado, nas ações como essas máquinas de Estado governam a sociedade. As *linhas de fuga* são a criatividade pela expressão do potencial humano em novas formas de pensamento, pela ação e processo que as singularidades podem manifestar-se no pensamento *rizomático*.

A *reterritorialização* criada por causa da ideia de *desterritorialização* envolve novas características, novos significados e novas identidades. Nesse novo território, refeito, *reterritorializado*, há linhas duras novamente que capturam o desejo pelo poder semiótico e pela construção do sujeito moldado por novas estruturas normativas. A *reterritorialização* refere-se ao

“movimento de construção do território, abandonar o território é ir ao encontro do inesperado, do novo” (TEDESCHI, 2017 p. 50).

A reterritorialização é o processo pelo qual um grupo, uma cultura ou uma instituição que experimentou a desterritorialização busca se reafirmar ou reconstruir seu território e identidade.

A Literatura Surda passa por isso ao promover deslocamento das Línguas Orais e reterritorializar novas estruturas para si, com base em suas diferenças. Pode ser uma estratégia para reforçar laços culturais, políticos ou sociais, com um espaço geográfico. Façamos um destaque para não confundir: a reterritorialização não se refere à volta a um antigo território.

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se esterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelo quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio (Deleuze e Guattari, 1996, p. 41).

Em outras palavras, a possibilidade da “Literatura Surda” com sinalização menor é uma ação como desterritorialização, a adoção da sinalização menor que seriam as narrativas sinalizadas por pessoas surdas e que ampliam a significação de texto literário, trazem experiências visuais à história padrão. Porém, essa minoria é a que faz dentro desse novo estabelecimento com sua própria ação sinalizante e cria uma subversão, uma fuga. Entendemos que isso passa pela ação de desterritorializar a Literatura Surda [MAIOR] e escapar do território oficial.

A sinalização menor desterritorializar o corpo em sua singularidade, desterritorializar o corpo surdo, que se constitui como nômade ao promover deslocamentos. Esses deslocamentos ressaltam a multiplicidade e a diversidade de elementos que se organizam em agenciamentos, sem um ponto central fixo, em um processo contínuo de transformação e mudança, contrapondo-se a estruturas hierárquicas rígidas. Em um agenciamento, os elementos se conectam em redes complexas, abertas à diferença e à multiplicidade. Ao apostar no processo de minoração que a Libras, em sua função de língua menor, pode produzir no campo literário, observa-se sua capacidade de subverter normas linguísticas, culturais e sociais, sempre representando vozes marginalizadas e experiências subalternas.

No próximo subtítulo, são exercidos os deslocamentos em um exercício de pensar a Literatura Surda na perspectiva de Deleuze e Guattari. Propõe-se, portanto, pensar com Deleuze e Guattari uma Literatura Menor que se produz com uma língua menor pelo processo de minoração em Libras, realizado por autores surdos sinalizantes.

Outros podem contribuir para o pensamento sobre a Língua Menor. Segundo Schollhammer (2001), Deleuze e Guattari afirmam que a literatura de Kafka representa uma prática minoritária e revolucionária que, ao se marginalizar em relação aos papéis ideológicos da língua dominante, formula-se como estrangeira dentro da própria língua. Essa prática de uma língua menor aceita o exílio discursivo, gaguejando e trazendo à tona um sotaque e estranhamento, assumindo o não-lugar como seu espaço de expressão.

Na perspectiva deleuziana, as noções de “menor/maior” são destacadas como ferramentas conceituais para experimentações. Essa abordagem não permite uma aplicação simples, pois os conceitos são fugidios. Compreender a experimentação como algo criativo reflete a proposta deleuziana de oferecer uma nova forma de pensar. De acordo com Deleuze (1992), “Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, a nascente, o novo, o que está em vias de se fazer” (Rosa, 2016).

Segundo Miranda Jr (2017), a dissertação de mestrado “EDUCAÇÃO E SURDEZ: cartografias da Libras como Língua menor” trouxe à tona a ideia de um devir-surdo no ensino de Libras, destacando a própria Libras como uma Língua Menor atravessada por processos de “desterritorialização” da língua e da cultura surda. Isso é feito a partir do conceito de “língua menor”. Por fim, é aplicado o conceito de rizoma para pensar as dimensões dos leitores em singularidades que disparam novos agenciamentos e conexões, produzidos pela experiência que esses deslocamentos possibilitam. Tais ações podem contribuir para o despertar de novas conexões nos leitores que acessam essas produções rizomáticas.

3.5. DESLOCAMENTO I: RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA SURDA E A LITERATURA MENOR

Para analisar a relação entre os dois conceitos, foram selecionados os princípios da "Literatura Menor" que são: Língua Menor, ramificação política e valor coletivo – conforme a formulação de Deleuze e Guattari, aplicados à obra de Franz Kafka, bem como no capítulo "Postulados da Linguística" em *Mil Platôs*. Pergunta-se, então: o conceito de língua menor pode contribuir para a análise da Literatura Surda como um movimento da Literatura Menor? Com afecto nas narrativas de pessoas surdas e/ou sinalizantes, caracterizadas por recortes e experiências culturais próprios da comunidade surda, são contadas, narradas e descritas em registro em videogravação.

A sinalização menor como uma língua menor, possui a capacidade de resistir às normas literárias e culturais dominantes. No contexto de opressão e marginalização das pessoas surdas, mesmo dentro da própria comunidade surda, ela desafia frequentemente a linguagem e as formas de expressão convencionais. Porém, a Literatura Surda é uma forma criatividade de expressão artística visual criada por pessoas surdas e/ou sinalizantes, usando com a sua língua-matriz Libras como principal meio de comunicação, representando, de uma maneira única, experiências de agenciar ramificações culturais, ampliando as formas de experimentar as identidades surdas.

Assim como a Literatura Menor desafia as normas literárias dominantes, a Literatura Surda, enquanto Literatura Menor, desafia as normas da Libras. O processo de minoração, aliado ao movimento e às características visuais da Libras, possibilita a criação da Literatura Surda. Esta, como uma forma de Literatura Menor, realiza o processo de minoração de maneira sinalizada, expressando-se de maneira autêntica e única, frequentemente em face da marginalização. Assim, a Literatura Surda se manifesta como uma expressão literária que subverte a língua padrão Libras.

Os surdos podem produzir “Literatura Surda” no sentido aqui sinalizados dentro de suas práticas sinalizantes como língua menor, pois criam linhas de fuga com novos agenciamentos, consideram como língua padrão (Libras), e buscam expressar sua experiência única, desafiando as normas dominantes, mesmo as apropriadas do cânone das línguas orais, as línguas de sinais.

O texto de Viana (2022) demonstrou que a língua menor, como processo de minoração, desperta movimentos na escrita, sendo a "desterritorialização e a reterritorialização dois processos importantes para a prática da minoração, pois quem não se reterritorializar se perde no tempo aiônico" (idem, p. 471). De acordo com Bogue (2011, p. 19), a partir da minoração da linguagem,

os escritores menores fazem com que a língua gagueje e tropece. Eles revelam uma língua estrangeira dentro de sua própria língua, provocando um desequilíbrio nas forças sociopolíticas que permeiam a língua "adequada" e que reforçam o status quo.

Essas obras literárias frequentemente desafiam as regras linguísticas, questionam as estruturas narrativas convencionais e podem explorar formas inovadoras de expressão, por uma espécie de desterritorialização, podem transcender fronteiras e influenciar outros contextos. Para compreender o conceito relacionado a Literatura Menor sinalizadas, seguimos com o mapa de mental (p. 55) em que temos a contribuição dele para entender o conceito da Literatura Menor como olhar de produções sinalizadas menores dentro da Literatura Surda.

Segundo Gallo (2002), ao discutir Kafka, Deleuze e Guattari afirmaram, na alegoria do Castelo, que sua obra de Kafka possui muitas entradas, o que inspirou a ideia e a organização do mapa mental (p. 55) ilustrado para a compreensão dos conceitos. Esse mapa pode contribuir para a análise e interface da obra de Deleuze em relação à problemática do conceito de Literatura Surda dentro do contexto da língua menor como forma de resistência.

As instituições culturais e literárias, enquanto práticas de hegemonia cultural, social e política, desempenham um papel na preservação de obras literárias e são caracterizadas por normas e estruturas que se impõem como formas dominantes sobre outras expressões linguísticas. Na compreensão do Tedeschi (2017), é importante olhar a “[...] ‘literatura menor’ não como uma literatura de valor diminuído, mas como a língua de uma minoria diante de uma língua maior”.

Tais conceitos descritos importam para se analisar e identificar uma literatura sinalizada menor como um movimento de desterritorialização e de singularização que se faz mobilizando um novo movimento território/lugar/pensamento/dimensão. Esses deslocamentos são provocados pela descaracterização cultural em função do espaço na comunidade surda e da sua língua de sinais das pessoas surdas e/ou sinalizantes. “E a impossibilidade de escrever [nosso caso, vídeo-Libras] em alemão [sinalizadas menor] é o que marca a desterritorialização da própria população alemã [comunidade surda], minoria [surdo] opressiva que fala uma língua cortada das massas, como uma

“linguagem de papel e ou de artifício” (Deleuze; Guattari, 2017 p. 36)¹⁷. Complementando a fala de Gallo (2002) sobre a desterritorialização, trazemos que:

Toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura. Toda língua é imanente a uma realidade. A literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos (Idem, p. 63).

Nesse momento, o movimento de desterritorialização se faz ao abandonar o território e criar a nova da linha de fuga, num processo em constante movimento: nem é fixo, mas um fluxo de possibilidade em constante transformação que abre espaço para a experimentação e a inovação é processo minoração. Como exemplo, a linguagem associada ao corpo, na literatura de Kafka, é descrita como nômade. No entanto, pode-se também considerar o corpo surdo e/ou de pessoas que utilizam formas sinalizadas de expressividade. Lembramos que o nosso objetivo da pesquisa aqui é apontar que a Literatura Surda se faz “principalmente, pela experiência das culturas surdas, nesta forma de compartilhamento dos significados dos seres surdos, seus objetivos e suas lutas na língua de sinais” (Nichols, 2016). Nômade é o ‘ser’ que ao movimentar-se produz a singularização pelo deslocamento (desterritorialização) para um novo território, lugar, pensamento, dimensão e cria novas linhas de fuga porque ele não se sedimenta em um espaço, mas caminha no território para escapar das limitações das linhas duras e abrir espaço para criar novas possibilidades, subvertendo as normas estabelecidas.

“O castelo onde o rei vive tem muitas entradas”, como diz Gallo (2002), então cada entrada é uma porta, é uma forma de territorialização. Refere-se a algo fixado, organizado em um território ou em um sistema. Na linguagem, podemos fazer referência à área da linguística como os estudos dos significados, das normas e das estruturas gramaticais que são estabelecidas e devem ser mantidas. Como porta Tradução Cultural, adaptação, criação, Literatura em Libras são linguagens e envolvem área de linguística e a criação de padrões, categorias e convenções que moldam a comunicação e a compreensão, podem referir-se a sistemas ou estruturas que são rígidos, fixos e hierárquicos chamados de ‘linhas duras’:

¹⁷ Inserimos destaques na citação dos autores para marcar os paralelos que nos interessam sobre a Literatura Menor Sinalizada em ação das pessoas sinalizadoras que agem como nômades perfurando a Literatura Maior.

como o próprio nome denota, são marcadas pela rigidez e são da natureza do instituído. Pode-se dizer que são as linhas de mais fácil identificação, uma vez que estão normalmente relacionadas à própria formação dos sujeitos, como o percurso família-escola, escola-trabalho, trabalho-aposentadoria. São as linhas que delineiam as classificações: sexo, classe, nível, dentre outros, funcionando de modo dicotômico e classificatório (Deleuze e Guattari, 1996 in Barreto; Carrieri e Romagnoli, 2020 p. 51).

Compreendemos que a cada porta de entrada (mapa mental p.55) tem a sua territorialização criada com padrões e convenções que moldam cada um, e a sua ação de dentro do território é uma linha molecular, como exemplo, a entrada da porta de tradução cultural. Na literatura brasileira, é uma forma de territorialização frequentemente associada à construção de identidades culturais e territoriais. Muitas vezes, está vinculada a questões de identidade nacional e à construção de uma narrativa coletiva que define o Brasil como um território cultural, político e como um referencial linguístico unificado.

A literatura brasileira, assim como forma de arte e expressão cultural dos ouvintes como a língua da modalidade oral, é geralmente marcada pela linguagem e representação de forma de vida dos ouvintes, por meio de diversos gêneros textuais. Os pesquisadores da área da educação de surdos afirmam que as singularidades surdas foram excluídas socialmente durante muitos anos. A comunidade surda no Rio Grande do Sul e os movimentos surdos de todo o Brasil se juntaram para fomentar a Lei n.º 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio de comunicação das comunidades surdas brasileiras e o Decreto n.º 5626/2005 que regulamenta Lei da Libras e garante a oferta da disciplina de Libras em diversas áreas da formação de profissionais: na educação, na saúde e entre outros.

Na educação de surdos, nesse contexto da literatura brasileira, historicamente refletiu-se sobre a predominância da cultura hegemônica e, várias vezes, marginalizou-se os sinalizantes e as identidades das minorias, incluindo a comunidade surda.

Para Deleuze e Guattari, um “agenciamento” é uma maneira de entender como elementos diversos se juntam para formar uma multiplicidade, uma rede de conexões e interações. Segundo Savage (2022), ele esclarece que “o conceito de agenciamento reflete uma compreensão distinta da relação entre as partes e o todo, o que é frequentemente articulado por meio do que tem sido chamado de “relações de exterioridade” (p. 5). Baseia-se no trabalho de Deleuze e Guattari e permite uma das análises mais detalhadas sobre as relações de exterioridade, associadas à

compreensão da relação entre partes e o todo. Por exemplo, a literatura brasileira normalmente se baseia no novo agenciamento e tem um papel importante na produção de linhas de fuga.

Quando as linhas de fuga, como uma janela, podem ser vistas como um movimento no processo de minoração, desafiando as estruturas num novo território, criam-se normas existentes, a linha dura possível tenta capturá-las, restringindo-as ou suprimindo-as. Representa-se uma força que resiste às mudanças e à inovação, e ela é, muitas vezes, mobilizada para manter a ordem e a conformidade com as normas, com exemplo pela tradução cultural e adaptação na Literatura Surda /para/da Libras. A relação entre a linha de fuga e a linha dura representa uma tensão entre elas, em que a linha de fuga busca pela liberdade, inovação e criação.

No próximo subtítulo, exerço o deslocamento de pensar a *Literatura Surda Menor*, pensando-a como um agenciamento que enfatiza a multiplicidade de linhas de fuga, disparando e produzindo-se pela experiência.

3.6. DESLOCAMENTO II: LITERATURA SURDA MENOR: MINORAÇÃO PROMOVIDO PELAS MINORIAS

Ao explorar o deslocamento dos conceitos de “Literatura Menor” para “Literatura Surda” na perspectiva dos filósofos franceses Deleuze e Guattari, sugere-se um exercício que atua como uma desterritorialização promovida por uma linha de fuga: uma criação que reflete sobre a história das pessoas surdas sinalizantes.

Ao aplicar o conceito de “menor”, Viana (2022) demonstrou que a palavra “minorias” pode ter dois sentidos distintos. O primeiro refere-se a grupos que estão excluídos ou subalternizados em relação à maioria, como mulheres, negras, indígenas, LGBTQIAPN+, crianças, pobres, pessoas com deficiência e pessoas gordas no Brasil. Além disso, as categorias minoritárias não existem isoladamente; a interseção de múltiplas categorias cria experiências e contextos únicos, tornando essencial adotar uma abordagem multifacetada ao estudar minorias.

Já o segundo sentido de “minorias” refere-se a um estado de potencialidade e subalternização, que transcende a mera ideia de quantidade reduzida. Em vez de designar apenas um grupo específico, esse sentido abrange qualquer indivíduo que se engaje nesse estado de

transformação e resistência, refletindo uma condição compartilhada por todos em relação à idealização da maioria.

Além das condições de inferioridade e desvalorização enfrentadas por pessoas surdas negras, indígenas, LGBTQIAPN+, crianças, pobres, e outros, a desconstrução/reconstrução das narrativas em Libras é um aspecto relevante. Os grandes textos em Libras, registrados por gravação em vídeo e integrados na historiografia tradicional, formam acervos canonizados para Libras. Esses textos circulam nas redes sociais de forma evolutiva e linear, muitas vezes, sem que os participantes sinalizantes como língua menor tenham plena consciência do poder, da colonização e da influência que tais práticas podem exercer.

A história do campo da Literatura Surda em Libras no Brasil é relativamente recente e ainda está em desenvolvimento, mas possui raízes profundas na experiência cultural das pessoas surdas brasileiras. Esse campo é fundamentado nas produções de textos em Libras, que representam a produção literária de sinalizantes que compartilham suas perspectivas únicas e experiências por meio de textos em Libras.

No ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos foi fundada no país, o Imperial Instituto de Surdo-Mudo, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdo – INES. Nessa instituição, tivemos uma maior circulação da Libras, que é uma língua visual utilizada pelas comunidades surdas no Brasil. A Literatura Surda já circula há muito tempo, mas não havia registros dela por causa da falta de tecnologia antigamente.

Como mencionado, a lei que reconhece a Libras na comunidade surda é a Lei n.º 10.436, que foi oficializada em 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto n.º 5626/2005. Por essa legislação, assegura-se a compreensão de que a pessoa surda interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando as suas experiências culturais principalmente pela Libras.

Em 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, considerada a primeira a ter o curso de Graduação de Letras-Libras, na modalidade de educação a distância, oferta a formação em habilitação na Libras, que são profissionais da área da surdez para promover inclusão das pessoas surdas na sociedade brasileira.

Para contextualizar, a maior parte dos trabalhos de pesquisa da Literatura Surda usa a referência de alguns teóricos como a professora Lodenir Karnopp. Essa pesquisadora desenvolveu material didático sobre a Literatura Surda no curso de licenciatura em Letras-Libras da UFSC. Muitos pesquisadores vêm usando esse material como referência de base teórica para a Literatura

Surda. Ela desenvolveu a pesquisa nesse âmbito, veja o gráfico 01 (p. 46) no Capítulo I que mostra a maioria das pesquisas na área que são Letras e Educação também, e os outros que são da área de referência à pesquisadores da Literatura Surda e Literatura em Libras circulando no Brasil, como professores Karnopp, Mourão e Sutton-Spence.

Cada vez mais, as produções que vêm circulando do movimento da Literatura Surda e Literatura em Libras, pouco tempo têm produzido um acervo e recursos dedicados à Literatura Surda e Literatura em Libras. Esses acervos têm um papel muito importante nas preservações das experiências culturais surdas, produzidos pelo campo da Literatura Surda em Libras. Hoje existem vários arquivos digitais, eventos literários, universidades, centros de pesquisa etc. Vejamos a exemplo do professor Sílvia Gallo:

Podemos dizer, a título de exemplo, que as primeiras obras literárias escritas no Brasil após a colonização, por brasileiros, era literatura menor, pois faziam da língua portuguesa (já com uma literatura maior estabelecida, tradicional) um uso novo, sob novo parâmetro, na busca de uma nova literatura “com o cheiro de nossa terra”. À medida que o país se torna “independente”, nossa literatura vai se desenvolvendo e acaba por se tornar, ela também, uma literatura maior, pois aquele uso novo que fazia do português deixa de ser inovador e virar tradição (Gallo, 2008 p. 64).

Excelente pesquisador esclareceu o exemplo sobre a literatura, desenvolvendo uma reflexão e acaba por se tornar uma Literatura Maior como, por exemplo, o campo Literatura Surda em Libras que se tornou uma Literatura Maior. Por isso, as instituições acadêmicas e centros de pesquisa têm diversos programas dedicados aos estudos da Literatura Surda em Libras: para disponibilizar materiais em bibliotecas, também em acervos acabando posteriormente tornando-se cânones.

A Literatura Surda tem produções criativas literárias, com subversões dentro da sua Libras, como sinalizações menores. Esse deslocamento é um exercício literário relacionado à territorialização da Literatura Surda concebida pelos autores e pela comunidade surda no processo de subjetivação dos sinalizantes menores. Essa ideia de escapar das restrições ou limitações tradicionais no campo Literatura Surda em Libras é algo interessante e que interessa nesta pesquisa, sendo exatamente o que gera o deslocamento II aqui afirmado.

Exercícios feitos aqui é o de subverter o conceito “menor”, tornando potente e compreendendo o estudo do campo da Literatura Surda como aquela que está abaixo dos sinalizantes de ordem. Pela perspectiva deleuziana-guattariana, o “menor” se realiza sempre dentro do maior, constituindo-se como estratégia de tensão na língua maior [Libras], possivelmente

submetidos a um processo de marginalização. Nesse sentido, pensar uma Literatura Surda em Libras menores é se desviar do padrão e criar uma subversão, efeito de uma linha de fuga.

A Literatura Surda em Libras, enquanto Literatura Menor, emerge de produções que, por serem oriundas de uma minoria ou de grupos minorizados, enfrentaram processos de marginalização. No entanto, a força dessa literatura reside precisamente em seu efeito de língua menor, revelando-se na criação de linhas de fuga e na produção de processos de subjetivação. Por meio de práticas sinalizantes menores, ela desafia e subverte o uso convencional da linguagem, provocando uma sensação de desestabilização no sujeito que a encontra e criando novas multiplicidades e possibilidades de expressão – divertidas, inspiradoras e criativas. Concluída essa discussão teórica, no próximo capítulo abordaremos a metodologia da pesquisa de campo, detalhando os métodos e procedimentos que orientaram a investigação.

Capítulo IV

Título

Metodologia de pesquisa

A entrada não tem começo nem fim

Objetivo Geral

A partir dos conceitos das filosofias da diferença, a tese busca analisar as ações da língua menor como ato de criação na Literatura Surda, defendendo-a como potência criativa para uma literatura menor produzida na/pela língua de sinais.

Objetivo Específico

Apontar os afectos de desterritorialização na cartografia rizomática como uma possibilidade de aplicação da Literatura Surda na educação de surdos.

Metodologia Pesquisa qualitativa

Os vídeo serão selecionado de acordo com os seguintes critérios

Processo de pesquisa Três momentos

1 Estudo de conceitos



- Literatura Menor
- Língua Menor
- Territorialização
- Desterritorialização
- Reterritorialização
- Linha (Dura, Maleável e de fuga)

2 Leitura, análise das afectos e versão minha



"Raízes Surda"



"DeafHood"



"Poesia Surda para sempre"

3 Comitê Ética

PLATAFORMA BRASIL

Entrevista



PARTICIPANTE DA PESQUISA

PERFIL

- Surdo/a/e
- Fluência Libras
- Comunidade Surda

Análise dados

Integração das Três Dimensões

A análise de Libras como língua menor, com foco na linguagem, política e valor coletivo na Literatura Surda, revela como esta se configura como uma literatura menor.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo explora os percursos metodológicos deste estudo, que se baseou na Filosofia da Diferença, fundamentada em Deleuze e Guattari. Para o desenvolvimento desta investigação, definimos uma pesquisa de cunho qualitativo. Nossa tese tem como foco as produções literárias de surdos sinalizantes como língua menor (produzidas em âmbito de criação), defendendo-as como Literatura Menor, a partir dos conceitos da Língua menor e o processo minoração através territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A análise foi realizada em algumas produções da Literatura Surda, que apresentam textualidade diferida em Libras, considerada uma língua menor. Nessas produções, destacou-se a presença de uma potência rizomática. O estudo dialoga com objetivos específicos previamente definidos, destacando um importante detalhe mencionado por Miranda Jr (2017, p. 40):

“os movimentos aqui apresentados tornam-se multiplicidade não para o esgotamento de suas análises, mas composto de diferentes linhas dos quais os acontecimentos proporcionam, a partir dos deslocamentos aqui realizados, nas cartografias da Libras como língua “menor” de forma experimental, da qual fazer-se conexões, multiplicidade em linha variadas e variantes.”

Compreendemos os processos de subjetivação de produções de autores sinalização menor produzir a linhas de fuga. Essas linhas de fuga se apresentam como possibilidades de expressão de subjetividades surdas que, associadas ao rizoma, representam a capacidade de escapar das estruturas opressivas ou limitadoras.

A Literatura Surda como Literatura Menor, principalmente a sinalização menor, aponta para novas direções e possibilidades através de criações divertidas, inspiradoras e criativas da linguagem. Isso ocorre porque a perversão linguística, ou o uso incomum que tais literaturas trazem, provoca uma sensação de desestabilização no sujeito que as encontra. Veja o mapa mental (p. 82) da organização metodológica do processo de pesquisa. Para o desenvolvimento desta tese, estão algumas formas gerais de como a análise pode se conectar aos objetivos:

- No primeiro momento, aborda-se um estudo sobre a territorialização da Literatura Surda, sua composição como campo de estudo e pesquisa, e como a língua menor promove os deslocamentos que ela provoca na literatura canônica, produzida por línguas orais;
- No segundo momento, descreve-se o conceito de Literatura Menor pela Filosofia da Diferença, para aproximá-lo das produções literárias marginais criadas por surdos;
- E, no último momento, analisam-se vídeos o encontro ¹⁸como afecto da língua menor, criados por surdos, a partir das conversas com os participantes da pesquisa. Apontamos nessas criações literárias a sua cartografia rizomática, apostando serem produções de sentidos múltiplos que podem ser usadas na educação de surdos como disparadores Libras/Sinalização menor da criatividade artístico-literária.

Selecionamos três vídeos em Libras, registrados em rede social, de acordo com critérios que os caracterizam como Literatura Menor. Os três platôs têm seu movimento na textualidade diferida em Libras e o primeiro deles é *Desterritorialização da língua*. Essa característica se define pelo uso da linguagem como uma linha de fuga.

A ação de desterritorializar associa-se à problemática da literatura “menor”, pois implica um deslocamento provocado por uma descaracterização cultural, em função do espaço e da língua, operada por grupos ou subgrupos étnicos, raciais ou culturais que, em dado momento histórico, acham-se submetidos a um processo de marginalização (Batalha, 2013, p. 115).

Buscamos evidenciar que algumas produções Literatura Surda em Libras como língua menor se apresentam como uma forma de desterritorialização da língua. O segundo platô: é a ramificação política, que consiste em um dispositivo de agenciamento, ou seja, uma ferramenta que faz superar a concepção tradicional. Por fim, o terceiro platô (e último critério): é o valor coletivo. Segundo Gallo (2008, p. 62), “Os valores deixam de pertencer e influenciar única e

¹⁸ O conceito de “encontro” em Gilles Deleuze é fundamental para a compreensão de sua filosofia da diferença, da criação e da transformação. Para o autor, um encontro ocorre quando algo afeta intensamente, provocando o deslocamento do pensamento e acionando processos criativos. Não se trata de qualquer encontro, mas daquele que inquieta, escapa à compreensão imediata e obriga a pensar, gerando novos sentidos. Como afirma Deleuze: “Algo em o mundo nos força a pensar. Esse algo é um objeto de um encontro, não de reconhecimento” (DELEUZE, 2006, p. 199).

exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de Literatura Menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade”.

Para validar as produções literárias escolhidas para a análise das *affectos* e versão minha. Apresentamos os vídeos para os participantes de pesquisa. Trabalhamos com a abordagem da cartografia na filosofia Deleuziana e Guattariana. Essa é uma metodologia de mapeamento conceitual e de produção de conhecimento, que explora a ideia de cartografar o território no campo da Literatura Surda em Libras como língua menor em foco na linguagem, ramificação política e valor coletivo, revela como está se configurar como uma Literatura Menor. A cartografia surge com o princípio do rizoma, em razão das linhas, conexões, heterogeneidades e multiplicidades experimentadas na realidade que se apresenta. Os procedimentos de coleta de dados são:

Primeira etapa: Selecionam-se três exemplos de textualidade diferida da Literatura Surda em Libras, relacionando-os à Literatura Menor e destacando suas principais características, especialmente a presença da língua menor. Trata-se de um exercício de leitura analítica, elaborado a partir da perspectiva do pesquisador. Os vídeos são assistidos e os aspectos que marcam a narrativa da sinalização menor são descritos, com elementos característicos de um rizoma.

Segunda etapa: Realizam-se entrevistas individuais com participantes da pesquisa, selecionados conforme o perfil estabelecido, que exigia serem surdos/as/es fluentes em Libras. As entrevistas foram gravadas pelo Google Meet e buscou-se compreender as singularidades dessas produções, com foco nos afetos envolvidos.

Terceira etapa: Os dados são integrados considerando três dimensões. A análise e interpretação dos dados, envolvendo a Literatura Surda em Libras como língua menor, com foco em três movimentos na linguagem, na ramificação política e no valor coletivo na Literatura Surda, e isso revela como tal se configura como uma Literatura Menor, na qual a língua menor desperta diversas linhas de fuga.

Os participantes dessa etapa da pesquisa são adultos surdos fluentes em Libras, membros da comunidade surda. Foram convidados e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando cientes, antes de participar, para assistir aos vídeos selecionados e responder às perguntas realizadas pelo pesquisador. Com base nas observações das enunciações

dos participantes, analisa-se e identifica-se a compreensão de rizoma, bem como se essas produções da Literatura Surda se caracterizam, ou não, como Literatura Menor.

A pesquisa utilizou o Google Meet, uma plataforma que disponibiliza diversas ferramentas, como compartilhamento de tela, apresentação de vídeos e gravação das reuniões. Posteriormente, os vídeos gravados foram transcritos para a Língua Portuguesa. Os participantes da pesquisa, adultos surdos e fluentes em Libras, assistiram aos vídeos e depois discutiram, para analisar a compreensão da dimensão rizomática de cada produção, bem como as características singulares que elas produzem como linha de fuga, e que podem marcá-las como uma Literatura Menor. Ao assistir e compartilhar suas impressões, buscamos perceber como essas produções compõem a Literatura Surda em Libras como Língua Menor.

4.1. CARTOGRAFIA

Essa pesquisa é considerada como uma abordagem de estudo da cartografia na filosofia deleuze-guattariana e pode ser associada ao mapeamento conceitual e de produção de conhecimento, nos quais exploram a ideia de cartografar territórios conceituais e criar mapas que representam as conexões e relações do “rizoma” como uma estrutura não linear e não hierárquica de destruição das formas de pensamentos tradicionais.

Podemos entender Martins (2017, p. 18) ao explicar que “o objetivo da cartografia para Joly, a saber, pela criação de mapas, é melhorar a percepção de uma realidade que não poderia ser vista ou estudada por todos, tornando-se, assim, uma arte de esquematizar o estudo de território sem ter a necessidade de ir até eles e estudá-los de perto e exaustivamente”.

O exercício da cartografia é traduzido no mapa da formação de ações que levam o cartógrafo a habitar e mapear a realidade em questão e acompanhar os processos em estudo. Souza e Oliveira (2022, p. 19), sobre processo de exercício de cartografar:

Nesse sentido, cartografar vai além do desenho de mapas e se dirige para a construção de diagramas, ou seja, de esquemas visuais que tornam aparentes novos tipos de realidades. Desse modo, os diagramas se configuram por meio do traçado das relações que se estabelecem entre elementos de diferentes naturezas num determinado campo social, tornando-as enfim, perceptíveis e conhecidas.

Isso posto, a cartografia pode mostrar os territórios conceituais que produzem processo de subjetivações da produção de Literaturas Surda menores em produções em Libras, o rizoma é uma poderosa lente de investigação para a compreensão dos objetivos e seus territórios. Ao observar a Literatura Surda na Libras, a presença de uma língua menor pode provocar desestabilizações, e o processo de minoração, assim como os encontros e agenciamentos, cria multiplicidades de linhas de fuga.

Tais acenos poderão contribuir para educação e propiciar a valorização da Literatura Surda Menor como campo de ativação da criação e flexibilidade do pensar nessas práticas no contexto escolar profissional Instrutor ou Professor de Libras e os alunos surdos. Trabalhar com a cartografia como método de pesquisa se consolida “(...) como estratégia de análise crítica e ação política, olhar critério que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomática, a composição de dispositivos, apontando linhas de fugas, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

Em uma tentativa de costurar minha tese ao conceito construído por Deleuze e Guattari, apoio-me em algumas questões apresentadas por Literatura Surda, deslocamento ao meu tema Literatura Surda Menor com foco no rizoma, levando em conta esses elementos, poderíamos elencar perguntas, como:

- Que território pretende-se investigar? (fixar os limites esse território contexto da literatura)
- Quais elementos – linguagem, ramificação política e valor coletivo?
- Quais agenciamentos (relações e articulações) são preponderantes nesse território?
- Quais são as linhas de dura? Quais tipos de determinações rígidas nesse território?
- Quais são as linhas flexíveis? Onde estão mais presentes?
- Quais linhas de funça podem ser identificadas? Quais formas de resistências os agentes da Literatura Surda Menor?

Retoma, para tal fim, a análise apresentada no Capítulo IV de sua tese: "A Literatura Surda Menor no Processo de Subjetivação das Pessoas Surdas", examinando como a linguagem, o afeto e o efeito do pensamento rizomática são integrados.

4.2. O INSTRUMENTO DA PESQUISA

A análise foi realizada a partir da metodologia da Literatura Surda selecionada. Após observar a caracterização das produções, tais como "**Raízes Surdas**", "**Deafhood**" e "**Poesia Surda para Sempre**", optou-se por uma análise mais profunda da leitura, da sensação e da versão do pesquisador para este estudo, com o objetivo de examinar, através de uma lente teórica, se a Língua Menor está presente nos vídeos em Libras, no processo de minoração das linguagens, ramificação política e valor coletivo. É possível construir uma cartografia para identificar a desterritorialização dentro do processo de movimento da Literatura Surda, incluindo a entrevista com participantes da pesquisa para entender quais *afectos* os vídeos em Libras como menor despertam a linha de fuga.

Para o desenvolvimento do instrumento de pesquisa, escolhemos três aqui: "*Raízes Surdas*", "*Deafhood*" e "*Poesia Surda para Sempre*". Na busca por materiais para compor o instrumento de pesquisa, encontramos um vídeo em Libras registrado pelos autores, posteriormente comercializado por editora, que já é uma característica desterritorialização da língua. Porém, comercializado também pela editora é tradição em certa cultura e tem o seu próprio poder linguístico para publicar. Isso é territorialização, pois construiu a norma para publicar, que atendia aos critérios definidos para a análise. Os demais vídeos foram leitura, análise da sensação e versão minha.

É possível aprofundar o estudo desse vídeo em Libras, considerado como uma língua menor, e discutir os elementos da linguagem, a ramificação política e o valor coletivo para validar a Literatura Menor. Os participantes da pesquisa foram apresentados e entrevistados individualmente, respondendo em Libras. Posteriormente, suas respostas foram traduzidas da Libras para a Língua Portuguesa. A análise dos dados, ancorada na teoria e nas entrevistas, integra as três dimensões — linguagem, ramificação política e valor coletivo na Literatura Surda — e revela como se configura como uma Literatura Menor.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA

No presente estudo, conduziram-se entrevistas com o propósito de investigar de que maneira o movimento da língua menor manifesta uma potência criativa no âmbito da Literatura Surda e quais os possíveis impactos sobre os participantes envolvidos na pesquisa. A análise dos dados coletados nas entrevistas revelou que a Literatura Surda, ao empregar a sinalização menor,

facilita a criação de linhas de fuga. Este fenômeno não apenas enriquece o campo literário surdo, mas também promove o processo de minoração, que consiste na valorização de formas de expressão marginalizadas dentro de um contexto linguístico dominante.

4.3.1. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Para o desenvolvimento e análise dos dados, é necessário que o participante seja selecionado com base em critérios mínimos específicos, tais como:

- Ser sinalização da Língua Brasileira de Sinais – Libras;
- Ter idade entre 18 á 60 anos;
- Estar disposto a participar de entrevista e sessões de observação.

4.3.2. PERFIL DOS PARTICIPANTES

Os participantes consistem em quatros indivíduos, com as seguintes característica gerais:

Tabela 4 - A tabela do perfil de participante da pesquisa

Identificação	Idade	Gênero	Escolaridade	Profissão	Libras
Participação I	52	M	Graduação	Professor superior	10 anos de idade
Participação II	34	M	Doutorando	Professor de Libras	6 anos de idade
Participação III	42	F	Design da Moda	Área Marketing	3 anos de idade
Participação IV	27	F	Ensino Médio Completo	Dona da Casa	3 anos de idade

Fonte: Elaborada pelo autor

A tabela acima mostra que os todos os participantes tiveram contato inicial com Libras em diferentes fases da vida, variando entre três e dez anos de idade. Esse contato inicial ocorreu em escolas de educação especial e bilíngue ou em associações de surdos, o que lhes permitiu adquirir sua própria língua de sinais.

Percebemos que as preferências de leitura variam entre os participantes, mas há um interesse comum por textos mais acessíveis, como contos infantis e materiais visuais. Devido ao fato de alguns participantes serem professores, há uma preferência por trabalhar com livros infantis com imagens, contos de fadas, autobiografias e linguagem simples.

Os participantes demonstram um interesse significativo em consumir conteúdo em plataformas digitais como Instagram, YouTube e Google, especialmente em formatos visuais e de fácil acesso. Embora o conhecimento dos participantes sobre Literatura Surda varie, há uma consciência geral sobre sua importância e valor cultural.

4.4. ASPECTOS ESPECÍFICOS DA LÍNGUA E LITERATURA SURDA

Os participantes apresentam uma diversidade de experiências relacionadas ao uso de Libras e a Literatura Surda. Alguns dos pontos destacados incluem:

PARTICIPANTE I → Ele teve seu primeiro contato com Libras aos 10 anos em uma associação de surdos numa cidade do interior de São Paulo, num período em que o oralismo predominava como metodologia de ensino. Ele aprecia especialmente livros infantis com imagens e linguagem simples como "Chapeuzinho Vermelho" e "Rapunzel", que se utiliza para ensinar alunos surdos, enquanto textos longos e acadêmicos podem ser desafiadores e demandam releitura, diminuindo por vezes seu interesse.

Com mais de 26 anos dedicados ao ensino de Libras para ouvintes, sua experiência em educação de surdos e Literatura Surda é limitada. Ele valoriza o material europeu, particularmente o Vernáculo Visual na Literatura Surda, por sua clareza e acessibilidade visual. No Brasil, a representação de autores surdos, como Fábio Sá, é escassa, ao contrário dos Estados Unidos, onde a Literatura Surda é mais prevalente. Recentemente, ele tem se deleitado com as obras de Giuseppe Giuranna, que lhe proporcionam relaxamento e prazer

PARTICIPANTE II → Ele foi matriculado aos seis anos em uma escola especial onde iniciou seu aprendizado em Libras, permanecendo ali por quase quatro anos. Após essa fase, transferiu-se para uma escola inclusiva onde, devido à ausência de intérpretes, seu uso de Libras diminuiu significativamente. Um encontro casual com um surdo, anos mais tarde, o levou a uma associação de surdos na capital de Minas Gerais onde, aos 14 anos, retomou seu contato com Libras.

Atualmente, ele é professor de Libras em uma Universidade Federal. Ele possui um interesse particular por leitura, especialmente em contos de fadas e autobiografias, embora enfrente desafios com textos acadêmicos, dependendo do tema. Ele também tem conhecimento sobre

Literatura Surda, compreendendo-a como uma forma de enunciação própria da comunidade surda. Além disso, ele é um frequente espectador de conteúdos em plataformas como YouTube, Instagram e Facebook, notando uma escassez de publicações de vídeos que abordem autobiografias, críticas e diversos gêneros literários. No Instagram, ele costuma assistir principalmente aos *stories*.

PARTICIPANTE III → Ela foi matriculada em uma escola de educação bilíngue para surdos quando tinha 3 anos. Desde então, iniciou seu contato com a Libras e continua utilizando-a até hoje. Ela gosta de literatura, mas não tanto, dependendo do tema. Se for um assunto interessante, com certeza ela vai ler, mas tudo depende. Sim, ela conhece. Acredita que possui um livro que conta a história da criação da lei e como ensinar crianças surdas e sobre sua cultura. Às vezes, quando assiste, é algo que ela gosta, especialmente quando o surdo conta a história. Por exemplo, ela não assiste coisas que não sejam literárias, mas se a história estiver interessante, ela lê, sim.

PARTICIPANTE IV → Ela começou a aprender Libras quando tinha três anos, enquanto estudava em uma escola de educação especial. Naquela época, ela tinha contato constante com amigos surdos, o que facilitou seu aprendizado da língua. Ela prefere ler jornais e não tem muito conhecimento sobre Literatura Surda, raramente dedicando seu tempo livre a esse tipo de leitura. Em seu tempo livre, ela prefere assistir a conteúdos principalmente no Instagram e no Google.

4.5. PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa foi meticulosamente realizada sob os padrões éticos exigidos pela Plataforma Brasil da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e registrada pelo número do processo CAAE nº 67140020.4.0000.8142. Sob a orientação de uma orientadora e uma coorientadora, o pesquisador comprometeu-se a garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes. Todos os envolvidos na pesquisa consentiram de forma informada, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que está disponível em anexo. Esse documento detalha os objetivos da pesquisa, explica os direitos dos participantes e assegura que todas as informações coletadas são tratadas de maneira confidencial. A adesão a esses protocolos éticos visava não apenas cumprir com as normativas acadêmicas, mas também preservar a integridade e o respeito pelos sujeitos da pesquisa.

4.6. CONTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes forneceram relatos pessoais, compartilharam experiências vividas e ofereceram reflexões sobre a Literatura Surda em Libras, abordando-a como uma língua menor no processo de minoração. Suas contribuições exploraram diversas dimensões dessa temática, destacando aspectos culturais, linguísticos e identitários.

As narrativas dos participantes são fundamentais para compreender as novas potências linguísticas de criação que emergem do uso da Libras, configurando o processo como uma dimensão de rizoma. A riqueza dos detalhes fornecidos permite uma análise aprofundada e oferece uma visão abrangente sobre as dinâmicas envolvidas no desenvolvimento da Literatura Surda em Libras como língua menor.

4.7. CARACTERIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE SURDOS SINALIZANTES

Nossa proposta de trabalho é descrever, caracterizar e analisar produções literárias de surdos sinalizantes a fim de perceber como o uso da Literatura Surda em Libras como língua menor, independentemente do uso plataforma principal, são vídeos gravados em sinais e trazem, provocam uma sensação de desestabilização.

Dessa forma, a presente metodologia procurar analisar aspectos da linguagem, da ramificação política e do valor coletivo relacionado a Literatura Menor. A investigação de tais vídeos em Libras gravados no meio rede social possibilita evidenciar e buscar seus autores pela Literatura Menor. Tais evidências podem ser percebidas através do uso Libras, e em sua forma de narrar em Libras a história de criação.

É importante esclarecer que a maioria das produções literárias é tradução e adaptação em Libras, os surdos convivem com ouvintes, seja no ambiente escolar, trabalho ou família, acontece ao se disponibilizar em Libras um conto, uma poesia, um outro gênero literário já escrito em língua portuguesa. Como Mourão (2012) explica: “Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempo e espaços, já que são traduzido para a língua utilizada pela comunidade surda” (idem p. 3).

A tradução cultural tem como objetivo o acesso à literatura na própria língua do sujeito surdo, permite às crianças conhecerem as histórias da literatura convencional, através da Libras, das expressões bem claras, do uso de classificador e dos sinais dos personagens da história (Nichols, 2016 p. 90).

Encontrada na Editora Arara Azul¹⁹, temos vários materiais clássicos já traduzidos para Libras e podemos encontrar *O soldadinho de chumbo* (ANDERSEN, 2021), *João e Maria* (GRIMM, 2022), *O gato de botas* (PERRAULT, 2011), *Uma aventura do Saci-Pererê* (RAMOS, 2022), *Peter Pan* (BARRIE, 2009), *Alice para crianças* (CARROL, 2007).

Por sua parte de adaptação cultural, “consideração a cultura surda, a identidade surda e cotidiano da vida dos surdos” (Nichols, 2016 p. 91), que a literatura está sempre vinculada à cultura, produção literária surda e vários dos contos clássicos. Recorto o trecho de *A Cinderela Surda*, pois é um conto que passou por adaptação cultural e seus autores acrescentaram manifestações da cultura surda ao clássico da literatura infantil.

Segundo Boldo e Schlemper (2018, p. 84), apresentamos algumas reflexões importantes “ao reconhecer o valor dos clássicos da literatura mundial, com o objetivo de possibilitar um discurso que apresente representação sobre os surdos e suas vivências, alguns autores empreendem uma adaptação para surdo”. Nessa modalidade, podemos citar *Cinderela Surda* (Hessel; Karnopp; Rosa, 2007), *Rapunzel Surda* (Silveira; Rosa; Karnopp, 2005) e *Patinho Surdo* (Rosa; Karnopp, 2011).

Última modalidade de criação e/ou processo de subjetivação, “o trabalho é produção própria do surdo, na qual o escritor narra suas experiências vivenciadas na sociedade, manifestando sua própria experiência vivenciada na sociedade” (Nichols, 2016 p. 93). A criação é uma manifestação política na literatura após o reconhecimento da Libras como língua na comunidade surda e aumento considerável na produção de literatura que reflete seu contexto social, a arte, a política e a educação, com várias representações dentro do contexto social.

O critério de pesquisa nesta tese foi escolhido pela criação e/ou processo de subjetivação. Deleuze e Guattari sua obra *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* discutem o conceito de

¹⁹ A Editora Arara Azul Ltda construiu este aplicativo primeiros sinais em libras e outro aplicativo para Android como aplicativo premium. Segui link <https://editora-arara-azul.com.br/site/home>

criação e consideram o inconsciente como um espaço de multiplicidade e potencial criativo como uma força produtiva que cria conexões e produz novos modos de ser com possibilidade e multiplicidade para consolidar estruturas de poder. Citado por Nichols (2016, p. 93), “a literatura produzida pela comunidade é uma manifestação dos sujeitos surdos, ela atravessa o movimento social dos surdos, é um retrato da experiência cultural e das identidades surdas, da maneira de viver a diferença na sociedade”.

Escolhemos por criação e/ou processo de subjetivação, pois auxiliou nossa tese no sentido de entender melhor como uma realidade pode resultar em um pensamento de rizoma. Dessa forma, fizemos uma abordagem cartográfica acerca dos conceitos “linha dura”, “linha maleável” e “linha de fuga”, ainda dentro da obra dos autores e leitores sobre sujeito surdo. Nessa perspectiva, apresentamos o sentido de movimentação de linhas de fugas com a sua criação no processo de subjetivação, e é possível identificar o que acontece na narrativa sinalizante.

4.8. EXERCÍCIO DE LEITURA: ANÁLISE DOS ENCONTROS DAS AFECÇÕES E ELABORAÇÃO DE VERSÃO PRÓPRIA.

Na Lei n.º 10.436/2002, é reconhecida a Libras na comunidade surda no Brasil, como uma língua própria. Depois de 21 anos desse reconhecimento legal no Brasil, várias produções literárias surdas sinalizantes têm sido registradas por vídeo e algumas foram escolhidas de acordo o critério como processo de subjetivação na Literatura Menor para identificar a presença do elemento da linguagem produzido de linha de fuga nas narrativas surdas.

Os vídeos utilizados são produções literárias de narradores surdos e tratam a língua de sinais de forma criativa de arte da língua, arte visual e arte visual em movimento. Os narradores escolhidos foram Cláudio Henrique Nunes Mourão²⁰, em “*Raízes Surdas*”, em “*Deafhood*” também Rodrigo Custódio da Silva²¹, em “*Poesia Surda para Sempre*”. Escolhemos para fazer exercício a leitura, análise de sensação e versão minha de sinalizante registrado do vídeo para compreensão de vídeo em Libras, buscando a qualidade das informações que é essencial para garantir que a obra foi bem resumida e o mais importante: a mensagem para nós, leitores.

²⁰ Poeta/Artista e Doutor em Educação - <http://lattes.cnpq.br/0418256905278517>.

²¹ Doutor em Linguística - <http://lattes.cnpq.br/2009310466318492>.

4.8.1. RAÍZES SURDAS

SINOPSE:

A poesia do Mourão mostra que a sociedade me vê como pessoa surda, senti excluído e foi encontrado pessoa como sujeito senti liberdade de obscuro.

ANO DE PUBLICAÇÃO: 24 de outubro de 2015

GÊNERO LITERÁRIO: Poesia

LINK: https://youtu.be/_ILFg_ZjrOo?si=Hexa8tUakDkPYKJX

AUTOR: Cláudio Henrique Nunes Mourão

IDIOMA: Língua Brasileira de Sinais – Libras

NÚMERO DE TEMPO VÍDEO: 0:14 sec

Em *Raízes Surdas*, Cláudio Henrique Nunes Mourão, poeta/artista e também docente da UFRGS, sinaliza em Libras a poesia *Raízes Surdas*, que foi inspiração do seu estudo *Deafhood* criado pelo Paddy Laddy, pesquisador britânico surdo.

É possibilitar aos leitores surdos que o assistem uma experiência cultural surda vivida, usou a forma de arte da língua de sinais e visual em movimento com corpo e sentimentos. Lembramos que a base Deleuze e Guattari (1992) esclarece que territorialização é poder da língua e como marcadores de poder são regras de gramática, por isso, não desejamos forçar a literatura.

Nesse contexto, é importante fazer uma leitura diretamente em Libras com a sua interpretação, é meu exercício de leitura, análise e versão minha encontrar uma possibilidade de um caminho do pensamento rizomática. Primeiro, fazer exercício da leitura da poesia para compreender melhor os sinais, e segundo análise das afecções, e terceiro, versão minha.

Tabela 5- Leitura e análise linguística da poesia "Raízes Surda"

LEITURA	ANÁLISE LINGUÍSTICA
Imagens 01	Libras: pessoa, indivíduo, individualidade, ser Significa:

	Apareceu uma pessoa
Imagens 02 	Expressão facial: estranhamento Significa: pessoa apareceu com estranhamento
Imagens 03 	Libras: Negativo, ruim, obscuro Significa: Pessoa me marcou um estereótipo Nesta configuração de mão com o movimento, não é sinal dentro da Libras como forma de arte da língua de sinais, neste trecho, ocorre uma subversão da Libras.
Imagens 04 	Movimento: Absorver, consumir, sugar Significa: Consumir negativo
Imagens 05 	Expressão facial com cabeça para baixo: Sofrimento, dor, angustiado Significa: Tristeza profunda

Imagens 06 	Língua de sinais: <i>Deafhood</i> Significa: Processo de reconhecer-se e afirmar-se surdo, em resistência às práticas e aos discursos colonizadores ouvintes. Neste momento, sinal emprestado da Língua Americana de Sinais – ASL é desterritorialização porque foi usado sinal de ASL.
Imagens 07 	Libras: Positivar, positivo, otimista, esperançoso Significa: Demonstra confiança em ser surdo e aceitação positiva

Fonte: Elaborado pelo autor

4.8.1.1. SOBRE OS MEUS ENCONTROS AFECTOS

A poesia *Raízes Surdas* me mostrou inúmeros aspectos interessantes, principalmente, o título me deixou uma reflexão por usar o termo “raiz”, que é uma base, absorção de nutrientes. Em seguida, o autor adjetiva raízes surdas. O entendimento do sujeito surdo adquirindo a experiência linguística, cultural e valores que são essência, por isso, qualquer lugar que encontro surdo parece sempre a mesma essência.

Na imagem 03, configuração de mão com movimento cima e para baixo com olhar, foi impactante, não tem tradução em português nem Libras, é arte de linguagem e estética que me provocou uma sensação sem palavras ou sinais. Nesse sentido, ligado muito forte à tristeza e aos efeitos negativos. As imagens 04 e 05, no peito, representam sentimentos de fragilidade, insegurança, mágoa e minha interpretação pode associar a não aceitação do ser surdo que vai marcando vários corpos de forma estereotípica.

Na segunda parte, antes do final, na imagem 06, o autor usou sinal “*Deafhood*”, e mostra que a pessoa surda começa a se recuperar daquilo que causou sua fragilidade, insegurança e mágoa. Mais uma coisa importante: observe que autor usou o umbigo para representar o indivíduo durante a sua vida fetal, com expressão positiva de aceitação de sua condição como pessoa surda. Também é possível associar as raízes à absorção de nutrientes para se fortalecer e se estruturar firmemente, como autoconhecimento e autoaceitação da própria história.

No final, na imagem 07, é a superação da obscuridade, o sujeito se livra da vulnerabilidade, afirma-se na sua condição de sujeito surdo e segue em frente, com uma autoimagem positiva. Esse momento me causou grande impacto, pois essa poesia mostra muita coisa da minha vida, da experiência de ser uma pessoa surda.

VERSÃO MINHA

Imagem 1- Narrador em Libras frente de um estante de livro



Fonte: No canal Youtube do
@claudiomourao

RAÍZES SURDAS

Chegou um estranho
Olhou-me como algo inútil
Deixou-me mergulhando na tristeza profundo

Florescendo dentro de mim
Ofertou-me um pedaço de fruto, Deafhood desperta
minha identidade
Raizando multiplicidades positivas em mim

O artista e poeta Mourão possibilita ao leitor surdo, também fluente em Libras, ao assistir ao vídeo, uma identificação com o narrador e com a experiência de ser surdo. A forma de arte sinalizante, com movimento corporal e visual em Libras tem sua própria estética. É possível observar que do início até o final da poesia, o autor usou a mesma configuração de mãos, como mostrado a seguir:

Figura 2- Configuração de mãos em Libras



Fonte: Elaborado pelo autor

Interessante que o artista/poeta criou a sua própria estética, escolhendo uma configuração de mãos, e mantendo essa configuração do início ao fim, produzindo com essa configuração vários sinais diferentes.

As imagens 03 e 06 mostram que autor usou sinais que não estão dentro do dicionário em Libras, criou a própria estética. Por isso, é quase impossível escolher uma palavra que represente a ação. Esses momentos da poesia se caracterizam como um processo de *desterritorialização*, da mesma forma quando o autor usa um sinal da *American Sign Language* – ASL dentro da poesia em Libras.

Lembramos que as produções em Libras “são um processo de criação do pensamento e um processo de agenciamento” (Martins, 2017 p. 30), eles agem numa dinâmica de linguagem para os leitores surdos e fluentes de Libras provocando sensações de modo não linear. Também é percebida na poesia apoderamento na comunidade surda ao encontrar a sua identidade com a sua própria língua, isso mostra política e valor coletivo.

4.8.2. DEAFHOOD

SINOPSE:

A árvore representa vários aspectos diferentes culturais, ela é o símbolo da vida. Para a comunidade surda, nessa poesia, a árvore representa o renascer com a nova identidade surda, com a sua língua de sinais, participante do movimento na comunidade surda.

ANO DE PUBLICAÇÃO: 24 de outubro de 2015

GÊNERO LITERÁRIO: Poesia

LINK: <https://youtu.be/Wl7PtoNiY9E?si=c8xINbuvwmlxXO9I>

AUTOR: Cláudio Henrique Nunes Mourão

IDIOMA: Língua Brasileira de Sinais – Libras

NÚMERO DE TEMPO VÍDEO: 0:15 sec

Tabela 6 - Leitura e análise linguística da poesia "Deafhood"

LEITURA	ANALÍTICA LINGUÍSTICA
Imagens 01 	Libras: Surdo Significa: Pessoa surda
Imagens 02 	Libras: Raiz, base, pé, vínculo, laço Significa: Ligado o laço da sua cultura da pessoa surda.
Imagens 03 	Libras: absorção de nutrientes, alimentos, substanciais Significa: Absorvendo deles elementos das experiências culturais surdas e Libras associado à próxima figura
Imagens 04 	Libras: Árvore, natureza Significa: Árvore é símbolo da vida relacionada à natureza e evolução
Imagens 05	Expressão facial: Entender, compreensão, afirmação Significa:

			Entendimento da vida
Imagens 06			Libras: Umbigo Significa: Aliança, laços, experiências culturais surdas, identidade e aceitação do ser
			Libras: Libras, sinalizante, língua de sinais Significa: Aceitação ser surdo com Libras
Imagens 07			
			

Fonte: Elaborada pelo autor

4.8.2.1. SOBRE OS MEUS ENCONTROS AFECTOS

Deafhood é um conceito criado pelo pesquisador surdo britânico, Paddy Laddy, que significa processo de reconhecer-se surdo, contra práticas discursivas de colonizadores ouvintes. A inspiração do autor criou a poesia temática nesse conceito.

Autor escolheu a árvore, que é um símbolo da vida, como evolução de natureza. Ele faz um paralelo com o termo *Deafhood* para desconstruir a visão da pessoa surda como incapaz, com barreiras, com dificuldades, entre outros. O empoderamento da pessoa surda num processo de subjetividade positiva se apresenta com possibilidade de outra forma de vivência, apenas pela constatação de ser diferente dos outros, não deficiente.

Nas imagens 02 e 03, minha percepção afetiva é que o movimento da mão mostra uma raiz crescendo cada vez mais, com absorção de nutrientes para evoluir uma identidade fortalecida e fortificada, para ficar pronto e enfrentar os preconceitos da sociedade em nosso país brasileiro.

No final, nas imagens 06 e 07, o autor usou um exemplo maravilhoso: o umbigo representa o laço que me trouxe a minha memória afetiva da relação entre mãe e filho. Pode ser também outra pessoa adulta, como exemplo minha relação (eu) pai e (meu) filho. A imagem tem um vínculo muito especial, o filho precisa dos pais para sustentar com alimento, educar e dar amor. A maioria dos filhos sabe que quem vai cuidar deles são os pais. Isso é um paralelo com a comunidade surda, que promove um empoderamento da pessoa surda com os seus direitos, identidade, experiências culturais e língua de sinais.

Nesta poesia, traz à lembrança da minha infância, tinha 10 anos de idade quando tive o primeiro contato com a língua de sinais na escola Anne Sullivan em Campinas/SP, e desenvolveu a minha identidade e renasci nova pessoa surda com a Libras.

VERSÃO MINHA

Deafhood

Imagem 2- Narrador em Libras com fundo amarelo



Fonte: No canal Youtube do @claudiomourao

Deafhood nasceu o fruto uma árvore pequena com raiz grande absorção de nutrientes e elementos experiência culturais e sua própria língua.

A natureza de evolução de ser me identifica e a aliança o laço do movimento, a comunidade do povo surdo com a sua própria língua de sinais.

4.8.3. POESIA SURDA PARA SEMPRE

SINOPSE:

Em “Poesia Surda para Sempre”, os leitores, tanto surdos quanto ouvintes, são convidados a vivenciar os sentimentos enfrentados diariamente por uma pessoa surda no contexto social brasileiro. A protagonista, uma pessoa surda, descobre a presença do preconceito, passando por fases que vão desde o luto até a superação.

ANO DE PUBLICAÇÃO: 01 de maio de 2020

GÊNERO LITERÁRIO: Poesia

LINK: <https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU>

AUTOR: Rodrigo Custódio da Silva

IDIOMA: Língua Brasileira de Sinais

NÚMERO DE TEMPO VÍDEO: 2:59 min

Em “Poesia Surda para Sempre”, Rodrigo Custódio da Silva é poeta e também docente da UFSC. Sinalizando em Libras, a “Poesia Surda para Sempre” é uma inspiração que tem uma parte baseada na história da vida do autor. O poeta Rodrigo utiliza a sinalização como forma de arte, com movimento corporal e marcação do narrador e personagem, demonstrando sua preocupação com a própria estética.

O cenário de um ambiente audiovisual é um detalhe pequeno, mas crucial. A estética é completamente diferente anterior artista e poeta Mourão “Raízes Surdas”. O narrador em Libras está em frente a uma estante de livro e computador. A imagem muito colorida pode dificultar a concentração sobre o cenário do “*Deafhood*” especialmente com um fundo amarelo muito intenso, o que distrai a atenção, incluindo a descrição corporal e expressão facial.

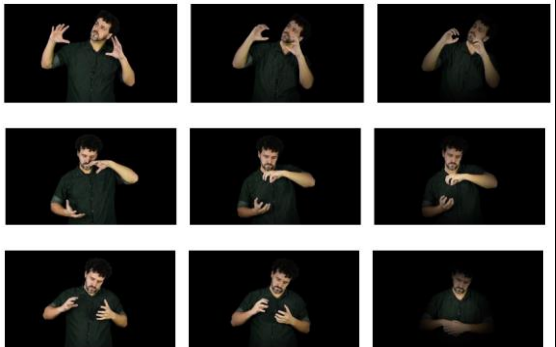
O ator/narrador Rodrigo preocupou com a sua estética, utilizando a cor preto mais foco na narrativa em Libras, onde a atenção é direcionada diretamente para o conteúdo, facilidade dimensão também transmissão eficaz da narrativa.

Tabela 7 - Leitura e análise linguística da "Poesia Surda para Sempre"

LEITURA	ANÁLISE LÍNGUÍSTICA
Imagem 01 	Parâmetros da Libras (descrição): Forma de coração batendo Significa: Representa a vida

Imagem 02 	Parâmetros da Libras (descrição): Forma de pulmão Significa: Representa a respiração
Imagem 03 	Parâmetros da Libras (descrição): Forma de coração batendo Significa: Circulação pulmonar
Imagem 04 	Parâmetros da Libras (descrição): Forma de olho abrir Significa: Abrir os olhos
Imagem 05 	Parâmetros da Libras (descrição): Visão Significa: Visão o mundo retorno
Imagem 06 	Parâmetros da Libras (descrição): Realidade Significa: Ver a realidade da vida
Imagem 07 	Parâmetros da Libras (descrição): forma de me olhar Significa: Olhando para mim como se eu fosse um estranho
Imagem 08 	Parâmetros da Libras (descrição): Angustiado, triste Significa: Estranho

Imagem 09 	Parâmetros da Libras (descrição): Voltou si mesmo Significa: Não quer ver a realidade da vida
Imagem 10 	Parâmetros da Libras (descrição): Oralismo Significa: Os surdos resistência oralismo
Imagem 11 	Parâmetros da Libras (descrição): Implante coclear Significa: Os surdos resistência Implante Coclear
Imagem 12 	Parâmetros da Libras (descrição): Invisível, oralizamos, Implante Coclear Significa: Ficou medo senti aproximar ouvinte como me ver invisível também os outros, oralismo e implante coclear.
Imagem 13 	Parâmetros da Libras (descrição): Cansado Significa: Muito cansado para resistência
Fonte: Imagem 14	Arte de Libras:

	Mãos Significa: Representante da língua brasileira de sinais – Libras incorporando fechando
Imagem 15 	Descrição: Predeu o sentimento Significa: Estou me afundando numa realidade cada vez mais sem nada
Imagem 16 	Libras: Pessoa, sujeito Significa: Apareceu sentimento
Imagem 17 	Parâmetros da Libras (Expressão facial): Sério Significa: Superação
Imagem 18 	Parâmetros da Libras (descrição): Pessoa, singularidade, humano Significa: Pessoa
Imagem 19	Libras:

		Surdo Significa: Pessoas que não ouve são surdos
		Libras: primeira imagem = poesia segundo imagem = sempre Significa: Poesia sempre

Imagem 20

Fonte: Elaborado pelo autor

4.8.3.1. SOBRE OS MEUS ENCONTROS AFECTOS

A “Poesia Surda para Sempre” é de uma complexidade extrema, principalmente devido aos sinais estéticos utilizados, como as imagens 02, 03, 04 e 05. Isso me deixou em reflexão, pois não consigo captar nem o significado nem o significante; eles sempre escapam ao meu pensamento. Esta experiência como autor é um tanto complexa e interessante, fazendo-me sentir fora da zona de conforto da linguagem.

Na imagem 03, há a repetição da mesma confirmação de mãos e movimento, mas com detalhes na expressão facial que são várias desde o início até o final. A expressão facial mostra tristeza de forma diferente, mais intensamente. Isso representa a memória do corpo da pessoa surda, mostrando as fases de mudança a cada momento que ocorreu, refletindo o impacto na vida dos surdos.

No segundo momento, nas imagens 07, 10 e 11, cada momento retrata o impacto que os surdos sentem no meio da sociedade, observando a comunidade surda como invisível. O oralismo e o Implante Coclear são representados como colonização das pessoas ouvintes. Este trecho trouxe à minha memória uma experiência pessoal: quando eu era criança, me senti muito excluído e acabei sendo ignorado, pois fui ensinado a falar devido ao desejo da minha família de que eu me vestir como uma pessoa ouvinte.

Na imagem 11, que trata do Implante Coclear, passei pelo processo de reabilitação de anomalias craniofaciais no Hospital da Universidade de São Paulo, no campus de Bauru/SP. Com a fonologia, tentou-se a proposta de minha mãe para que eu fizesse Implante Coclear. Isso mostra que o autor também passou por experiências semelhantes, evidenciando uma experiência comum no coletivo.

Na imagem 13, mostra a comunidade surda cansada de viver em resistência, lutando diariamente pelo direito linguístico, resistindo às posturas homogeneizantes. Na imagem 14, associado à Libras, essa resistência parece estar se intensificando cada vez mais. Por isso, a sociedade muitas vezes rotula a comunidade surda como nervosa, desconfiada e agressiva devido ao contexto contínuo de luta diária, o que acaba por afastar as pessoas ouvintes.

Cada fase, quase sempre, que os surdos atravessam de geração, envolve negação, uma reação natural de não ser aceita uma pessoa surda, devido ao desprezo da sociedade brasileira em relação à nossa forma de viver nesse contexto. O poder homogeneizante busca padronizar o seu território onde vivemos, e isso está associado à territorialização, como mostrado na imagem 16. Durante essa fase, começamos a nos sentiremos tristes e desanimados, afundando cada vez mais numa realidade sem esperança e sem interesse nas atividades que costumávamos desfrutar.

No final, nas imagens 17 até 21, há uma superação através da aceitação da realidade das pessoas surdas. Isso não significa que elas não sintam mais tristeza ou enfrentem dias difíceis, mas, sim, que estão começando a descobrir outra possibilidade de aceitação e a encontrar um novo sentido na vida leve. Por isso, é fundamental o papel da associação de surdos no empoderamento das pessoas surdas para viverem liberdade onde quiserem viver.

A “Poesia Surdo para Sempre” busca principalmente empoderar os leitores surdos, permitindo-lhes entender o que está acontecendo dentro da comunidade surda. O autor compartilha suas experiências vividas no contexto da vida de uma pessoa surda para ajudar pessoas surdas que se sentem inseguras ou estão passando pelo processo de luto ser surdas, mostrando que não estão sozinhas. Além disso, também tem o objetivo de auxiliar as pessoas não surdas a compreender o que o povo surdo está enfrentando, promovendo uma melhor compreensão e respeito pela diversidade. A linguagem é complexa, e eu mesmo tenho dificuldade em capturar a essência da linguagem do autor.

VERSÃO MINHA

POESIA SURDO PARA SEMPRE

Tum, Tum, coração batendo forte.
Puf, Puf, enchendo os pulmões da vida.
O delicado fluir da respiração.

Abrir os olhos para ver a beleza do mundo,
mas as pessoas me veem como se eu fosse
invisível, sinto o desprezo.

Decidi fechar os olhos e sentir o fluir da
minha respiração, E assim, redescobri a
visão.

Oralismo tentando me forçar a falar, persisto
na resistência, não me encaixo no molde que
a sociedade deseja.

Optei por fechar os olhos novamente e sentir
meu fôlego, cada vez mais difícil abrir que a
sociedade deseja.



Ouvintismo tentando me impor o Implante
Coclear, continua resistindo.

Volto a fechar os olhos para encontrar minha
respiração, mas desta vez abrir os olhos
tornou-se uma tarefa árdua.

Oralismo persiste, ouvintismo insiste. As
pessoas me veem como se eu fosse invisível.
Estou exausto da resistência que a sociedade
impõe.

A língua de sinais vai me transformando aos
poucos, moldando em mim uma nova
realidade, desfazendo o vazio.

De repente... Superação surge um sujeito,
sou surdo para sempre, transformando-me
em poesia...

Imagem 3 - Narrador em Libras com fundo preto

Fonte: No canal YouTube do @rodrigocustodio84

4.9. APLICAÇÃO DA PESQUISA

Neste subtítulo, explicamos como foi a aplicação da pesquisa. Houve dois momentos de análise. No primeiro momento, foram analisados os elementos nas três poesias a partir das seguintes categorias: (1) Língua Menor, (2) Ramificação Política, e (3) Valor Coletivo, para defender essas produções surdas em Libras como uma Literatura Menor.

Em um segundo momento, quatro sujeitos surdos, fluentes em Libras e membros ativos do movimento e da comunidade surda, responderam a entrevistas individuais. As entrevistas foram realizadas remotamente por meio do *Google Meet* e gravadas, com atenção focada exclusivamente

no entrevistado. Posteriormente, os vídeos foram analisados de forma mais profunda. Antes de realizar as entrevistas, foi necessário apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes, esclarecendo todas as suas dúvidas. As perguntas realizadas antes de apresentar os três vídeos selecionados foram:

- Você tem contato com a literatura? Quais?
- Já conhece a Literatura Surda? Onde você assistiu?

Essas questões têm como objetivo investigar se os participantes da pesquisa têm contato com a Literatura Surda. Os questionários realizados com os participantes da pesquisa estão expostos na tabela 02: a primeira coluna tem o nome da poesia e o tempo de duração de vídeo e a segundo coluna contém os questionamentos. Esses questionamentos são importantes porque são capazes de fornecer as bases para investigação de pesquisa.

Posteriormente, esses procedimentos pretenderam verificar a língua menor na presença de movimentos de desterritorialização com a linhas de fugas, o que caracteriza uma nova potencial da Literatura Surda como a Literatura Menor. Também construímos uma cartografia para identificar o movimento do pensamento rizomática da literatura. Com essa organização, torna-se mais fácil verificar pela cartografia a relação com o processo de subjetivação pensamento rizoma.

Tabela 8– Questionário para participação da pesquisa sobre as poesias

POESIA E TEMPO	QUESTIONÁRIO
Raízes Surdas 0:14	- O que você entendeu como mensagem da poesia? - Explique sobre o seu afeto? - O que você compreendeu das imagens 03, 04 e 05? - Conhece sinal na imagem 06? Explique. - Explique o que você achou a poesia? - A poesia tem relação com sua vida? - Qual o valor da poesia?
Deafhood 0:15	- O que você entendeu a mensagem da poesia? - Explique sobre o seu afeto? - O que você compreendeu das imagens 02 e 03?

	- Umbigo pode associar ao quê? Por que o umbigo até a árvore? - - Qual sua compreensão? - Explique sobre a poesia? - A poesia tem relação com sua vida? - Qual o valor coletivo da poesia?
Poesia Surdo para sempre 2:59	- O que você entendeu a mensagem da poesia? - Explique sobre o seu afecto? - O que você compreendeu das imagens 01, 02 e 03? - O que significa as imagens 04 e 05? - Explique sobre a poesia? - A poesia tem relação com sua vida? - Qual o valor coletivo da poesia?

Fonte: Elaborado pelo autor

A apresentação dos vídeos em Libras foi realizada através do *Google Meet* para que os participantes de pesquisa assistam à poesia. Utilizamos gravação na plataforma com captura tela do computador para registrar de maneira clara todas as respostas e o pesquisador seguiu o roteiro com as principais questões. Se necessário, podia complementar com outras perguntas.

Primeiramente, realizamos a leitura do TCLE, antes de iniciar um diálogo com perguntas sobre seus nomes, os sinais, e se eles têm contato a literatura. Quais? Se conhece a Literatura Surda, onde assistem. Em seguida, apresentamos uma poesia, depois, procedemos para as perguntas, para somente então apresentar o próximo vídeo.

Todas as respostas foram gravadas em vídeo e em outro momento, fizemos a tradução da Libras para o português escrito, assistindo trecho por trecho e escrevendo os enunciados dos participantes da pesquisa. No momento da leitura dos enunciados do participante, aproveitamos para incluir nossas observações sobre os enunciados dos participantes de pesquisa e como foram impactados e afetados, principalmente pela língua menor e também algumas considerações teóricas sobre o pensamento rizomática e os pontos são linhas dura, maleável e de fuga levantados. No próximo capítulo, foi feita a análise dos dados, bem como a discussão teórica sobre os achados da pesquisa.

Capítulo V

Análise e discussão dos resultados



5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Um conceito é como um tijolo.
Ele pode ser usado para construir um tribunal da razão.
Ou pode ser jogado através da janela”
(Deleuze, 2010, p. 54)

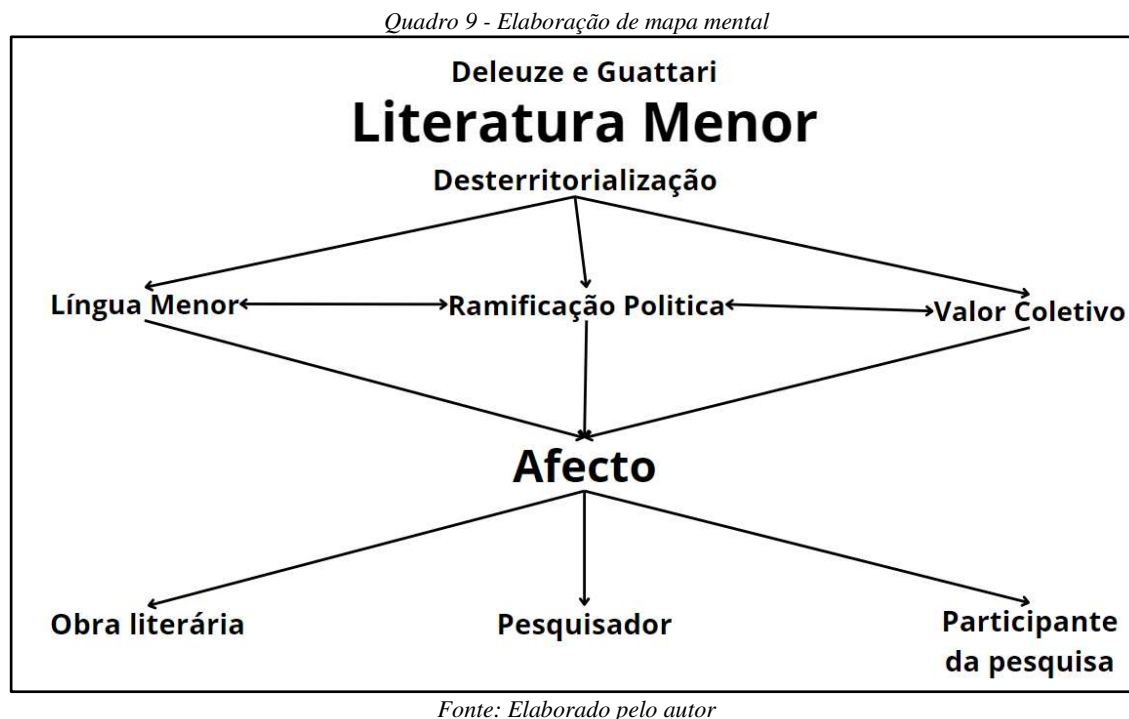
Aqui retomamos como ponto de partida a linha do **rizoma**, que norteia os objetivos desta pesquisa: realizar uma análise cartográfica das ações da **língua menor** na Literatura Surda como um ato de criação. Defende-se a noção de **minoração da linguagem** como uma potência criativa, essencial para a construção de uma **literatura menor**, que é produzida na e pela língua de sinais, reconhecida como uma **língua menor**.

Nos capítulos anteriores, apresentamos o território de emergência das Literaturas Surdas e **as linhas duras** de sua composição como campo científico. A partir dos conceitos Filosóficos da Diferença, adotamos os saberes de Deleuze e Guattari para apresentar as criações que podem emergir em **territórios duros**, fraturando **linhas molares**, na perspectiva de atos de resistência e criação. Interessou-nos especificamente tomar a Literatura Surda como **território molar** e a partir dele, pensar em atravessamentos **moleculares** e **linhas de fuga** criativas que, em algumas produções, e dada a presença da **língua menor**, potencializam novas produções literárias menores.

O estudo promove a descrição dos elementos característicos da **sinalização menor** a partir dos **afectos** dos participantes colaboradores nesta pesquisa, a partir da perspectiva de Deleuze e Guattari (2011). A Literatura Surda em Libras, quando atravessada pela “**língua menor**”, promove atos de criação no sujeito, pela multiplicidade de sentidos. Detalhamos os movimentos aqui apresentados em uma **sinalização menor**, abordados na ação do movimento da língua e de sua estruturação gramatical como agente de modificações por meio de múltiplas conexões.

Destacamos a movimentação em três elementos em seu movimento de 1. a **desterritorialização da linguagem**, 2. a **Ramificação política** e 3. o **Valor coletivo**. Propõe-se apresentar a organização de um mapa mental com o objetivo de facilitar a leitura e promover a

identificação do movimento de leitura de cada **afecto** pelo pesquisador, conforme indicado no Quadro 9.



Primeiro, é necessário compreender o que o termo '**menor**' significa para o prisma deleuziano. Conforme Viana (2022, p. 457), “a variante **menor** é uma ferramenta de **minoração** da linguagem que intervém na produção, circulação e recepção de imagens e textos em diferentes práticas sociais”. Assim, as práticas sociais, principalmente relacionadas à língua que produz a literatura, são centrais. Entende-se que os princípios que envolvem a língua, a política e o **valor coletivo**, como elementos de uma **minoração da linguagem**, caracterizam a **literatura menor**. Esse **processo de minoração**, por sua vez, está relacionado ao movimento de **desterritorialização da maioria**.

Isso indica que um dos aspectos principais da **desterritorialização** é o uso de uma língua majoritária de maneira inovadora, distanciando-a de seu contexto habitual para expressar as experiências de um grupo marginalizado. Esse processo está intrinsecamente ligado à política, funcionando como um meio de expressão de resistência e luta, além de refletir as preocupações e a identidade coletiva de um grupo, em vez de indivíduos isolados.

Neste capítulo de análise cartográfica, como pesquisador, direcionei as linhas de encontro entre **afecto** como um efeito agir/reação, influenciado pelos diversos elementos e simbolizando as trocas emocionais, as intensidades e as interações afectivas envolvidas tanto na criação literária quanto em sua análise e recepção. Essas conexões se estabelecem entre a obra literária, o pesquisador e os participantes da pesquisa, permitindo que os leitores identifiquem os diferentes **afectos** presentes na leitura.

Nesse momento, passamos para as análises dos dados da pesquisa a partir das manifestações da uma ***sinalização menor em Libras*** e dos **afectos** produzidos dentro da Literatura Surda. Buscamos estabelecer conexões entre as experiências prévias dos participantes da pesquisa e o conceito de Textualidade Diferida (Peluso, 2019; 2020), que segundo o autor, é a instância que materializa as enunciações discursivas e que se dão por duas vias, ou pela representação gráfica ou pela gravação. Dada a modalidade da Libras, adotamos o registro como materialidade de produção e disseminação das Literaturas Surdas. Pelo registro videogravado selecionamos o gênero literário abordado, que produções literárias poéticas, para analisar o funcionamento linguístico-político e os processos de singularizações que tais produções promovem em pessoas surdas, selecionados como participantes deste estudo.

Os três movimentos (**Desterritorialização**: língua, política e **valor coletivo**), aqui apresentados, foram analisados como uma obra literária pela versão do pesquisador e os **afectos** dos participantes da pesquisa, juntamente com as metodologias adotadas ao longo da investigação. Essas análises integradas a partir da percepção do pesquisador e dos participantes foram ações percorridas a partir da compreensão de que, no contexto do pensamento acerca da multiplicidade, é impossível estabelecer uma identificação ou fixação definitivas para os **afectos** que decorrem da relação poesia + sujeito.

Diante disso, entendemos esse processo como produto da **desterritorialização**, movimento que sempre implica uma mudança, ou seja, trata-se de um movimento ou ação que traz uma transformação e que se manifesta como uma linha de (des)continuidade movidos pelo encontro com determinados signos produtores de um **agenciamento** criador que opera na divisão de linhas molares em moleculares e nas denominadas **linhas de fuga**.

Pela cartografia, entendo que o exercício do cartógrafo, nesse contexto, é observar e registrar cada processo que emerge dos movimentos. Escrever torna-se uma forma de documentar esses movimentos, sempre atento à sinalização dos **afectos**, que, cuidadosamente, perpassam, fazem pausas e oferecem observações ao longo do percurso. Para Passos e Barros (2014, p. 18), “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio”.

Na perspectiva aqui adotada, o campo da **Literatura Surda** abrange produções que fazem parte do universo surdo, destacando a presença de pessoas surdas, sua língua, questões político-identitárias e marcadores culturais específicos. Esse campo explora uma diversidade de temas relacionados aos direitos linguísticos das pessoas surdas, especialmente no que se refere à Língua de Sinais, além de questões político-identitárias e linguísticas. Essas variações permitem experimentações que enriquecem e ampliam as possibilidades expressivas e artísticas no contexto dos processos criativos.

No entanto, defendo que, no âmbito da criação, as resistências surdas geram **linhas de fuga** e promovem processos criativos na produção literária, agenciando a potência da **minoração**. Nesse sentido, a Literatura Surda, ao ser registrada por meio de videograções pode manifestar um processo de **desterritorialização linguística**, conforme o conceito de **Deleuze e Guattari (2011)**, ao romper com as estruturas da língua majoritária oral e ao romper com os sentidos pré-estabelecidos de uma gramatologia universalizante, estruturada pela linguagem.

Esse rompimento se dá não apenas pela escolha da Língua de Sinais, mas também pela forma como a própria narrativa é construída e exibida. Nesse ponto, o conceito de **Textualidade Diferida**, de Peluso (2022), torna-se relevante, uma vez que a videogração em Língua de Sinais permite a resignificação do conteúdo textual por meio da interação entre tempo e espaço. Isso oferece uma nova dimensão de compreensão da **língua menor**, que se manifesta por meio da **sinalização menor** e performática.

Além disso, acredito que há uma outra possibilidade de articulação da **linha de fuga** em relação às estruturas convencionais de textualidade produzida por línguas orais: a representação gráfica que, para a língua de sinais, ganha outra materialidade tecnológica pelo registro videogravado. A Textualidade Diferida, ao romper com a textualidade tradicional, revela uma nova

perspectiva e uma nova política linguística da Língua de Sinais, proporcionando uma forma inovadora de expressão.

Nesse contexto, **Martins, Lopes e Nichols (2024 – no prelo)** defendem que a Textualidade Diferida, possibilitada pelo uso da videogravação em Libras, é uma tecnologia que respeita os aspectos linguísticos e culturais dos surdos. Esses autores destacam que o uso da Libras, ao escapar das convenções da língua portuguesa, funciona como um agente de diferença em relação ao padrão. Além disso, a videogravação em Libras se coloca como uma ferramenta essencial para o registro literário e por ela, a criação de **linhas de fuga**.

Peluso (2023), em seus estudos, não adota a perspectiva da Filosofia da Diferença, mas possibilita a ampliação das formas de manuseio do texto em Libras, considerando a videogravação como texto e como registro em todas as suas dimensões. Nesse sentido, ao destacar a importância do registro como produção discursiva que separa o autor do momento de sua enunciação, permite-se a valorização da Língua de Sinais porque são promovidas técnicas de registro equitativas para línguas não majoritárias, como as línguas de sinais.

A trajetória dos estudos realizados por Peluso (2023) discute alguns dos resultados do Programa de Pesquisa/Extensão denominado Textualidade Registrada em Língua de Sinais Uruguiaia – TRELSU. O programa tem como objetivo estudar a nova Textualidade Diferida, realizada por meio de registros visuais na LSU. Conforme mencionado anteriormente, o primeiro processo de **desterritorialização** encontra um novo agenciamento, caracterizado pela multiplicidade de sentidos. A Textualidade Diferida é considerada fundamental para a Literatura Surda, uma vez que as produções literárias na comunidade surda, em sua maioria, são elaboradas por meio de videogravações em sua própria língua de sinais, uma língua visual que utiliza suporte tecnológico. Há também experiências de trabalho na área da Literatura Surda que corroboram essa perspectiva.

Segundo Peluso (2021, 2023, 2024), a Textualidade Diferida é definida como aquela dirigida por uma tecnologia da língua, como a escrita ou as gravações de áudio e vídeo. Essa direção tecnológica separa o texto de sua enunciação original, permitindo que ele seja registrado, analisado e revisitado. Quando artistas e poetas produzem textos por meio de videogravações, esses registros capturam de forma mais direta elementos gestuais que propiciam a visualidade. No entanto,

observa-se que as figuras (03, 04 e 05) anteriores revelam uma relação entre estilo e estética na Textualidade Diferida, que pode ser compreendida como sendo influenciada pela tecnologia, resultando em um dinamismo visualmente impactante. Assim, percebe-se a interação entre estilo, estética e Textualidade Diferida.

Na Textualidade Diferida, o estilo pode ser moldado pela necessidade de adaptação aos meios de escrita, vídeo e áudio. As possibilidades oferecidas por cada tecnologia permitem associar a um estilo mais formal e estruturado para garantir clareza e permanência. Por outro lado, nos registros por videogravação, é possível explorar um estilo mais dinâmico e visualmente impactante. Como exemplo disso, pode-se observar a função da extralinguagem pelos elementos visuais que compõem o cenário do espaço de enunciação discursiva.

Para dar visibilidade a esses elementos, proponho a realização de uma análise da Textualidade Diferida no registro das poesias de Mourão, renomado artista. A observação pode ser feita nas imagens apresentadas a seguir das duas poesias selecionadas:

Figura 3 - Poesia "Raízes Surdas" (2015)



Figura 4 - Poesia "Deafhood" (2015)



Fonte: No canal YouTube do @claudiomourao

Na Figura 03, observa-se um artista/poeta/ator em pé, usando óculos e vestindo uma blusa vermelha sobre uma camiseta azul. Ele parece estar em um escritório doméstico, com prateleiras ao fundo repletas de livros e objetos variados, que sugerem um ambiente intelectual e de estudo. À esquerda da imagem, destaca-se um quadro colorido que exibe várias formas do alfabeto manual em Libras, um elemento que reforça a temática linguística e educacional do espaço. À direita, nota-se uma mesa sobre a qual repousa um monitor de computador, indicando que o ambiente pode ser utilizado para atividades acadêmicas ou de trabalho.

Na Figura 04, observa-se o mesmo artista/poeta/ator em pé contra um fundo amarelo sólido. Ele continua usando óculos, mas desta vez, veste uma camiseta cinza com mangas pretas. A expressão do autor é neutra, e a iluminação uniforme cria um contraste bem definido entre sua roupa e o fundo amarelo. Ao contrário da primeira figura, esta não apresenta objetos ou outros elementos visuais que contextualizem o espaço, dando ênfase à simplicidade e ao foco exclusivo na figura humana. Observa-se a descrição da figura na terceira poesia do artista.

Figura 5 - "Poesia surda para sempre" (2020)



Fonte: No canal Youtube do @rodrigocustodio84

Na Figura 05, observa-se o artista/poeta/ator em pé contra um fundo completamente preto. Ele possui cabelo curto e cacheado, além de barba cheia. O autor está vestindo uma camisa de manga longa jeans escura, com as mangas dobradas até os cotovelos, e apresenta uma expressão facial neutra, quase séria, olhando diretamente para a câmera. A iluminação é direcionada, destacando apenas o autor e deixando o fundo em total escuridão, o que pode sugerir que o foco está inteiramente nele durante a realização da enunciação.

Ao comparar as três figuras, observa-se diferenças marcantes tanto no ambiente quanto na aparência artista/poeta/ator, especialmente no que diz respeito ao fundo. A primeira figura (Figura 03) sugere um cenário interno, ricamente decorado com livros, objetos pessoais e um quadro com o alfabeto manual em Libras, criando uma atmosfera intelectual associada à pesquisa e ao ensino. A segunda figura (Figura 04), por sua vez, apresenta um fundo de cor sólida, sem a presença de qualquer objeto, o que pode indicar um ambiente mais minimalista, possivelmente voltado para a comunicação direta, como em uma demonstração de sinais em vídeo. A última figura (Figura 05),

semelhantemente à segunda, exibe um fundo preto, também sem a presença de objetos, com o foco voltado para a enunciação em Libras.

Quando retomamos os estudos da Textualidade Diferida, consideramos que as produções apresentadas pelos autores das poesias registradas pelas Figuras 03, 04 e 05, se materializam para o leitor por meio de uma videogravação. No momento de sua produção, o artista/poeta/ator tem controle e planejamento tanto do estilo e estética quanto da Textualidade Diferida. Há o entendimento de que o autor pode “manipular”, escolher como o texto será apresentado, refletindo sobre como será recebido e interpretado. Esse processo de controle para o ajuste e a precisão do estilo e da estética é elemento de manuseio do autor para garantir que a produção enunciativa possa gerar sentidos ao outro (idealizado).

Por essa razão, defende-se o uso dessa tecnologia para a produção, circulação e consumo da literatura surda como uma Textualidade Diferida, pois há uma separação entre o texto e esse elemento importante da metalinguagem e da metacognição. Um detalhe que ainda não foi aprofundado são os recursos da extralinguagem que podem afetar o processo de multiplicidade de sentidos, especialmente quando adotamos a produção subjetiva a partir da filosofia da diferença. ***Primeiro encontro afecto identificado: desterritorialização*** da gramaticalização, que está principalmente ligada à fuga das normas de textualidade.

No entanto, ao adotar a **videogravação** como materialidade da Textualidade Diferida, o estudo prossegue, abordando o meu ***segundo encontro afecto identificado: desterritorialização na linguagem***, sendo ela necessária e que permitiu ampliar as discussões sobre a ***sinalização menor*** como **língua menor** na Literatura Surda.

Apresentamos o artista/poeta/ator da videogravação “Poesia Surda para Sempre”, de Rodrigo Custódio, na qual foram encontrados sinais em Libras que demonstram a ***sinalização menor***. Trouxeram e descreveram os elementos da **língua menor**. No entanto, esse poeta, mais próximo da linha de fuga, em alguns momentos, acaba por se tornar processo de **minoração**, retornando posteriormente à linha molar.

Primeiramente, identifico e aponto a **desterritorialização da linguagem**, conforme ilustrado na Figura 06. Esse processo é denominado 'linha de fuga', pois demonstra uma ruptura com as estruturas tradicionais da língua de sinais, criando novas possibilidades.

Figura 6 - Recorte a "Poesia surda para sempre" de Rodrigo Custódio



Fonte: Elaborado pelo autor

Na Figura 06, que tem três frames, há a repetição da mesma configuração de mãos e movimento, com um detalhe importante na expressão facial, que varia do início ao fim da poesia. A expressão facial final revela tristeza de maneira diferente, mais intensa. Isso representa a memória corporal da pessoa surda, que passa por fases de mudança a cada momento vivido. No primeiro frame, observa-se as duas mãos fechadas em punho, uma sobre a outra, no espaço neutro. No segundo frame, uma das mãos é aberta em movimento, e, no último frame, as duas mãos retornam à posição fechada em punho, repetida três vezes.

Na minha interpretação da poesia em *sinalização menor* na Figura 06, o gesto de mãos fechadas em punho pode carregar um simbolismo denso, geralmente relacionado à contenção emocional, como a retenção de sentimentos dolorosos ou uma tentativa de controlar emoções profundas. Esse gesto, em Libras, evoca a ideia de segurar ou reprimir algo, como mágoa, tristeza ou frustração, que permanece guardado internamente, sem ser expresso diretamente. Ao observar esse gesto repetido na poesia, fica claro que ele não é apenas uma ação isolada, mas sim uma metáfora visual que reflete o estado emocional da pessoa surda, vinculando o corpo à experiência emocional.

Nesse momento, faço a articulação da *língua menor* e do ato de criação em deleuze-guattarineano articulando com o conceito da experiência do processo transcriativo de Haroldo de Campos (2006; 2010; 2013). Faço essa reflexão a partir de um artigo que analisa o poema “Deficiência”, de Carvalho. Essa análise foi produzida por Nascimento, Martins, Segala (2017) que discorrem sobre alguns dos elementos da transcrição de Campos. Os autores, a partir da perspectiva da transcrição, questionam o caráter de fidelidade da tradução, apontando a presença do tradutor e intérprete na composição de discursos mobilizados de uma língua para outra. Sobre

isso, apontam que a ideia da neutralidade da tradução é uma falácia porque pressupõe um sujeito ‘nulo’ do processo tradutório.

Ao discutir o processo de neutralidade na tradução, é relevante observar como certas concepções teóricas moldam as expectativas em torno do trabalho tradutório. No caso de concepções que envolvem a fidelidade e a literalidade, essas impõem uma visão restrita da tradução, frequentemente vista como uma modificação do texto original. De acordo com Campos (2010), a tradução está sempre.

ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência da tradução a um presumido “significado transcendental” do original) – ideia que subjaz a definições usuais, mais “neutras” (tradução “literal”), ou mais pejorativas (tradução “servil”), da operação tradutora (CAMPOS, 2010, p. 79).

Segundo Nascimento, Martins e Segala (2017), ao abordar a tradução de poesias, Haroldo de Campos trouxe uma nova visão sobre o papel do tradutor, que vai além de simplesmente transpor o texto de uma língua para outra. O tradutor, nesse contexto, também assume um papel criativo, participando do processo de criação e tornando-se, de certa forma, coautor da obra traduzida.

Pela premissa da transcrição, no segundo frame, o movimento de abertura de uma das mãos introduz uma mudança significativa. A abertura da mão pode simbolizar uma liberação parcial ou momentânea dessas emoções contidas. Além disso, o movimento sugere a introdução de um ritmo visual dentro da narrativa poética, criando uma fluidez que pode ser associada ao tempo ou à progressão de uma jornada emocional. Em termos estruturais, essa abertura representa uma ruptura, um breve escape do controle rígido que o gesto inicial de punhos fechados estabelece. O movimento também enfatiza o dinamismo interno da língua de sinais, que não é apenas uma questão de comunicação verbal, mas também uma linguagem profundamente visual e rítmica, refletindo camadas de tempo e significado.

Segundo Nascimento, Martins e Segala (2017) a produção poética opera mobilizações na língua e o sujeito, imersa nesse gênero, e vai sendo narrada e emergindo nesse espaço que, com base em Haroldo de Campos, menciona ser transcriativo. A transcrição do poema²² enfrentou dois desafios principais: primeiro, a dificuldade de construir o sentido de um texto poético mantendo a

²² A videogravação desse poema foi apresentada na abertura do evento no “I Colóquio Língua, Discurso e Poder: as línguas de sinais nos estudos da linguagem” realizado pelo Grupo de Estudo Discursivos da Língua de Sinais - GEDiLS na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

autoria imanente do autor original, mesmo dentro da estrutura monológica do gênero. Segundo: o fato de as línguas envolvidas serem de modalidades diferentes, o que, além dos efeitos linguísticos e discursivos, trouxe à tona a visibilidade empírica do tradutor no processo de recepção e circulação da obra.

Nascimento, Martins e Segala (2017), ao considerar o tradutor como transcriador, a tradução deixa de ser apenas um ato técnico e se torna uma prática criativa, permitindo que o texto original ganhe nova vida em outro “código linguístico”. No caso da tradução de poesias de uma língua oral-auditiva para uma língua gesto-visual, essa prática possibilita a criação de novas formas poéticas e estéticas, inerentes à modalidade da língua de sinais, destacando a natureza criativa e inventiva do processo tradutório.

Essa caracterização do gênero é possível de ser verificada pela análise que tenho feito, sobretudo ao propor a interpretação poética minha e dos participantes. Há nesse processo a presença subjetiva que, mobilizada pelos **afectos**, prolifera leituras possíveis a partir do desejo e das conexões que os sujeitos trazem. No entanto, nota-se um algo mais, um proliferar de sentidos que fratura o sentido ‘duro’ e o significado ‘padrão’ de determinados signos arbitrários.

Nesse sentido, seguindo a análise da Figura 6, essa progressão do gesto de punhos fechados para a mão aberta também pode representar a transformação ou oscilação entre momentos de contenção e de liberação emocional, criando um contraste visual que reforça a narrativa poética. Em Libras, essa transição visual entre formas e movimentos funciona como uma ferramenta poderosa para evocar sentimentos complexos e expressar de maneira singular o fluxo do tempo, das emoções e das experiências vividas.

Terceiro encontro afecto identificado: a comparação das interpretações dos participantes revela diferentes perspectivas sobre os mesmos elementos da videogravação da obra analisada. Cada participante foca em aspectos diferentes, trazendo sua própria compreensão dos sinais e suas metáforas. Interessante trazer os pontos diferentes, portanto vejamos os quatro participantes de entrevista:

Quadro 10 - Entrevista os participantes

PI – Acho que traz muito a ideia do bebê como tinha dito no começo, e esse bebê vai se desenvolvendo, vai crescendo e vai criando a sua história e essa história vai se esbarrando com diversas barreiras ao decorrer de sua vida. E esse sinal [Sinalização] é
--

como se fosse uma nova vida, um novo pulsar, por mais que ele encontre ainda desafios de solidão, educação ruim, mas ele persiste em trilhar o seu caminho e no final ele consegue de fato conseguir e vencer e ter um posicionamento e defesa de sua língua, através da língua.

[Sinalização]



PII – Significa a vida, uma gravidez. Acho que são três coisas e em três momentos [Sinalização1] esse primeiro momento que parece os espermatozoides chegando até o útero da mãe; [Sinalização2] o segundo momento que parece ser o desenvolvimento daquele feto; [Sinalização3] e o terceiro momento que é o nascimento e o crescimento da criança de fato.

[Sinalização1]



[Sinalização 2]



[Sinalização 3]



PIII - Acho que são sinais que trabalham bastante o visual, a visualidade de fato. Então, por exemplo, quando a gente vê uma pessoa boa, essa pessoa nos traz uma chama forte dentro da gente, palpitações positivas. O contrário de quando a gente vê uma pessoa que a gente não tem tanta relação, não tem tanto afeto, ou uma pessoa que a gente não

gosta mesmo. É diferente, parece que é um movimento de pulsão fraco, um sentimento e uma expressão de tristeza, e agora se a gente vai criando uma relação com essas pessoas, perguntando como é o dia a dia. A gente vai criando outras energias, a gente vai se sentindo bem, sentindo feliz, sentindo leve.

PIV -Significa os sentimentos. Eu penso que são falas sobre os sentimentos. E é uma forma de imposição, de não querer o que está sendo trazido, é um sentimento do nosso corpo que está dentro da gente. Então, poderia fazer o coração, quando o coração não é só relacionado ao amor, tem outras coisas também. Então, é uma forma de luta, a intensidade que ele traz para os sinais quando ele aumenta, quando ele diminui, tem uma relação direta com o que está sendo dito. Então, para mim é uma forma de luta.

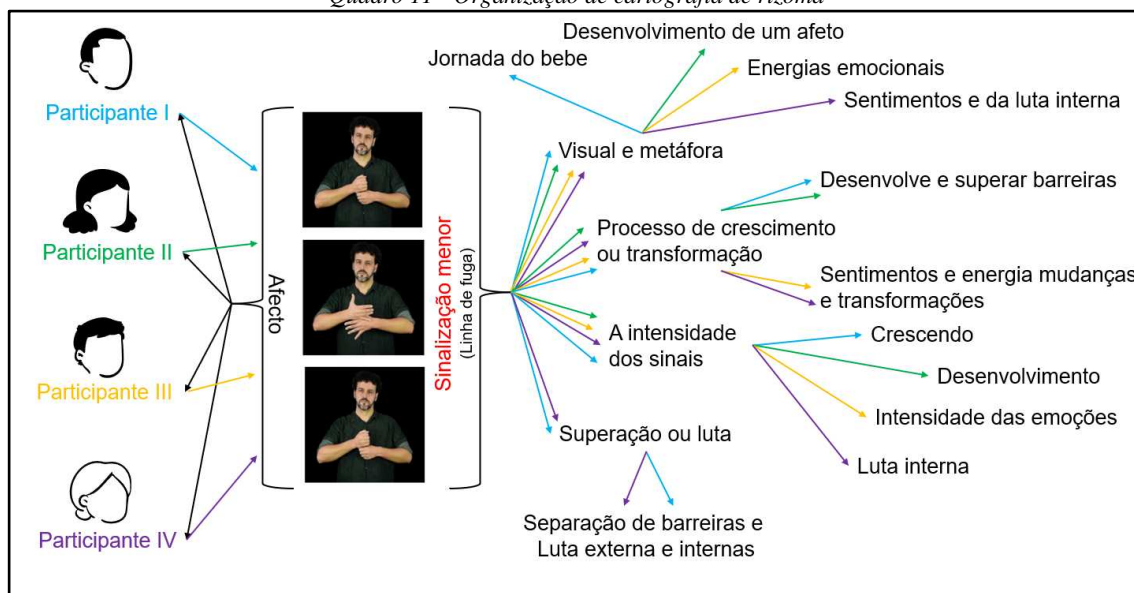
Fonte: Elaborado pelo autor

A cartografia dos dados coletados, a partir das entrevistas e obra literária de Rodrigo, revela uma ampliação de sentidos que cada participante traz a partir de suas posições-sujeito no discurso do outro que o provoca a pensar. É sem dúvida, uma rica sinalização poética, a meu ver, uma *sinalização menor* potencializada por uma *língua menor* que **agencia** sentidos múltiplos pelo impacto do **afecto**, numa dimensão **rizomática**.

A partir quadro abaixo, mostramos como os **rizomas** identificados pelos seguintes eixos:

1. Visualidade e metáforas, 2. Processo de crescimento ou transformação, 3. Intensidade dos sinais e 4. Superação ou luta.

Quadro 11 - Organização de cartografia de rizoma



Fonte: Elaborado pelo autor

Esses eixos temáticos se entrelaçam, criando uma rede complexa de significados que ilustram a experiência dos participantes em relação à *sinalização menor* e ao *afecto*. Seguimos a análise de modo mais detalhado:

1. **Visual e metáfora:** Todos os participantes interpretam a língua de sinais para representar algo visualmente. Seja a jornada do bebê (PI), o desenvolvimento de um feto (PII), as energias emocionais (PIII) ou a expressão dos sentimentos e da luta interna (PIV), eles compartilham a compreensão de que a língua de sinais opera com imagens visuais impactantes para transmitir significados complexos.
2. **Processo de crescimento ou transformação:** PI e PII abordam diretamente processos de crescimento (o bebê que se desenvolve e supera barreiras, o feto que se transforma em criança). PIII e PIV, embora mais focados nos sentimentos e nas energias, também tratam de mudanças e transformações, como a criação de novas energias nas relações (PIII) e a luta emocional que varia em intensidade (PIV).
3. **A intensidade dos sinais:** Outro ponto comum é a ideia de que os sinais não são estáticos; eles aumentam ou diminuem em intensidade conforme o que está sendo representado. PI aborda o bebê crescendo e encontrando um lugar de afirmação; PII descreve o desenvolvimento desde a fecundação até o nascimento; PIII menciona

como a intensidade das emoções varia com base nas interações interpessoais, e PIV discute a luta interna expressa pela variação na intensidade dos sinais.

4. **Superação ou luta:** Embora com abordagens diferentes, PI e PIV tratam da superação de barreiras e da luta, seja uma luta externa (desafios como educação e solidão) ou interna (sentimentos, resistência emocional). Ambos destacam a resistência e a persistência como temas centrais.

A análise sugere que a *sinalização menor* não apenas comunica, mas também atua como produção de novos sentidos, a partir de uma **língua menor**, funcionando como um meio de construção de **linhas de fuga**, revelando a riqueza não linear das experiências humanas dentro da comunidade surda. Dessa forma, essa linguagem transcende os limites convencionais, abrindo novos caminhos para a expressão e a criação de sentido.

Adentrando uma nova perspectiva, as produções das videogravações analisadas revelam uma clara presença da **desterritorialização da linguagem**, o que corresponde ao *quarto encontro afecto identificado*, especialmente na poesia “Raízes Surdas” de Mourão, discutida a seguir. Essa análise destaca como a *sinalização menor* se tornou uma fonte de inspiração poética, artística e criativa. A ruptura com as estruturas convencionais de lexicalização, presente nos vídeos de Mourão, reflete uma potência rizomática, como indicado pelas observações realizadas ao longo de nossa análise.

Figura 7 - Recorte da poesia do Mourão



Fonte: Recorte da poesia disponibilidade pelo canal YouTube do @claudiomourão

Na Figura 07, o enunciado produzido por Mourão é observado em 5 frames sequenciais de movimento. O artista/poeta levanta a configuração das mãos com o dedo indicador, realizando um movimento de baixo para cima, enquanto mantém uma expressão facial concentrada voltada para a câmera. Ao longo da sequência, há pouca variação na expressão, sugerindo que ele está focado no gesto do dedo indicador com expressão facial de estranhamento.

No entanto, o uso do dedo indicador não implica que esse sinal possua um valor lexical fixo. O artista/poeta emprega um enunciado mais descritivo e visual, conforme pode ser observado na figura. Esse sinal pode representar diversas entidades, como uma pessoa, um animal ou até mesmo elementos da natureza. Na gramática tradicional, esse recurso linguístico é classificado como um "classificador de entidade" do discurso. "Supalla (1986) afirma que os classificadores são utilizados em verbos de movimento (VM) e de localização (VL), sendo que cada um dos parâmetros básicos usados nesses verbos é um morfema". (Bernardino, 2012, p. 253)

Esse tema tem sido objeto de estudo na Libras há muitos anos, com contribuições relevantes de autores brasileiros como Ferreira-Brito (1995), Felipe (2002), Quadros e Karnopp (2004), entre outros, que desempenharam um papel pioneiro nessa área de pesquisa. Em suas revisões da literatura sobre classificadores em Libras, argumenta-se que as limitações cognitivas e discursivas tornam o uso dos classificadores na língua de sinais um tema desafiador.

Silva (2014), seguindo a proposta de Clark (1996), reconhece que os processos descritos por Kendon estão associados às estratégias de demonstração e descrição. Para Clark, é importante esclarecer os conceitos de descrição, indicação e demonstração:

As pessoas podem, por exemplo, fazer uma descrição de algo, como um peixe, usando a palavra 'peixe'; podem indicar um determinado peixe apontando para ele; ou podem demonstrar o tamanho do peixe mantendo as mãos, palma a palma, afastadas uma da outra em frente ao peito. (Silva, 2014, p.3)

Silva (2014) acredita que esses três aspectos se integram na elaboração dos discursos, principalmente por meio da enunciação, juntamente com os elementos que se manifestam no uso da língua em contextos comunicativos diversos.

As demonstrações usadas durante as histórias vêm acompanhadas de descrições (entendidas, de forma geral, como o uso de itens linguísticos convencionais) e de indicações (o uso de índices variados: apontamentos manuais, direcionamento do olhar, posicionamento do corpo, entre outros) (Silva, 2014, p. 3).

Silva (2014) também argumenta que a demonstração é uma estratégia cognitiva e discursiva que utiliza elementos do espaço de enunciação, como o corpo do sinalizador e o espaço ao redor, para representar ironicamente aspectos sensoriais de um referente. No entanto, em nossa abordagem filosófica da diferença, esse uso característico das línguas de sinais pode ser

considerado como parte de uma *sinalização menor*, uma característica de uma "língua menor", o que permite uma multiplicidade de interpretações.

Pausando para observação, na Figura 07, o círculo marcado em vermelho destaca elementos que podem representar diferentes aspectos. Ao relembrar o título "Raízes Surdas" da poesia, é importante notar que o termo "raiz" pode ter diversos significados, dependendo do contexto em que é utilizado. Ele pode estar relacionado a conceitos como origem, conexão, fundamento e persistência. Assim, ao associar essa configuração das mãos à Imagem 4 (logo abaixo) de uma árvore nascendo da terra, podemos explorar essas conexões de forma mais profunda:

Imagem 4 - Ciclo de crescimento do laranja



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL-E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

A Figura 07 apresenta cinco quadros de um artista/poeta/ator realizando uma sinalização poética. Parece que ao desterritorializar o sentido gramatical convencionado para o sinal indicado pelo dedo polegar, há uma promoção de uma *sinalização menor*. A impressão que se tem é de não saber a qual palavra recorrer na língua para fixar o sentido, gerando uma sensação de abertura e, ao mesmo tempo, mobilizando o desejo pela captura de um significante comum. Nesse processo, os sentidos parecem fluir e parecem ser produzidos pelas conexões singulares de cada sujeito. Em cada quadro, o sinalizador aparece em uma posição diferente, o que permite uma comparação com o crescimento de uma árvore em estágios distintos.

Já em relação ao *quinto encontro afecto identificado*, pode-se sugerir que esse processo ajuda a construir o conceito de “**ramificação política**” e “**valor coletivo**”. A partir disso, uma aproximação entre o crescimento da árvore e o desenvolvimento dessas ideias na pessoa surda poderia ser considerada.

Maciel Jr. e Lessa (2016, p. 155) comentam que "a literatura é uma prática de resistência, numa espécie de intervenção política do escritor criador, que inventa uma nova língua através de um uso minoritário da língua padrão". Parece que, a partir disso, Mourão, escritor e poeta, poderia estar utilizando essa *sinalização menor* de maneira criativa, talvez não seguindo as normas convencionais da Libras, mas explorando e inventando formas de expressão que desafiam o uso tradicional da língua.

Conforme Viana (2022), o conceito de "menor" parece referir-se a um processo de **minoração** da linguagem que desencadeia dois movimentos importantes na escrita (no caso da literatura surda, no registro): o de **desterritorialização** da maioria, num devir, e o de **reterritorialização** em um processo de novas sedimentações. Esse processo poderia não implicar um afastamento completo da maioria, sendo mais uma estratégia de **reterritorialização** para reivindicar direitos, reconhecer lutas e ocupar espaços públicos, ao mesmo tempo em que busca potencializar a linguagem e imaginar novos mundos.

Bogue (2011, p. 19) sugere que a **minoração** da linguagem poderia ser compreendida pelo modo como “os escritores menores fazem a língua gaguejar e tropeçar. Eles revelam uma língua estrangeira dentro de sua própria língua, provocando um desequilíbrio das forças sociopolíticas que permeiam a língua ‘adequada’ e que reforçam o status quo”.

A articulação desse conceito de **língua menor** pode ser observada em diferentes literaturas, como nos exemplos dos artistas e poetas Mourão e Rodrigo. Um recorte literário que parece interessante são as literaturas marginais e de grupos minoritários, como o exemplo de Franz Kafka, utilizado por Deleuze e Guattari (2017). Kafka, ao que tudo indica, utilizava o idioma de forma não convencional, escrevendo sobre a experiência de ser parte de uma minoria oprimida. Ao utilizar a língua dominante de forma subversiva, desrespeitando as estruturas literárias da língua “maior” (alemã), sua obra é considerada por muitos uma “**língua menor**”.

Outro exemplo possível é o da escritora Carolina Maria de Jesus, uma catadora de lixo em São Paulo, que publicou o livro *Quarto de Despejo*. Parece que ela utilizou a língua portuguesa para expressar as vivências e questões da comunidade negra no Brasil, trazendo um recorte narrativo próprio.

"Às oito e meia da noite, eu já estava na favela, respirando o odor dos excrementos que se mescla com o barro podre. Quando estou na cidade, tenho a impressão de que estou na sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela, tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo" (JESUS, 2014, p. 31).

Fernandez (2012) sugere que, ao dialogar com a perspectiva de Deleuze e Guattari (1977), a escrita de Carolina, independentemente de um projeto literário, passa por um processo de recriação que parece conectar diferentes códigos em uma única narrativa, permitindo novas percepções do mundo. Nesse processo, ao se **desterritorializar**, o sujeito criador pode se reterritorializar, trazendo o inesperado e criando conexões entre as diferenças, talvez expandindo o território fixo e estático por meio do desejo.

Na Figura 08, pode-se observar que a mão direita está levantada à altura do peito, com os dedos médio e polegar formando um círculo. A imagem pode simbolizar uma pequena muda de planta que emerge do solo, com um caule fino e algumas folhas verdes simples, sugerindo o início de um crescimento.

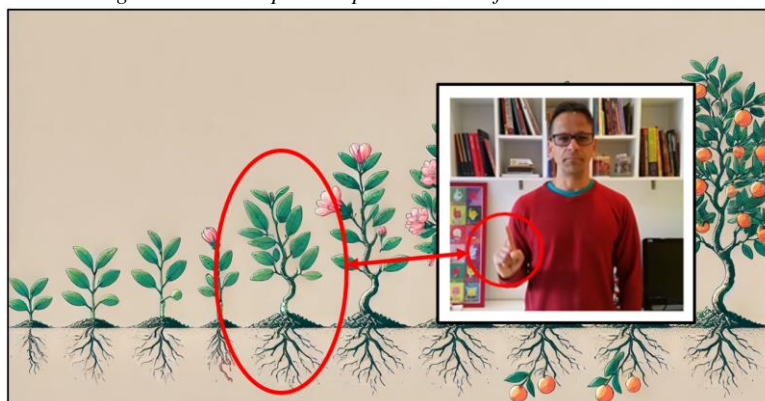
Figura 8 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento da laranja



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL-E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

Na Figura 09, a mão mantém o círculo formado pelos dedos médio e polegar, mas está mais elevada, próxima ao rosto. A muda cresceu e se transformou em um pequeno arbusto, com um caule mais espesso e várias folhas maiores, sugerindo o desenvolvimento contínuo.

Figura 9 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL-E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

Isso remete à minha versão apresentada no Capítulo III, na parte inicial da poesia, onde se observa uma aproximação entre o primeiro e o segundo quadro, apresento o seguinte trecho.

Quadro 12 - Minha versão da poesia "Raízes Surda" do Mourão

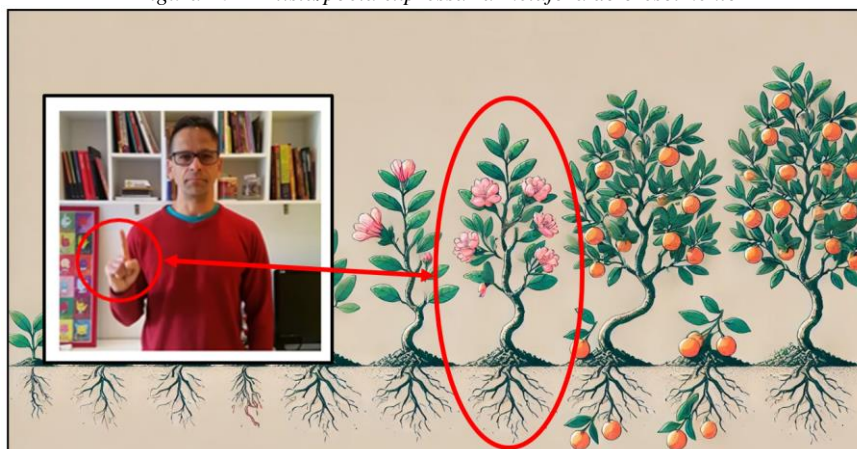
Chegou um estranho
Olhou-me como algo inútil
Deixou-me mergulhando na tristeza profundo

Fonte: Elaborado pelo autor

Sexto encontro afecto identificado: esse trecho da versão da poesia "Raízes Surdas" do artista/poeta Mourão pode simbolizar o início de uma conscientização política, na qual a experiência de ser visto como "inútil" ou marginalizado desperta a necessidade de ação e resistência. A chegada do "estranho" e a sensação de tristeza profunda representam o impacto da opressão e da exclusão, atuando como catalisadores para o surgimento de **ramificações políticas** dentro da comunidade surda. Assim como uma pequena árvore com seu caule simboliza o início dessas ramificações, a experiência compartilhada de opressão pode ser vista como o ponto de partida para a formação de uma identidade coletiva, quando as primeiras discussões e movimentos começam a criar raízes. Retoma-se, então, a análise do terceiro e quarto quadro.

Na Figura 10, a mão direita se move velozmente para cima, com o círculo formado pelos dedos ainda evidente. A planta se tornou uma jovem árvore, com um tronco mais robusto, vários galhos, folhas, e flores rosas, representando o estágio de floração.

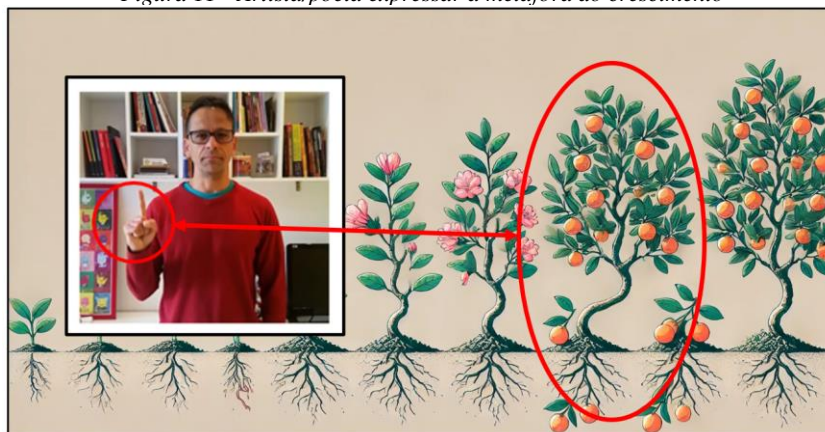
Figura 10 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL-E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

Na Figura 11, a mão está ainda mais elevada, com o círculo entre o polegar e o indicador ainda intacto. A árvore atingiu a maturidade, com um tronco grosso, galhos mais largos e folhas verdes. Além disso, a árvore está carregada de frutos laranjas, simbolizando a fase final de crescimento e produtividade. Procedemos com a comparação e a análise do trecho com base na versão elaborada pelo autor.

Figura 11 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL-E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

Em seguida, apresento minha versão da poesia “Raízes Surdas” de Mourão.

Quadro 13 Versão da minha poesia "Raízes Surdas" do artista/poeta Mourão

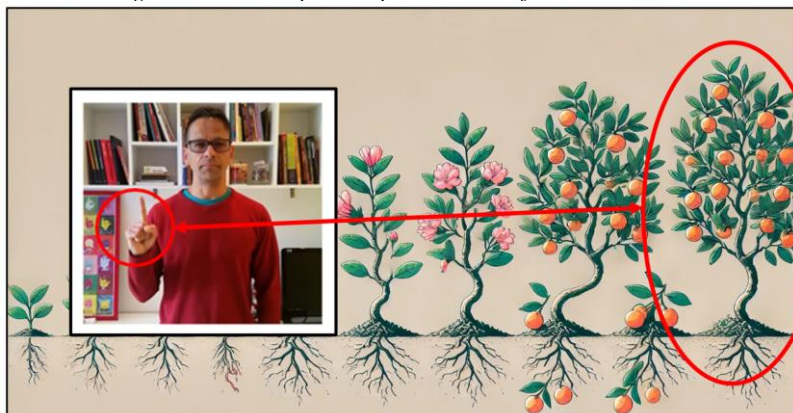
Florescendo dentro de mim
Ofertou-me um pedaço de fruto,
Deafhood desperta minha identidade

Fonte: Elaborado pelo autor

Sétimo encontro afecto identificado: a imagem de algo "florescendo" no eu poético simboliza o desenvolvimento de uma consciência política e identitária, representada pelo "fruto" da Deafhood, que marca o despertar de uma identidade surda positiva e politicamente consciente. Esse momento de florescimento é também o ponto em que as **ramificações políticas** começam a se manifestar concretamente, à medida que a identidade surda é reconhecida e afirmada. Além disso, o fruto da Deafhood transcende o indivíduo, simbolizando um despertar coletivo que conecta o eu poético a uma comunidade mais ampla. Nesse contexto, o **valor coletivo** é construído e fortalecido através do reconhecimento e da afirmação da identidade surda, com a Deafhood sendo um elemento-chave para essa união dentro da comunidade surda como **valor coletivo**.

Na Figura 12, a mão direita permanece levantada, com o círculo entre o polegar e o dedo médio ainda formado, sugerindo a continuidade ou estabilidade do estado alcançado.

Figura 12 - Artista/poeta expressar a metáfora do crescimento



Fonte: Imagem gerada com a ajuda da IA DALL·E e assistência de ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI.

Última comparação deste trecho na versão do pesquisador:

Quadro 14 - Minha versão da poesia "Raízes Surdas" do Mourão

Raizando multiplicidades positivas em mim

Fonte: Elaborado pelo autor

Oitavo encontro afecto identificado: no verso analisado da minha versão, as "multiplicidades positivas" que se enraízam no eu poético representam a diversidade de experiências e identidades dentro da comunidade surda, manifestando-se em diferentes **ramificações políticas**. Essas raízes podem simbolizar a expansão de ideias e lutas políticas que emergem da identidade surda, formando uma rede sólida de resistência e empoderamento.

Além disso, as raízes também refletem a base de um **valor coletivo** compartilhado, no qual a diversidade é valorizada e cada indivíduo contribui para com o fortalecimento da comunidade como um todo, assegurando sua continuidade e crescimento. Não há grandes alterações na configuração das mãos em comparação aos quadros anteriores. A metáfora da árvore, com suas raízes e frutos, encapsula esse desenvolvimento, mostrando como a identidade e a política se entrelaçam para criar uma base sólida e duradoura para a comunidade surda.

A análise e comparação das interpretações feitas pelos quatro leitores/participantes da poesia de Mourão revelam **dimensões de rizoma** da obra, destacando a complexidade das interpretações tanto em Libras quanto na língua portuguesa. Isso é percebido na não fixação de sentidos unívocos para a produção, dada a não sedimentação do sinal em um referente único.

Nono encontro afecto identificado: observação geral das dimensões dos participantes desde uma análise técnica e estrutural – com mais foco na abordagem teórica e descritiva como **linha dura** como a palavra de ordem como disciplina ou “*gramaticalidade*” (participante I) até as reflexões sobre as experiências culturais surdas e a *luta* (participante II e III) na construção de conhecimento mundo do surdo.

Quadro 15 - Entrevista o participante II

Na minha compreensão, essa configuração de mão é **uma pessoa surda**, que está passando por um momento ruim, se **sente muito sozinha, falta ter referências de**

outras pessoas surdas, encontrar outros iguais a ela, para assim encontrar a sua própria identidade e, com isso, ela vai conseguindo **melhorar aos poucos**, vendo **os seus iguais, sabendo das histórias de seu povo** e apoiando também essas pessoas como um movimento de troca recíproca, e essas trocas tornando influências positivas para essa pessoa surda, tornando ela um ser com mais posições políticas, que sabe de sua língua e também tirando aquela visão que a sociedade tem sobre as pessoas surdas, de apenas os verem como pessoas com deficiência, mas nós somos iguais a todos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 16 - Entrevista o participante III

Agora eu tenho que explicar? Ah, então... Por exemplo, quando **uma pessoa passa por momentos** ruins e tudo mais e **uma outra pessoa pode ajudar** ela o motivando de forma positiva...

Fonte: Elaborado pelo autor

Para identificar as experiências culturais surdas e as lutas que contribuem para a construção de conhecimento no mundo surdo, a partir dos depoimentos dos participantes, é preciso analisar os principais elementos que emergem das falas de cada um.

Décimo encontro afecto identificado: ao observar a Figura 12, que ilustra a configuração das mãos – CM, nota-se que os participantes II e III associam essa CM ao corpo da pessoa, o que também evidencia que a construção de conhecimento no mundo surdo envolve a luta dos sujeitos surdos por reconhecimento e empoderamento **político**.

Complementando a fala de Mourão (2016, p. 69), “entre os pares surdos, acontece um processo de empoderamento, através de seus conhecimentos, autonomia, lutas por seus direitos, pois onde há conhecimento há o empoderamento do sujeito e de movimentos da comunidade surda”. Como exemplo disso, temos Ferdinand Berthier (1803-1886) que se formou e mais tarde lecionou no Instituto de Surdos-Mudos em Paris, destacou-se por defender a língua de sinais, a identidade surda e a cultura surda. Através de sua atuação, procuraram educar a comunidade surda sobre seus direitos e deveres. Em reconhecimento por seu trabalho, receberam a honraria da Legião de Honra, a maior condecoração da França. Além disso, contribuíram com a escrita de diversos

livros que abordam a história e a cultura surda, bem como reflexões sobre artistas e poetas surdos de sua época.

Segundo Nascimento (2006), ao realizar um levantamento do texto de Ferdinand Berthier, escrito em 1840, observou-se o empoderamento das comunidades surdas, defendendo o uso da língua de sinais nas práticas educacionais para surdos. Nascimento reconhece Berthier como um 'verdadeiro conhecedor da língua dos surdos' e que ele 'eliminou do currículo toda bagagem intelectual excessiva que simplesmente atrasava o progresso dos estudantes e trouxe de volta ao ensino a simplicidade e a verdade'.

Após a leitura de Berthier (1984), Nascimento (2006) refletiu sobre sua experiência fonoaudiológica em clínica, ao realizar a leitura da fábula intitulada 'A Águia e a Galinha' com um adolescente surdo. Esse adolescente expressou: “Essa é como a história da minha vida, isso também aconteceu comigo. Só aprendi a voar quando conheci a língua de sinais aos 9 anos”. Esse relato revela como o acesso à língua de sinais pode ser um fato transformador na vida de pessoas surdas, proporcionando-lhe uma nova perspectiva de si mesma e de suas capacidades.

Essa experiência individual, contudo, reflete um movimento maior dentro da comunidade surda. Assim como o adolescente percebeu sua própria jornada de empoderamento, outras vozes surdas também se conectam em um **processo coletivo** de transformação. A minha leitura da entrevista dos participantes nos Quadros 6 e 7 tem a ver com a solidariedade, conforme apontado por Mourão (2016), que ressalta a importância do empoderamento entre os pares surdos. Nesse contexto, Ferdinand Berthier é referenciado como um exemplo histórico de empoderamento da comunidade surda, o qual foi construído de **maneira coletiva**.

Para articular o conceito de **agenciamento coletivo de enunciação**, é fundamental considerar como as vozes individuais dos sujeitos surdos, suas singularidades, experiências e lutas se conectam, formando uma narrativa coletiva. Essa narrativa tem a ver não apenas com as experiências individuais, mas também com uma trajetória histórica e cultural compartilhada pelos sujeitos surdos na busca por reconhecimento e transformação social.

Os dados sugerem que as obras literárias em Libras não seguem uma estrutura linear, mas configuram uma rede **rizomática**, com múltiplas interpretações possíveis, tanto como obra literária em Libras, quanto na versão do pesquisador e nos **afectos** dos participantes. A cartografia dessas

produções indicou que o potencial criativo pode contribuir, principalmente, para estudantes surdos no contexto educacional, conforme observado na obra de Mourão, na qual a narrativa quebra padrões tradicionais, encontra ferramentas e cria uma **linha de fuga**.

O artista/poeta Mourão age politicamente ao utilizar a *sinalização menor* como uma rota de escape das normas estabelecidas, criando resistência às forças de controle e opressão. Isso promove práticas e movimentos que buscam alternativas criativas e subversivas, abrindo novas possibilidades para a ação política. Podemos ver isso claramente na dimensão abordada pelos participantes II e III está mais focada na política e no **valor coletivo**.

Décimo primeiro encontro affecto identificado: conforme os Quadros 17 e 18, o destaque sublinhado revela a interação entre os participantes, quando há um encontro e a relação entre eles gera um agenciamento que cria um caminho para a aquisição de conhecimento e o empoderamento dos direitos das pessoas surdas.

Quadro 17 - Entrevista o participante IV

O que eu entendi? É que essa pessoa, ela recebeu alguma coisa negativa, algum sentimento negativo. E aí houve um acontecimento. Não sei se uma gravidez. Que aí trouxe uma esperança em um momento de positividade para essa pessoa.

Fonte: Elaborado pelo autor

O pesquisador apresentou novamente a videogravação, que foi assistida pelo participante da pesquisa pela segunda vez. Durante essa nova visualização, o participante pôde observar mais detalhes e identificar pequenas mudanças que antes não haviam sido percebidas, conforme observado no Quadro 18 após a segunda visualização.

Quadro 18 - Entrevista o participante IV

Ele recebeu essa pessoa, recebeu algum sentimento negativo, e aí, de repente, ela olhou para dentro de si e teve algum acontecimento, um filho, uma gravidez. Eu acredito que seja um bebê, que tenha transformado esse sentimento negativo, o sentimento ruim em um sentimento de positividade, algo bom que aconteceu na vida dessa pessoa.

Fonte: Elaborado pelo autor

O participante IV manifestou uma interpretação emocional mais focada em uma narrativa de esperança. A frase sublinhada mostra empatia, ou seja, uma precisa da ajuda do outro – focada em uma narrativa de *esperança*

A minha observação do perfil do participante IV não traz o sentido político. Com base no trecho da entrevista, tem 27 anos, é mãe solteira de dois filhos e reside com sua família em interior no Estado de São Paulo. Ela completou o Ensino Médio e começou a aprender Libras tinha três anos de idade. Apesar de demonstrar interesse pela leitura, sua preferência recai sobre jornais. Não possuem familiaridade com a Literatura Surda, consumindo-a de forma ocasional, dependendo da disponibilidade de tempo. Quando acessam conteúdos, utilizam principalmente o Instagram e o Google.

Além disso, seu consumo de informações ocorre majoritariamente por meio de plataformas como Instagram e Google, como o participante IV, que dedica grande parte do seu tempo e foco a essas atividades. Esse aspecto sugere que seu tempo e atenção estão menos voltados para a **territorialização**, o que torna a dimensão do participante IV mais focada em interpretações pessoais do que em discussões ou lutas políticas relacionadas à comunidade surda.

Minha interpretação é que as dimensões dos participantes revelam como uma poesia pode ser percebida de maneiras diferentes e despertar diferentes **afectos** dos participantes, o que caracteriza o processo **minoração**: cada um encontra uma saída diferente. Essas saídas ou linhas de fuga são: Ordem | Luta | Esperança. A **multiplicidade** de sentidos ocorre porque cada participante mostrou diferentes entendimentos.

Décimo segundo encontro afecto identificado: trazer o recorte de videogravação semelhante à **sinalização menor** anterior, da poesia 'Deafhood' de Mourão, revelou as **linhas moleculares** que se referem a processos de mudanças nos desejos e nas relações individuais e grupais. Mais ligadas à micropolítica, à subjetividade e à transformação que escapa ao controle direto das estruturas sociais, seguem as observações de nossa análise:

Figura 13 - Poesia "Deafhood" do Mourão



Fonte: Recorte da poesia disponibilidade pelo canal YouTube do @claudiomourão

Na Figura 13, são apresentados quatro frames, que mostram diferentes sinalizações menores representando as **linhas moleculares**. No primeiro frame, o dedo indicador e o médio estão levantados, enquanto os demais dedos estão fechados, tocando as orelhas sem movimento, o que indica uma pessoa surda que perdeu a audição. No segundo, terceiro e quarto frames, a sequência mostra o dedo indicador e o médio da mão esquerda tocando as orelhas e seguindo em direção ao cotovelo, equivalente à ideia de raiz, e parecendo realizar um sinal ou gesto que pode estar relacionado a uma diversidade de interpretações possíveis para SURDO | LIGADO | RAIZ em um poema.

O artista/poeta utiliza a **sinalização menor** SURDO | LIGADO | RAIZ em seus poemas, recorrendo frequentemente a metáforas e símbolos que podem variar de acordo com a sensibilidade dos leitores. A ligação com as origens e com a raiz pode simbolizar herança cultural, muitas vezes, representando a conexão com pessoas surdas, despertando-as para a sua própria língua e herança, bem como para as experiências culturais surdas.

Décimo terceiro encontro afecto identificado: o **valor coletivo** surge nesse contexto como resultado da **desterritorialização da linguagem** entre diferentes formas de linguagem que, juntas, criam formas de existência e de valor.

A comparação relata que os participantes das entrevistas realizadas sobre a poesia “Deafhood” destacaram o **valor coletivo**. Os participantes demonstraram a árvore e a raiz, cada um com uma interpretação diferente. Segue o Quadro 19, com a comparação das entrevistas:

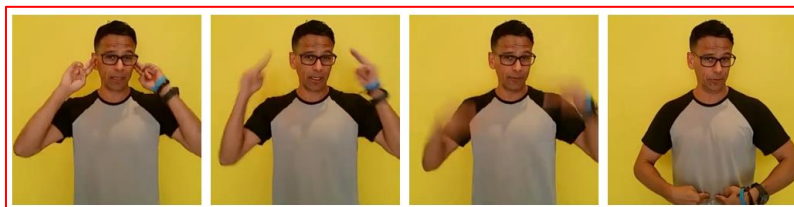
Quadro 19 - Entrevista os participantes assistiram pela segunda vez a poesia "Deafhood"

PI -Então, agora essa poesia está bem mais clara, já percebi logo de início que fala sobre o movimento Deafhood, então faz uma referência direta às raízes, às potências e

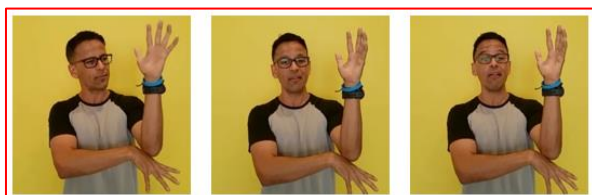
às fortalezas da comunidade surda, à potência e à resistência que a língua de sinais possui e como essas línguas precisam ser compartilhadas cada vez mais para que muito mais pessoas se empoderem juntamente com esses movimentos, que entendam a nossa cultura, a força que nós temos. A gente precisa mostrar as nossas forças, e não podemos separar e segregar lutas, bem pelo contrário, precisamos unir forças, enraizar o nosso movimento, pois as raízes nos faz lembrar de nossas histórias de lá de trás, para que as pessoas surdas de hoje conheçam as nossas lutas e defendam e protejam a nossa língua, para que não haja mais repressão e sim, lutas!

PII - D-E-A-F-H-O-O-D (datilologia), é daquele mesmo movimento que tinha falado sobre contigo. Ele faz essa sinalização [DEAFHOOD] Ele faz uma ascensão da Libras, é como se fosse algo enraizando, mas ao mesmo tempo parece que a sociedade não vê as raízes que estão de baixo da terra, que é a história do povo surdo, as lutas, os sofrimentos, as repressões e também as conquistas, os avanços e por isso, a escolha desse sinal [Sinalização] que é o crescimento do tronco da árvore e das raízes também. São as raízes que levam os nutrientes até a copa, se não tivesse as raízes numa árvore, não existiria a árvore. As raízes existem para dar força e sustentar toda a árvore. E uma árvore não cresce rápido, é todo um processo de crescimento, anos e anos de desenvolvimento e quando você acha que já cresceu e está desenvolvida, precisa cuidar mais, precisamos lutar mais. As pessoas surdas não têm paz, é sempre um movimento de luta para conseguirmos ter um futuro melhor.

[Deafhood]

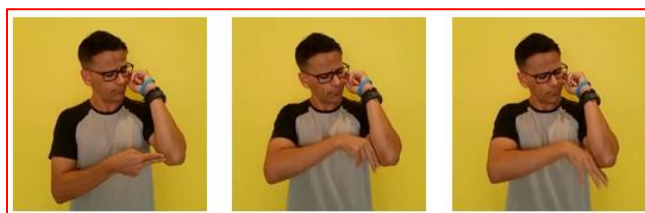


[Sinalização]



PIII - Para mim, ainda não ficou claro, ele faz essa sinalização [Sinalização] pessoa surda parece como se estivesse espalhando a língua de sinais para as pessoas surda que não conhecem sua própria língua de sinais, né? Por exemplo, um professor que transmite conhecimento para os seus alunos até eles terem uma certa fluência naquele determinado assunto, de repente, esse professor estar ensinando Libras para os alunos surdos que não sabem a língua ainda, não sei, meus exemplos estão ruins...

[Sinalização]



PIV - Posso falar agora? O que eu entendi? É como uma árvore, e essa árvore já tem uma raiz e que vai absorvendo os nutrientes. Como um conhecimento, um aprendizado. E essa árvore significa a vida.

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisar e comparar de forma geral os quatros participantes de entrevista, é possível identificar diferentes perspectiva sobre o movimento Deafhood e a metáfora da árvore e das raízes, que parece ser uma constante na interpretação de cada um. Identificam-se três categorias principais: Político, Pedagógica e Filosófico/Simbolista.

No caso do participante IV, observa-se novamente que sua interpretação se mantém distante de uma abordagem política, o que é importante destacar na análise. Enquanto os outros participantes (PI, PII e PIII) conectam a poesia ao movimento Deafhood, ressaltando as lutas, resistências e a importância do empoderamento da comunidade surda.

A meu ver, o participante IV, em sua interpretação, adota uma visão mais simbólica e emocional relacionada a sua subjetividade da poesia e pode ser associada ao conceito de **linhas**

moleculares. A forma de interpretação dela traz a árvore como uma metáfora para o aprendizado e a vida, não se percebe vínculos explícitos com as questões de luta e militância surda (**linhas molares**). Em vez disso, a resposta parece fluir de maneira mais pessoal e individual, envolvendo transformações internas e experiências subjetivas, que são características das **linhas moleculares**.

Esse tipo de **agenciamento molecular** está mais relacionado a processos de transformação pessoal, como pequenos deslocamentos internos e mudanças sutis de percepção, ao invés de grandes estruturas de **luta coletiva** ou de **resistência política**. Enquanto os outros participantes vinculam suas interpretações ao empoderamento político e ao movimento Deafhood (**linhas molares**), o participante IV atua em um nível mais íntimo, quase invisível, no qual o sentido é construído a partir de experiências individuais e não de uma luta coletiva.

Portanto, pode-se dizer que o participante IV, ao focar em uma interpretação emocional e simbólica, está manifestando uma **linha molecular**, na qual o sentido da poesia é internalizado como uma experiência de transformação pessoal, desvinculada das lutas e resistências amplas e socialmente estruturadas que os outros participantes articulam (**linhas molares**).

Fernandes e Terceiro (2019) trouxeram o conceito de *Deafhood* no contexto da formação do campo de estudos surdos no Brasil. O conceito de *Deafhood* foi traduzido como 'Surdidade' na edição lusitana do livro *Em busca da Surdidade I – Colonização dos Surdos*, sendo apresentado no glossário da seguinte forma:

Este termo foi desenvolvido em 1990 pelo presente autor, a fim de iniciar o processo de definição do estado existencial dos Surdos como 'ser-no-mundo'. Até agora, o termo médico 'surdez' foi usado para englobar essa experiência dentro da categoria mais ampla de 'deficiente auditivo', a grande maioria dos quais eram pessoas idosas 'com problemas de audição', de modo a tornar invisível a verdadeira natureza da existência coletiva surda. A Surdidade não é vista como um estado finito, mas como um processo através do qual os indivíduos Surdos chegam a efetivar sua identidade surda, postulando que aqueles indivíduos constroem aquela identidade em torno de vários conjuntos de prioridades e princípios ordenados de maneira diferentes, que são afetados por diversos fatores, como nação, era e classe (LADD, 2013, p. 14-15).

Como eu percebi, as diferentes perspectivas dos quatro participantes podem ser associadas ao conceito de **linhas moleculares**, entendidas como fluxos transformadores que operam de maneiras distintas, porém complementares, dentro da comunidade surda. O participante I e o participante II atuam em **linhas moleculares coletivas e políticas**, focadas na resistência e no empoderamento da comunidade. Já o participante III opera em **linhas moleculares pedagógicas**,

concentrando-se na difusão do conhecimento e no fortalecimento educacional dos surdos. Enquanto isso, o participante IV segue uma **linha molecular filosófica e subjetiva**, refletindo sobre o crescimento contínuo e a transformação interior. Embora invisíveis ou sutis, essas linhas moleculares são fundamentais para o fortalecimento da comunidade surda e para a continuidade de sua resistência e crescimento. A metáfora da **raiz**, no contexto da árvore, pode ser interpretada como a representação dessas forças moleculares que sustentam e nutrem a árvore maior, simbolizando a comunidade surda e seu movimento de transformação contínua.

Os dados mostra que a Libras é uma língua já que nela a presença das línguas de **linhas moleculares** aparece, assim como as de fuga. Em Libras, identificamos na poesia três sinais lexicais, como os exemplos SURDO | LIGADO | RAIZ, que não possuem o mesmo significado na poesia em questão, rompendo, assim, com a estrutura linear de normatização e padronização do léxico. A cartografia rizomática das obras literárias surdas dessas produções revelou múltiplas conexões e ramificações, cujo potencial criativo pode ser amplamente explorado no contexto da língua.

Na versão do pesquisador, presente no capítulo de metodologia, o que há mais em comum entre os dados dos participantes e a versão poética do pesquisador sobre “Deafhood” é o uso da metáfora da árvore e das raízes para simbolizar a identidade surda e sua conexão profunda com a língua de sinais e as experiências culturais surdas. Ambos os contextos destacam a importância das raízes como fonte de força, nutrição e crescimento contínuo para a comunidade surda. Os textos ressaltam a **multiplicidade** e a resistência da cultura surda, que cresce e se transforma de maneira contínua, sempre nutrida por suas experiências culturais e pela força de sua própria língua. Agora, prossigamos para a próxima etapa. Observe a Figura 14 abaixo:

Figura 14 - Recorte da poesia "Raízes Surda" do Mourão



Fonte: Recorte da poesia disponibilizada pelo canal YouTube do @claudiomourão

Na Figura 14, são apresentados três frames, mostrando diferentes gestos com a mão direita. O dedo indicador está levantado, enquanto os outros dedos estão fechados. A mão se move para baixo, terminando na altura do peito. Esses frames da figura indicam uma ruptura com a estrutura tradicional da língua de sinais, uma vez que o gesto não possui um valor lexical ou gramatical fixo, mas, sim, uma forma artística de expressividade. Apresentamos o trecho que expressa o **afecto** pelo participante no momento da poesia:

Quadro 20 - Entrevista o participante I

Logo na primeira vez que assisti em que ele começava a sinalizar com as configurações de mão (com os dedos da mão fechados e só o indicador para cima como se tivesse uma pessoa caminhando, e essa configuração de mão fica na horizontal como se tivesse caído, etc.), eu confesso que não tinha entendido nada. Daí, na segunda vez, eu comecei a compreender mais do que se tratava, consegui entender bem melhor!

Fonte: Elaborado pelo autor

Décimo quarto encontro afecto identificado: essa abordagem pode ser relacionada à **desterritorialização da linguagem**, considerando que o participante I demonstra um conforto com a linguagem estabelecida como uma ordem. No entanto, o encontro com o artista/poeta revela **agenciamentos** que geram diversas **linhas de fuga**. Apresento a minha versão e faço uma comparação com as dimensões dos participantes, analisando os encontros de **agenciamentos** e como esses encontros influenciam as interpretações e experiências dos envolvidos.

Quadro 21 - Recorte da minha versão da poesia "Raízes Surda" do Mourão

Olhou-me como algo inútil
Deixou-me mergulhando na tristeza profundo

Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse movimento apresentado na Figura 14, elaborei uma versão própria no Quadro 21, onde deixei uma frase sublinhada. É possível perceber uma aproximação, mas não é uma correspondência exata, pois cada indivíduo tem sua própria experiência. O participante I, por exemplo, utilizou a expressão "desânimo corriqueiro", mas um detalhe chamou minha atenção: ele

empregou o mesmo movimento, mas com uma configuração das mãos diferente, conforme mostrado na Figura 15. Lembro que é fundamental respeitar a privacidade do participante quanto ao uso de suas imagens; por isso, optei por reproduzir eu mesmo as imagens em vez de utilizar as originais.

Figura 15 - Transição de imagens do participante de entrevista



Fonte: Elaborado pelo autor

A minha leitura mostra que o elemento da linguagem nessa poesia utilizou a de orientação de mão no espaço para cima e para abaixo e que podem ser usados com diferentes significados. Possivelmente significados como ‘alta/altura’ e ‘baixo/horizonte’ no espaço visual, que podem ligar perspectiva e hierarquia, podem representar algo elevado, nobre ou divino, enquanto baixo pode significar algo mais terreno, comum ou vulgar. Porém, é possível associar *sinalização menor* a um movimento de não encaixar uma palavra ou termo dentro contexto da gramaticalização ou do significado cânone da Libras. Vejamos a Figura 16, na continuação:

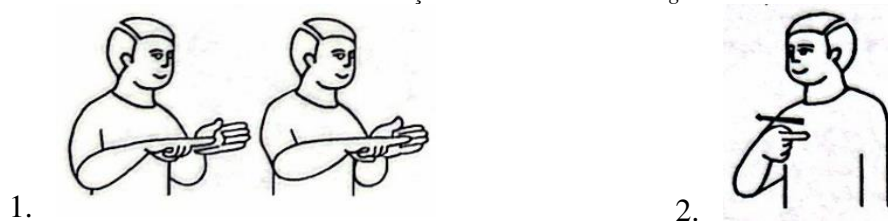
Figura 16 - Recorte da poesia "Raízes Surda" do Mourão



Fonte: Recorte da poesia disponibilizada pelo canal YouTube do @claudiomourão

Décimo quinto encontro afecto identificado: essa sequência da Figura 16 mostra o artista/poeta realizando uma sinalização na qual mantém a mão em uma posição estável, apontando para o centro do peito, enquanto sua expressão facial demonstra tristeza, dor e angústia. É necessário fazer uma pausa para observar a configuração das mãos: o dedo indicador está na posição horizontal, enquanto os outros dedos permanecem fechados. Dentro do contexto lexical, no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – 3 volumes, pode-se encontrar dois sinais com a mesma configuração de mãos para o sinal 'negativo'. Abaixo, está a ilustração extraída do dicionário que mostra o sinal 'negativo':

Ilustração 1 - Sinal da Libras 'negativo'



Fonte: Dicionário de Libras Capovilla

No dicionário, esse sinal representa ‘negativo’, mas o artista usou a configuração das mãos na localização do centro do peito, que pode ser associado a ‘ser’ ou a ‘eu’ na Figura 16, que na minha impressão nesse momento tem entrada e saída. Para associar as linhas “**molar/dura**” e “**molecular**” ao contexto do sinal ‘negativo’ e a variação usada pelo artista/poeta.

Na Ilustração 01, observam-se dois sinais com a mesma configuração das mãos, mas utilizados em contextos diferentes, conforme descrito no dicionário. O primeiro sinal pode ser associado a conceitos como inadequado, impróprio ou ruim, enquanto o segundo sinal está mais relacionado a "abaixo de zero" e também é um símbolo utilizado em eletricidade.

O contexto do dicionário representa uma forma cânone, estável e padronizada do uso da Libras. A área de lexicografia, que estuda o léxico e é responsável pela produção de dicionários, vocabulários e glossários, busca essa padronização, característica da **linha molar/dura**. Essa linha representa estruturas fixas, normas e convenções aceitas e reproduzidas dentro da comunidade surda brasileira. A criação de sinais padronizados como norma oferece uma referência clara e reconhecida por todos que utilizam essa língua de sinais.

O artista/poeta Mourão, ao utilizar uma configuração de mãos que tradicionalmente significa "negativo", mas posicionada no centro do peito, realiza uma variação que pode alterar ou expandir o significado do sinal. O momento criativo do artista/poeta pode ser visto como um **agenciamento em ação**, quando ele ajusta diferentes elementos, como sua própria experiência pessoal, gramática, expressão facial, configuração das mãos e o espaço de sinalização no contexto cultural, para criar algo significativo. Essa mudança, combinando "negativo" + "eu/ser/meu/sentimento", é uma expressão da **linha molecular**, que representa o movimento, a transformação e a fluidez dentro da linguagem, permitindo variações que podem gerar novas

interpretações e significados. Nesse contexto, os participantes da pesquisa revelaram diferentes percepções.

Quadro 22 - Entrevista os participantes

PI – Eu acho que nesse momento ele fala sobre um desânimo, talvez um desânimo corriqueiro, acho que talvez seja isso.

PII – Na minha compreensão, essa configuração de mão é uma pessoa surda, que está passando por um momento ruim, se sente muito sozinha, falta ter referências de outras pessoas surdas, encontrar outros iguais a ela, para assim encontrar a sua própria identidade e, com isso, ela vai conseguindo melhorar aos poucos, vendo os seus iguais, sabendo das histórias de seu povo, e apoiando também essas pessoas, como um movimento de troca recíproca, e essas trocas tornando influências positivas para essa pessoa surda, tornando ela um ser com mais posições políticas, que sabe de sua língua e também tirando aquela visão que a sociedade tem sobre as pessoas surdas, de apenas os verem como pessoas com deficiência, mas nós somos iguais a todos.

PIII – Parece que essa pessoa estava indo bem, e de repente, começou a ter uma vida ruim, acho.

PIV - Isso é um sentimento. Quando ele faz essa sinalização, acho que está relacionado. Algum coisa ruim?

Fonte: Elaborado pelo autor

No Quadro 22, os participantes de pesquisa e as suas interpretações variam, indo de uma compreensão mais superficial (PI, PIII, PIV) a uma análise mais profunda e contextual (PII). O participante PII se destaca por incorporar elementos culturais, sociais e identitários da comunidade surda, oferecendo uma visão mais completa e politizada do significado da sinalização. Essa análise mais profunda explora não apenas o significado imediato do sinal, mas também como ele se relaciona com questões mais amplas, **ramificação política e valor coletivo** como identidade surda, resistência cultural e empoderamento político.

Por outro lado, as outras interpretações captam diferentes aspectos da cena, ou mais emocional, de mudança de estado ou de desânimo, porém não atingem o mesmo nível de profundidade. Essas interpretações tendem a focar mais no impacto imediato e emocional do sinal, sem necessariamente contextualizá-lo dentro de um quadro cultural ou político mais amplo.

Essa diversidade de interpretações revela a riqueza de significados que um único sinal pode possuir, dependendo das experiências, perspectivas e sensibilidade dos indivíduos. Ela destaca como a **sinalização menor**, especialmente em seu uso artístico/poético, pode ser multifacetada, permitindo que diferentes camadas de significado sejam descobertas por diferentes observadores. A variação nas interpretações também reflete a natureza dinâmica e viva da linguagem, na qual os sinais podem ser moldados e remoldados de acordo com o contexto cultural e com as experiências pessoais, resultando em uma expressão rica e diversificada.

Retomando a questão do respeito à entrada e saída do **rizoma**, especialmente em relação à integração dos conceitos, nessa Textualidade Diferida, entendemos a **desterritorialização** como o movimento de abandono do território da textualidade literária em língua portuguesa. Além dos agenciamentos, o encontro dos movimentos de construção do território pode ser visto como um processo de **reterritorialização**, onde a Literatura Surda em Libras, como **língua menor**, se afirma.

Em minha análise, acredito que a frequente entrada e saída do **rizoma** indica o reconhecimento da tensão entre essas duas linhas: a **linha molar/dura**, que estabelece que todas as línguas, sejam orais ou sinalizantes, buscam a estabilização dos significados e seguem normas lineares; e a **linha molecular**, na qual o artista/poeta encontra uma saída, explorando e transformando essas normas por meio de variações criativas e potentes. Essa abordagem oferece novas formas de linguagem e significados que ultrapassam as estruturas estabelecidas. Zourabichvili (2004) trouxe o vocabulário de Deleuze sobre agenciamento:

Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de ato e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem (Zourabichvili, 2004, p. 8).

Segundo Zourabichvili (2004), os **agenciamentos sociais**, ou "**molares**", podem ser reproduzidos pelos indivíduos de acordo com as normas sociais estabelecidas, mas há também **agenciamentos "moleculares"** em que os indivíduos, de forma involuntária, criam desvios ou novas formas de organização que se afastam das estruturas tradicionais, como acontece nos agenciamentos artísticos.

No meu encontro e entendimento, o artista Mourão promove certas diferenciações na língua de sinais possibilitando uma *sinalização menor*, como uma **língua menor**, em atos e enunciados que promovem transformações incorpóreas atribuídas aos corpos. Trata-se de um **agenciamento** que conduz ao processo de **decodificação ou desterritorialização**, permitindo aos participantes reagirem com uma fuga das estruturas estabelecidas e alcançarem uma liberdade em uma dimensão diferente.

Trazemos outro trecho analisado que demonstra uma clara e marcante presença de elementos **moleculares** manifestados através de pequenas, mas significativas, escolhas criativas, que desafiam estruturas narrativas do artista/poeta. Vejamos as Figuras 16 e 17, para compará-las, especialmente em frames.

Figura 17 - Recorte poesia "Raízes Surda" do Mourão



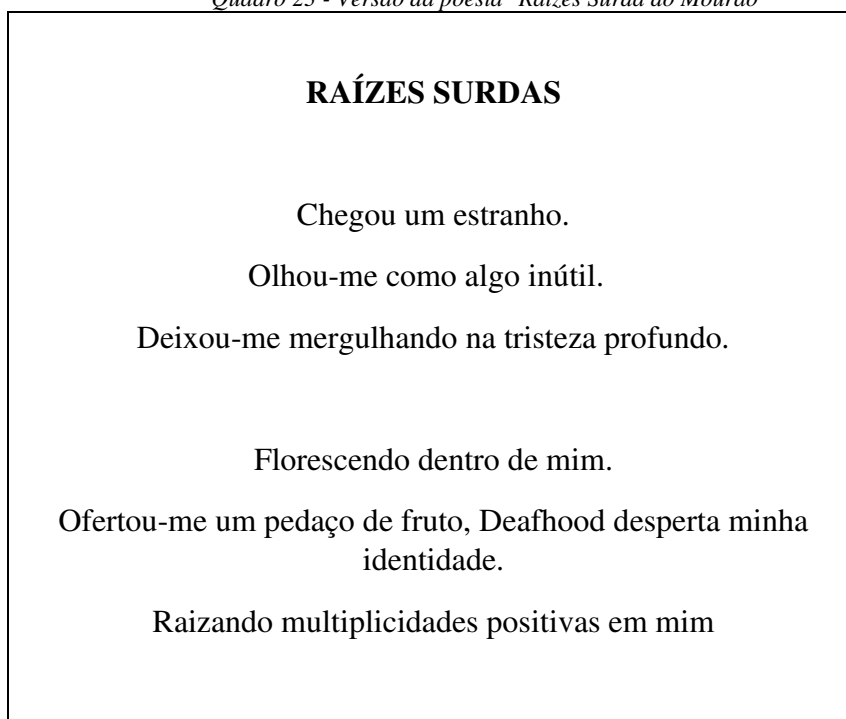
Fonte: Recorte da poesia disponibilizada pelo canal YouTube do @claudiomourão

A sequência de frames na Figura 17 apresenta o artista/poeta realizando uma série de sinalizações em Libras. Na primeira imagem, toca a têmpora com a mão esquerda, iniciando o movimento com uma expressão de concentração, representando a pessoa Surda. Em seguida, na segunda imagem, mantém a mão direita em uma posição estável, apontando para o centro do peito, sendo esse sinal identificado como *negativo*, previamente discutido na Ilustração 01. Os dedos estão configurados de maneira específica: o indicador e o dedo médio estão estendidos em posição horizontal, enquanto os demais permanecem fechados, apontando para a região do umbigo. A expressão facial sugere foco e seriedade, com os olhos voltados para baixo. Na última imagem, os

artistas sorriem sutilmente, demonstrando um contraste emocional em relação aos frames anteriores, concluindo a sequência com uma expressão de alívio ou satisfação. A mudança de expressão ao longo das imagens destaca a importância da pausa e da observação cuidadosa na sinalização, revelando a transição emocional dos artistas/poetas.

Décimo sexto encontro afecto identificado: os dados sugerem que os quatro léxicos — Surdez | Negativo | Umbigo | Alívio/Satisfação — já possuem uma gramaticalização estruturada, porém os elementos moleculares estão mais associados a questões **políticas** e ao **valor coletivo**. Por essa razão, os artistas/poetas optaram por essa estratégia para alcançar uma dimensão **rizomática**, possibilitando múltiplas interpretações. A versão recortada do pesquisador segue essa linha de análise.

Quadro 23 - Versão da poesia "Raízes Surda do Mourão"



Fonte: Elaborado pelo autor

A versão do pesquisador se empenhou em traduzir a poesia do artista/poeta, mas não conseguiu reproduzir exatamente a videogravação, pois cada singularidade carrega sua própria história, política e educação, o que torna difícil manter essa “fidelidade”. Após assistir à videogravação novamente, o pesquisador criou outro significado, e em outro momento, ainda mais interpretações surgem, cada qual dependendo da perspectiva do momento.

Naquele dia, o pesquisador fez uma interpretação da segunda estrofe, que contém três versos, mostrando o momento em que a pessoa descobriu sua surdez e se identificou com outros surdos, percebendo que não estava sozinho. Esse momento é descrito como um florescimento, simbolizando a aceitação que começa a criar raízes e a conexão positiva com outros surdos. Trata-se de uma forma de fugir da visão clínica, que enxerga a surdez como um defeito a ser corrigido para se atingir a "normalidade" como pessoa surda, assumindo o papel de ouvinte.

A poesia "Deafhood", de Mourão, contém um trecho que também faz referência ao umbigo. Convidamos para a análise e identificamos o mesmo significado presente na poesia "Raízes Surdas". Seguem os próximos frames da Figura 18:

Figura 18 - Recorte da poesia "Deafhood" do Mourão



Fonte: Recorte da poesia disponibilizada pelo canal YouTube do @claudiomourão

A sequência de frames apresenta um artista/poeta/ator sinalizando em Libras. No primeiro frame, ele levanta o braço esquerdo, assemelhando-se a uma árvore, enquanto a mão direita tem o polegar e o indicador fechados, com os demais dedos levantados, apontando para a região do umbigo, representando o sinal de "umbigo". Nesse momento, ele marca duas localidades diferentes, como a árvore e o sujeito.

No segundo frame, a mão esquerda toca suavemente o antebraço direito, simbolizando a raiz da árvore, dando continuidade ao sinal e representando a ligação/conexão. Por fim, os frames sugerem que os artistas/poetas estão se aprofundando na transmissão da ideia, utilizando a arte da língua como uma **sinalização menor**, revelando linhas moleculares que propiciam reflexão e conexão com as experiências culturais surdas, politizando e atribuindo **valor coletivo**.

Escolhemos dois léxicos principais na poesia: "umbigo" e "raiz da árvore", que podem ter significados diferentes dependendo do contexto. O umbigo pode representar origem e conexão com

o passado, simbolizando a marca física da ligação afetiva com a mãe e a conexão com a vida, além de remeter ao início da vida. A poesia traz reflexão sobre a identidade, aceitação e experiência compartilhada. Ela cria um diálogo entre as sinalizações dos artistas e suas vivências, permitindo que os pesquisadores e os participantes da pesquisa reconheçam as sinalizações e imagens. Além disso, a *sinalização menor* enriquece essa conexão, proporcionando múltiplas interpretações e expressando emoções singulares.

Na análise do **afecto**, um dos participantes sugeriu uma percepção clara de que suas criações na literatura surda constituem uma forma de resistência cultural significativa. Como observado pelo entrevistado do quadro 24, a *sinalização menor* permite um afeto com a política e o **valor coletivo**, de maneira que a videogravação confere potência criativa à **língua menor**.

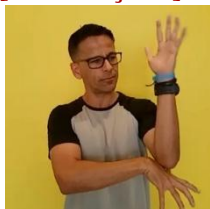
Quadro 24 - Afecto do participante II

PII – D-E-A-F-H-O-O-D (datilologia), é daquele mesmo movimento que tinha falado sobre contigo. Ele faz essa sinalização [Deafhood] Ele faz uma ascensão da Libras, é como se fosse algo enraizando, mas ao mesmo tempo parece que a sociedade não vê as raízes que estão de baixo da terra, que é a história do povo surdo, as lutas, os sofrimentos, as repressões e também as conquistas, os avanços e, por isso, a escolha desse sinal [sinalização1] que é o crescimento do tronco da árvore e das raízes também. São as raízes que levam os nutrientes até a copa. Se não tivesse as raízes numa árvore, não existiria a árvore, as raízes existem para dar força e sustentar toda a árvore. E uma árvore não cresce rápido, é todo um processo de crescimento, anos e anos de desenvolvimento e quando você acha que já cresceu e está desenvolvida, precisa cuidar mais, precisamos lutar mais. As pessoas surdas não têm paz, é sempre um movimento de luta para conseguirmos ter um futuro melhor.

[Deafhood]



[Sinalização1]



Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados do participante da pesquisa mostra a interpretação umbigo | raiz de árvore, e no Quadro acima sublinhamos no texto a fala do participante, interpretação que pode se referir ao aumento da visibilidade e da aceitação Libras e na sociedade também, refletindo uma luta contínua pela inclusão social e reconhecimento da pessoa surda. É o principal patrimônio da história as tradições e experiências culturais surdas e as “raízes debaixo da terra”, que representam tudo o que é subentendido, oculto ou ignorado pela maioria. Essa invisibilidade pode ser um reflexo da marginalização histórica do povo surdo associado **valor coletivo** e política.

A fala dos participantes enfatiza a importância de reconhecer a riqueza e a profundidade singular da pessoa surda. Eles apontam para a necessidade de uma maior visibilidade e apreciação das histórias e experiências do povo surdo, que encontram seu **agenciamento** e fazem a **máquina de guerra** escapar da norma da sociedade.

A análise do símbolo do "umbigo", nas duas poesias, revela camadas complexas de significado que abrangem desde a introspecção pessoal até a interconexão cultural. Enquanto a primeira poesia enfatiza a jornada emocional dos artistas, a segunda amplia a discussão para incluir a identidade coletiva da comunidade surda. Juntas, elas proporcionam uma compreensão mais rica e **multifacetada** da expressão artística em Libras, destacando a potência criativa da **sinalização menor**.

Ao longo da leitura deste capítulo, as análises cartográficas de **rizoma** possibilitaram três dimensões: Obra literária, pesquisador e participante. A confluência das três dimensões permitiu evidenciar a profundidade e a complexidade das produções literárias surdas, no que diz respeito ao uso da **sinalização menor** como uma forma de expressão artística e cultural.

As comparações entre as poesias abordadas demonstraram a riqueza da *sinalização menor* como elemento da **língua menor**, evidenciando sua **ramificação política** e **valor coletivo**, e revelando o potencial transformador do **processo de minoração** na **multiplicidade** de sentidos e significados.

Essas reflexões sobre a Textualidade Diferida e a *sinalização menor*, utilizadas nas criações da Literatura Surda como um campo criativo autônomo, legitimado pela **Filosofia da Diferença** e pela noção de **literatura menor**, destacam a importância de que os profissionais da área de educação de surdos trabalhem com um olhar voltado para a Textualidade Diferida presente nas videograções. No entanto, eles ainda permanecem concentrados em práticas vinculadas à língua oral, como tradução e adaptação, permanecendo presos à **territorialização** e/ou **linha molar/duro** relacionada à língua e cultura maior.

No próximo capítulo, são apresentadas as conclusões finais deste estudo, sintetizando as contribuições teóricas e práticas derivadas da pesquisa, além de apontar para as implicações pedagógicas e culturais do trabalho, bem como as possíveis direções futuras para novas investigações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo realizar uma análise cartográfica das ações da língua menor na Literatura Surda enquanto ato de criação, com base nos conceitos das Filosofias da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Defende-se a noção de minoração da linguagem como uma potência criativa essencial para a construção de uma literatura menor, produzida na e pela língua de sinais, compreendida como efeito de uma sinalização menor.

Assim, a tese buscou aprofundar o conceito de que a sinalização menor, como expressão da língua menor na literatura, constitui um processo criativo variável, atuando como uma ferramenta de minoração na perspectiva deleuze-guattariana. Para responder a essa questão, foram definidos os seguintes objetivos específicos: primeiramente, foi necessário analisar a territorialização da Literatura Surda e seu impacto sobre a literatura canônica produzida em línguas orais. Em seguida, buscou-se descrever os conceitos de desterritorialização da língua, da política e do valor coletivo, à luz da filosofia da diferença, para aproximar as produções em uma língua menor, a partir da Libras, criadas por surdos. Por fim, destacou-se os afectos de desterritorialização na cartografia rizomática como uma possibilidade de aplicação da Literatura Surda na educação de surdos.

A análise pelo registro da textualidade diferida em videogravações literárias produzidas por artistas/poetas surdos, com afectos na presença da sinalização menor como língua menor, envolveu um exercício de leitura das poesias 'Raiz Surda' e 'Deafhood', de Mourão, e 'Poesia Surdo para Sempre', de Rodrigo. O estudo identificou aspectos que caracterizam a narrativa da sinalização menor, descritos por meio de elementos característicos do rizoma, os quais contribuem para o processo de minoração.

Entrevistas com membros da comunidade surda, com diferentes formações acadêmicas, e a elaboração de uma cartografia rizomática permitiram o mapeamento de três dimensões: a obra dos artistas/poetas, o afecto da participação e a versão do pesquisador. Esse mapeamento possibilitou uma compreensão mais aprofundada de como a desterritorialização da linguagem, a

presença da língua menor, a ramificação política e o valor coletivo se manifestam na Literatura Surda.

A pesquisa adotou a cartografia para mapear os territórios da Literatura Surda, evidenciando a presença de elementos como língua menor, política e valor coletivo, além de explorar o rizoma como estrutura não linear. A cartografia, por sua vez, facilitou a visualização de novas realidades e relações sociais, revelando multiplicidades e agenciamentos que desestabilizam as estruturas tradicionais. A análise ressalta a importância da Literatura Surda em Libras na educação de surdos, promovendo resistências e flexibilidades no processo de subjetivação, especialmente na formação de instrutores, professores de Libras, professores bilíngues e outros profissionais que atuam na área da educação de surdos.

Aprofundar cada objetivo específico foi fundamental para elaborar respostas detalhadas que abordassem as questões propostas. O primeiro objetivo consistiu em desenvolver um estudo sobre a territorialização da Literatura Surda, sua constituição como campo de estudo e os deslocamentos que ela provoca na literatura canônica produzida em línguas orais.

Ao explorar esses deslocamentos, a pesquisa evidenciou as tensões e rupturas que emergem quando as narrativas da Literatura Surda se afirmam em um espaço dominado pelas tradições literárias orais, configurando-se como uma territorialização no campo da Literatura Surda e revelando uma dinâmica complexa de influência e resistência. Segundo Mourão (2016), é fundamental refletir sobre o respeito ao movimento, afirmando que “quando há sujeito, há uma língua. Se não há língua, não existe cultura e vice-versa” (idem, 2016, p. 193).

Territorializar é o processo de estabelecer estruturas sociais e culturais em espaços de estudo, criando fronteiras e limites. Na Literatura Surda e em Libras, os pesquisadores constroem experiências científicas de forma intelectual, refletindo sobre os temas presentes nessas literaturas. Destacam-se os estudos surdos, culturais e outras pesquisas relacionadas à temática. O levantamento bibliográfico no campo da Literatura Surda científica já evidenciou que, dentro desse campo, há tensões, principalmente pela diversidade das bases teóricas e pela complexidade em definir conceitos.

O pesquisador optou por retornar a alguns dos significados e aprofundar a análise sobre a criação e/ou produção cultural, investigando diretamente pela Libras para identificar a presença da

língua menor. Observou-se que o termo 'criação' já circula dentro da Literatura Surda, porém o levantamento revelou que há pouca discussão sobre a criação na Literatura Surda. Por isso, nessa pesquisa, decidi aprofundar o tema utilizando a perspectiva dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O segundo movimento neste estudo foi o de descrever os conceitos da literatura menor, pela filosofia diferença, para aproximar as produções língua menor criada por surdos.

A Literatura Surda está intrinsecamente associada à comunidade surda, enfatizando a produção de experiências visuais, culturais e a língua de sinais, elementos únicos vivenciados no espaço surdo. A criação, segundo a Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, está relacionada à ideia de produção de novos sentidos, entendida como um movimento contínuo da diferença e multiplicidade. É uma força que está sempre em transformação, mais conectada à diferença como potência criativa, refletindo nos processos criativos.

A criação é um processo que permite a desterritorialização, rompendo as estruturas existentes. A textualidade, por exemplo, é uma forma já definida (como a oralidade da língua portuguesa) e, ao mesmo tempo, permite a criação de novas configurações de sentido, como a textualidade diferida. O registro por meio de videogravação, especialmente da língua de sinais (língua gestual-visual), que evidencia o movimento de ruptura na esfera linguística, pode ser considerado um processo que contribui para a textualidade diferida, particularmente no contexto da Literatura Surda.

A língua menor desterritorializa a língua maior e possibilita romper com suas fronteiras e estruturas normativas, abrindo caminho para novas formas de expressão. Esse processo também é uma forma de subversão, em que o afecto (agir) provoca o leitor (reação), deslinearizando o encontro e o agenciamento, criando linhas de fuga que multiplicam o pensamento. A Filosofia da Diferença trouxe uma nova perspectiva à Literatura Surda, especialmente à Sinalização Menor, que desterritorializa a arte sinalizada (Maior), escapando das estruturas normativas da Libras. Lembramos da Literatura Menor porque existem Línguas Menores sempre com um vínculo político e um valor coletivo, sempre em movimento, sendo compreendida como a Literatura Menor não '*para Libras*', mas '*em Libras*'.

Como último movimento, aponte os efeitos da cartografia rizomática como possibilidade de uso da Literatura Surda na Educação de surdos.

Nestas considerações finais, posso afirmar que esta tese faz parte da minha experimentação cartográfica, articulando três dimensões: a obra literária, o pesquisador e o participante da pesquisa, produzida a partir de rizomas, com muitas entradas e saídas. É importante lembrar que essa análise foi um grande desafio e um exercício de deslocamento da língua menor como um sinalizante menor. O olhar percorre o caminho que se constitui ao longo do caminhar, como uma linha que chega à ruptura, criando dois caminhos. Nesse momento, cada um segue por trajetórias diferentes, gerando multiplicidade e registrando todos os movimentos.

A análise da pesquisa, articulando três dimensões, demonstrou a riqueza da Sinalização Menor como elemento da Língua Menor, uma potência transformadora no processo de minoração, multiplicando sentidos e significados dentro da Literatura Surda. Cada linha é um encontro de afecto, descrito por meio de uma escrita múltipla, em que o leitor percebe que o texto apresenta as sinalizante (vozes) de diferentes obras literárias, do pesquisador e do participante, como uma rede de conexões, revelando as potencialidades expressivas que emergem nas margens dos discursos hegemônicos.

No campo teórico, esta tese contribui para ampliar o diálogo entre a Filosofia da Diferença e os estudos sobre as Literaturas Surdas, oferecendo novas ferramentas para a compreensão das expressões dos povos surdos. No âmbito prático, os resultados sugerem a necessidade de uma maior inserção das Literaturas Surdas nos currículos escolares, bem como o incentivo à produção e à divulgação dessas obras dentro e fora da comunidade surda.

A tese pode contribuir para a formação continuada de profissionais que atuam na área da educação de surdo abrangendo diferentes aspectos e especializações, tais como:

No campo educativo: pode ajudar a valorizar e legitimar as identidade e cultura de grupo marginalizados, oferecendo aos estudantes, no âmbito escolar, obras de autores que representam vozes marginalizadas podem ser considerado literatura indígenas, afro-brasileira, imigrantes, Surda e os outros minorias aos estudantes a oportunidade de se verem representados, que exploram a experiência e trazem a riqueza cultural e linguística e valorizando sua vivência e modos de expressão.

Na atuação de professores bilíngues: mobilizando as práticas pedagógicas, sendo possível explorar métodos de textualidade diferida, como o uso de performances, vídeos e narrativas visuais que vão além, manifestando-se na valorização da língua de sinais. Aprender a praticar o registro por meio de videogravação envolve três processos principais: persistência temporal, interpretação multicamada e deslocamento contextual durante o ensino, permitindo que o aluno surdo experimente liberdade e criatividade.

No entanto, eles ainda permanecem concentrados em práticas vinculadas à língua oral, como tradução e adaptação, o que os mantém presos à territorialização relacionada à língua e cultura majoritária, oferecendo predominantemente obras canônicas.

Na atuação de professores de Libras e educadores surdos: nas práticas docentes destes profissionais ao trabalhar com textos (registros) de autores surdos que utilizam a sinalização menor para subverter normas e explorar novas formas de expressão, permite que os alunos surdos reflitam sobre suas próprias experiências e desenvolvam habilidades de análise crítica. Além disso, prepara-os para transitar entre diferentes contextos linguísticos e culturais, tornando o espaço educacional um ambiente de construção de autonomia, onde os alunos surdos podem criar e expressar suas próprias narrativas por meio de registros.

Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação do escopo de análise, incluindo outras manifestações artísticas surdas, como o teatro e a performance, e a incorporação de mais vozes da comunidade surda em contextos regionais diversos. Também seria relevante investigar como essas literaturas podem contribuir para a formação de novas políticas públicas voltadas à inclusão e à valorização da cultura surda.

Finalizando.... aponto que a sinalização menor é um novo início, já que esta pesquisa constata que as Literaturas Surdas, assim como a própria Libras, seguem sendo um campo de constante transformação e luta por espaço. O processo de produção desta tese evidenciou não apenas a potência criativa dessas literaturas, mas também o impacto pessoal e acadêmico que esse contato promove.

Espera-se que este trabalho possa servir como uma base para futuras discussões e, principalmente, para o fortalecimento das Literaturas Surdas em todos os espaços de circulação cultural e educacional.

7. SINALÁRIO

Algumas representações da Língua Brasileira de Sinais – Libras utilizadas em nossas pesquisas e na tese foram desenvolvidas para expressar os conceitos teóricos embasados na Filosofia da Diferença. A leitura das imagens deve respeitar a orientação do movimento indicada, iniciando pelos tons mais claros e seguindo para os mais escuros. As imagens exibem os frames completos dos sinais, permitindo uma compreensão detalhada da sequência e da dinâmica dos movimentos.

	
Afecto	Agenciamento
	
Cartografia Rizomática	Criação e/ou Produção culturais
	
Desterritorialização	Felix Guattari



Filosofia da Diferença



Giller Deleuze



Língua Menor



Linha de Fuga



Linha Molar



Linha Molecular



Literatura Menor



Literatura Surda



Ramificação Política



Reterritorialização



Sinalização Menor



Territorialização

²³

Valor Coletivo

QR Code de Sinalário

Fonte: Elaborado pelo autor

²³ https://drive.google.com/file/d/1rhtuPz1ZmkgGkPmL2Th9WDJKi_500XVx/view?usp=drive_link

8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Joyce Gomes de. Construindo processos de literatura surda na escola: reflexões, ações e proposta. 2019. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5854> Acesso em: 05/07/2022.

ANDRADE, Bianca Salles Conceição. REGIMES DE VERDADE EM TERRITÓRIOS SURDOS: Mídias Sociais como dispositivos biopolíticas nos processos de subjetivação de vidas surdas. 2022. 255 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciência Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17318> Acesso em: 28/10/2024

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. O lúdico e a infância em Manoel de Barros. Revista Educação Pública. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/23/o-luacutedico-e-a-infacircncia-em-manoel-de-barros> Acesso em: 05/07/2022.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. FÊNIX in Não pararei de gritar: poemas reunidos, Carlos de Assumpção (org.) Alberto Pucheu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BARROS, Manoel. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016

BATALHA, Maria Cristina. O que é uma Literatura Menor? Cerrados nº 35. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2013.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

BOGUE, Ronald. (2011). Por uma teoria deleuziana da fabulação. Tradução de Dovina Marques. In Amorim, A. C., Marques, D., Dias, S. O. (Orgs.). Conexões: Deleuze e vida e fabulação e... Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB.

BOLDO, Jaqueline. Intercorrência na cultura e na identidade cultura como o uso da Literatura Infantil. 2015. 134f. Dissertação (mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158894> Acesso em: 05/07/2022

BOLDO, Jaqueline; **SCHLEMPER**, Michelle Duarte da Silva. Literatura Surda: uma questão de cultura e identidade. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n. 7, p. 79-92, 2018

BOSSE, Renata Ohlson Heinzelmann. Literatura Surda no currículo das escolas do surdo. 2019. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/202035> Acesso em: 07/07/2022.

CAMPOS, Klícia de Araújo. Literatura de cordel em Libras: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo. 2017. 268 f. Dissertação (Mestrado em Estudo da Tradução) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185578A> Acesso em: 06/07/2022.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Língua menor é línguaafiada: Porque cortar e atravessar as coordenadas significantes de um mundo normal? Colóquios Deleuze e Guattari e Estudos Discursivos. 2022 Disponível em: <https://youtu.be/6lcfQmIvBwU>

COSTA, Gésica Suellen Sobrinho. Cinderela Surda, um estudo sobre a coesão textual em escrita de sinais – SIGWRITING. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/1055> Acesso em: 06/07/2022.

CRUZ, Denise Viuniski da Novas; **NEITZEL**, Adair de Aguiar (2019). Por uma literatura menor. *Acta Scientiarum. Education*, 41(1), e34184. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v41i1.34184>

DELEUZE, Gilles. Sobre o Teatro: um manifesto de menor; o esgotado. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora., 2010.

DELEUZE, Gilles; **GUATTARI**, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1 Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2 Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011

_____. Kafka: por uma literatura menor. Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. – 1. Ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Graal, 2006.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma literatura menor: A poética dos resíduos de Carolina Maria de Jesus. Patrimônio e Memória. p. 201 – 223. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREITAS, Renata. A dor do silêncio. Fortaleza, 26 set. 2019. Instagram: @renata_freitas_libras Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2449TtF EO/> Acesso em: 07 jan. 2022.

GALLO, Silvo. Em torno de uma educação menor. Educação e Realidade. p. 169-178. jul/dez, 2002.

GALLO, Silvo. Deleuze & Educação. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008

GARCIA, Mirian Theyla Ribeiro. SILÊNCIOS E SILENCIADO: O letramento literário de alunos surdos em turmas inclusivas no ensino médio na Educação de Jovens e Adultos. 2019. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36149> Acesso em: 07/07/2022

HEINZELMANN, Renata Ohlson. Para que serve a Literatura Surda. In: GOMES, Anie Pereira Goularte; HEINZELMANN, Renata Ohlson (Orgs.). Conecta Libras 1. 1 ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2015. p. 75-89.

HESSEL, Carolina; **ROSA**, Fabiano, **KARNOPP**, Lodenir. Cinderela Surda. Canoas: Ed ULBRA, 2005.

_____, Carolina; **ROSA**, Fabiano; **KARNOPP**, Lodenir. Rapunzel Surda. Canoas: Ed ULBRA, 2003.

JESUS, João Ricardo Bispo. Literatura em língua de sinais: A performance do escritor surdo Mauricio Barreto. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultural, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31642> Acesso em: 06/07/2022

JESUS. Carolina Maria de. QUARTO DE DESPEJO: Diário de Uma Favelada. Editora Ática, 2014. Disponível em: <https://dpid.cidadeoag.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>

JOUE, Vincent. Porque estudar literatura? São Paulo: Parábola, 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker; **SILVEIRA**, Carolina Hessel. Humor na literatura surda. Educar em Revista, [S.L.], n. -2, p. 93-109, 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37013>

KARNOPP, Lodenir; **ROSA**, Fabiano. Patinho Surdo. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

KARNOPP. Literatura Surda. 2008. 40f. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. 2008.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura? São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982

_____. LITERATURA: Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LOPES, Maura Corcini. Surdez & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

MARTINS, Caio Felipe Varela. MOLAR E MOLECULAR: o pensamento como ato criativo em Gilles Deleuze. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11868/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

MACIEL JR, Auterives; LESSA, Jadir Machado. Literatura menor e filosofia nômade: duas línguas revolucionárias. *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 7, n. 2, 2017 Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2601> Acesso em: 02/11/2024.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; **TORRES**, Regina Célia; **NICHOLS**, Guilherme. #CasaLibras Educação de Surdo, Libras e Infância: ações de resistências educativas na pademia da covid-19. São Carlos: Pedro e João, 2022.

MIRANDA JÚNIOR, José Orlando Ferreira de. EDUCAÇÃO E SURDEZ: Cartografias da Libras como Língua Menor. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Universidade Federal do Pará. 2017.

MORAIS, Mariana Peres de. A ESCRITA DE SI COMO RELAÇÃO SUBJETIVA E INSCRIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO SURDO. 2023. 153 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciência Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/18083/TESE%20OK%20.pdf;jsessionid=AB5F4BC09D992F23BE3F87D52B40B6D5?sequence=1>. Acesso em: 26 out. 2024.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura Surda: Produções culturais de surdo em língua de sinais. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32311> Acesso: em 05/07/2022.

_____. Literatura Surda: Experiência das mãos Literárias. 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/151708> Acesso em: 07/07/2022.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. (2006). Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. *Educação Temática Digital*, 7(2), 255-265.

NASCIMENTO, Vinicius; **MARTINS**, Vanessa Regina de Oliveira; **SEGALA**, Rimar Ramalho. TRADUÇÃO, CRIAÇÃO E POESIA: Descortinando desafio do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). *Domínio de Lingu@gem*. Uberlândia vol. 11, nº5 2017.

NICHOLS, Guilherme. LITERATURA SURDA: Além da língua de sinais. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2016.

NÓBREGA, Carolina Silva Resende. LITERATURA SURDA: As produções digitais de textos religiosos em Libras. 2017. 157 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Programa Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11938> Acesso em: 07/07/2022.

OLIVEIRA, Ana Cristina Di. LITERATURA E IMAGEM: Apreensão do signo estético para o surdo. 2019. 81f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia/GO, 2019. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4278> Acesso em: 07/07/2022.

OLIVEIRA, Carmen Elisabete de. Literatura Surda Infantil: Uma via para além do silêncio. 2019. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação, Comunicação e Arte, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019. Disponível: [TEDE: Literatura surda infantil: uma via para além do silêncio \(unioeste.br\)](http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4278) Acesso em: 05/07/2022.

PASSOS, Eduardo; **BARROS**, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015

PEIXOTO, Janaina Aguiar. O REGISTRO DA BELEZA NAS MÃOS: A tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Arte e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9184> Acesso em: 07/07/2022.

PELUSO, Leonardo. *Textualidade diferida: o uso de videogravações nas literaturas em Libras*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020

_____. *A textualidade surda em Libras: novas formas de produção literária*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2023.

_____. Os surdos, suas línguas e suas textualidade diferida. Sheila Maria dos Santos, Renata Lisboa Mothcy, Saionara Figueiredo dos Santos (Tradutores). PUC-Rio, 2024. Artigo publicado em português (Brasil). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=66943@1>. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.66943>. Acesso em: 28/10/2024

POKORSKI, Juliana de Oliveira. REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA: Produção da diferença Surda no curso de Letras Libras. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/107941> Acesso em: 07/07/2022.

PORTO, Shirley Barbosa Neves. De Poesia, muitas vozes, Alguns Sinais: vivências e descobertas na apreciação e leitura de poemas por surdos. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande/PB. 2007. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2548> Acesso em: 05/07/2022.

PRADO FILHO, K. P.; **TETI**, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbaroi, Santa Cruz do Sul, n. 38, Jun., p. 45-59, 2013.

PRADO FILHO, Kleber; **TETI**, Marcela Montalvão. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. Barbaroi, Santa Cruz do Sul, p. 45-59, 01 jun. 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

QUADROS, Ronice Muller de; **STUMPF**, Mariane Rossi. Letras Libras EaD in Letras Libras: Ontem, hoje e amanhã. Ronice Muller de Quadros (org.). Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014

QUADROS, Ronice Muller de; **PIZZIO**, Aline Lemos; **REZENDE**, Patrícia Luiza Ferreira. Língua Brasileira de Sinais. 2009. 39f. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. 2009.

RODRIGUÉZ, Aymmar. Descanse em paz? In: MOURA, Amanda Machado; Marina *et al* (org.). Poesia Gay Brasileira: antologia. Belo Horizonte: Amarelo Grão Editorial, 2017.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura Surda: O que sinalizam professor surdo sobre livro digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS. 2011. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1699> Acesso em: 06/07/2022.

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. A literatura menor em Deleuze e Guattari: por uma educação menor. Educação (Ufsm), [S.L.], v. 41, n. 3, p. 685-696, 15 dez. 2016. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/1984644423022>.

SANTOS, Almir Barbosa dos. O suporte digital no ensino de língua portuguesa para a comunidade surda: O caso da obra “As aventuras de pinóquio em língua de sinais/português” 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de comunicação social, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5718> Acesso em: 05/07/2022.

SAVAGE, Glenn C. O que é agenciamento de políticas? Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-21, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/20018/209209216274>. Acesso em: 01 out. 2021.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. *Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora*, v. 5, n. 2, p. 59-70, 15 dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19263>. Acesso em: 28 out. 2024.

SILVA, Fernanda Martins da. História e Literatura: interpretações sobre a poética de Manoel de Barros. *Fernanda Martins da Silva. COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO 2008 Ano VII – v. 7 p. 51-66 n.º 7* sin

SILVA, João Paulo da. Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras. 2014. f. 151. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07052015-170319/publico/2014_JoaoPauloDaSilva_VCorr.pdf

SILVEIRA, Carolina Hessel. LITERATURA SURDA: Análise da circulação de piada clássicas em Língua de Sinais. 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/131069> Acesso em: 07/07/2022.

SOUSA, Márcia Maria de; **OLIVEIRA**, Guilherme Saramago de. Cartografia: perspectivas metodológicas na pesquisa em educação. *Cadernos da FUCAMP*, v.21, n. 50, p. 17-33, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2702> Acesso em: 07 nov. 2022.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras* 1. Ed. Petrópolis/RJ Editora Arara Azul, 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Por uma história menor – uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. *Revista Estudo Feminista*. Florianópolis/SC. 2017.

VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. *Mão fazendo história*. Petrópolis/RJ, Editora Arara Azul, 2003.

VIANA, Wes. A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 542, p. 457-482, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v54n2/v54n2a23.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo, Global, 2003.

_____. *Teoria da Literatura*, 2.ed. – Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Ed. Dumará, Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf> Acesso em: 02/11/2024.

8. ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ALÉM DA LITERATURA SURDA: Novas potências linguísticas de criação internas ao uso da língua brasileira de sinais

Guilherme Nichols

Lilian Cristine Ribeiro Nascimento (Orientadora)

Vanessa Regina de Oliveira Martins (Coorientadora)

Número do CAAE: 67140020.4.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar as produções literárias surdas (produzidas em âmbito da criação) defendendo-a como literatura menor, diante do conceito posto nas filosofias das diferenças, a partir do conceito de Deleuze e Guattari. Para isso a tese deverá, antes de afirmar a produção

criativa surda, como literatura menor, descrever de que modo esse campo se constituiu e o que há de específico nas produções literárias que a legitimam.

Procedimentos:

Você irá participar de um grupo com outras 4 pessoas, com 4 encontros semanais com duração de 1 hora e 30 minutos. Os encontros serão realizados em local acessível a todos do grupo, podendo ser online, pelo Google Meet, caso necessário. No encontro, vocês assistirão a alguns vídeos de produção literária em Libras e depois apresentarão sua compreensão e sensações despertadas pelos vídeos. Os encontros terão como língua de interação a Libras e serão gravados para posterior análise. Os dados desta pesquisa serão armazenados em drive pessoal do pesquisador com acesso por senha, pelo período de pelo período de 5 anos.

A pesquisa terá início apenas após aprovação do protocolo de pesquisa no CEP.

Você **não** deve participar deste estudo se não dominar Libras e se não se interessar por vídeos literários produzidos em Libras.

Desconfortos e riscos:

Durante a participação nos encontros de coleta da pesquisa, você não corre nenhum risco previsível. Porém, se você se sentir constrangido ou desconfortável, poderá deixar de participar da pesquisa, em qualquer momento que desejar. Em nenhum momento seu nome ou imagem serão expostos, todo cuidado será tomado para que não ocorra vazamento dos dados.

Benefícios:

Não há previsão de benefícios diretos aos participantes, porém, ao participar dessa pesquisa, você contribuirá para o reconhecimento das produções em Literatura Surda e para a valorização da área de educação de surdos.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que os pesquisadores buscarão garantir o sigilo de sua identidade e nenhuma informação identificada ou identificável será fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

Ressarcimento e Indenização:

A equipe de pesquisa garante que você não terá qualquer custo. Qualquer custo que você tiver para participar da pesquisa, previsto ou não, não importando a natureza do custo, será ressarcida pela equipe de pesquisa.

Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com os pesquisadores: **Guilherme Nichols** - Rua do Pica-Pau, São Carlos – SP, Departamento de Psicologia na Universidade Federal de São Carlos – DPsi/UFSCar, F.: 16 99710-2587 E-mail.: gnichols@ufscar.br. **Lilian Cristine Ribeiro Nascimento** - Rua Bertrand Russel, 801 - Cidade Universitária, Campinas - SP, Cep: 13083-865, Departamento de Psicologia Educacional. F: 19992012597 E-mail: lilianrn@unicamp.br. **Vanessa Regina de Oliveira Martins**. Rua do Pica-Pau, São Carlos – SP, Departamento de Psicologia na Universidade Federal de São Carlos – DPsi/UFSCar, F: 16988238682 E-mail:

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)